ISMAEL A. CHUVAS
ENCADERNADOR
C. DOS APOSTOLOS
COIMBRA

CF
B/2/1
Reg.º 21
Sala 1

Faculdade de Letras de Coimbra
CENTRO DE ESTUDOS ROMÂNICOS
Carolina Michaëlis de Vasconcelos
N.º_____/_____

EXCLUIDO DO
EMPRÉSTIMO
DOMICILIÁRIO

AS OBRAS DO CELEBRADO LVSITANO,

O doutor Fracisco de Sà de Miranda.

Collegidas por Manoel de Lyra.

Dirigidas ao muito illustre Senhor dom Ieronymo de Castro, &c.

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Impressas com licença do Supremo Conselho da Santa Geral Inquisiçaõ, e Ordinario. Anno de 1595.

Com privilegio Real por dez annos.

VIDA DO DOVTOR FRANCISCO DE SA DE MIRANda, collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão, & tratarão, & dos liuros das gerações deste Reyno.

NASCEO Francisco de Sà de Miranda na Cidade de Coymbra no Anno do Senhor de 1495. o mesmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou posse do gouerno destes Reynos, foy filho de Gonçalo Mendes de Sá, & neto de Ioão Gonçalues de Miranda, que viueo junto a Buarcos, & de Dona Phelippa de Sâ sua molher, que era filha de Rodriguenes de Sà, & neta de Ioão Rodrigues de Sá o primeiro que chamarão das Galès assas conhecido em tempo del Rey Dom Ioão de boa memoria. Despois das primeiras letras de humanidade (em que foy insigne) estudou leys mais em obsequio ao gosto del Rey Dom Ioão o Terceiro, q̃ de nouo plantara então a Vniuersidade na sua terra; q̃ por inclinação que tiuesse àquella maneira de vida, & com tudo obedecendo a seu pay que lha escolbera, continuou nella com felices porgressos, & sabio grande letrado, tomou o grao de Doutor, & leo varias cadeiras daquella faculdade em sua propria patria, porẽ conhecẽdo os perigos que o vso desta sciencia tras consigo em materia de julgar, tanto que lhe faltou seu pay não sô deixou de todo as escollas, mas engeitou os lugares do Desembargo, q̃ por muitas vezes lhe forão offerecidos ficando sò consumandose no estudo da Philosophia Moral, & Estoyca a que sua natureza o inclinaua.

¶¶ Eleuan-

E leuantandolhe ella o pensamento ao desprezo de todas as cousas de cà, quis peregrinar pollo mundo, porque no repouso a que determinaua recolherse, o não inquietassem as nouas do que não vira, & assi se foy a Italia visitando primeiro os mais celebres lugares de Espanha, & tendo visto com vagar, & curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença, & o milhor de Cicilia, tornouse ao Reyno, & deteuese algum tempo na corte del Rey Dom Ioão o Terceiro, que ja auia muito que reynaua, & alli co as calidades de sua pessoa, & boas partes q̃ nelle concorrião, sem outra alg̃a ajuda das que costumão leuantar ainda os indignos, se fez tamanho lugar, que foy sem controuersia, senão o mayor hum dos mais estimados cortesaõs de seu tempo, concorrendo cos milhores que este Reyno teue por ventura, & isto naõ so dos companheiros, mas del Rey, & dos Principes, & o que he mais dos vallidos com quem ordinariamente nam adiantão os amigos de antes quebrar, que torcer (como elle diz) tomando em desprezo proprio a estimaçam alhea, & sentindo como injurias particulares a detestaçam que os judiciosos, & discursiuos fazem dos vicios em gèral.

Mas nam foy isto sempre, o bom acolhimento digo que achou no mayor poder, porque ainda que o nosso Poeta podera ser em seu modo mayor que a enueja (Como Quinto Curcio diz que o foy Alexandre no seu) nam quis ella perdoarlhe, concitando em seu danno hũa pessoa muito poderosa daquella era em desprazer de quem se interpretaua mal polla mesma enueja hum lugar da sua Egloga de Aleyxo, o que sentindo elle, nem querendo declararse milhor, nem esperar â vista os effeitos da ira declarada, tendolhe el Rey dado hũa Comenda do Mestrado de Christo, que chamaõ as duas Igrejas no Arcebispado de Braga junto à Ponte de Lima, recolheose a hũa quinta que tambem tinha ahi perto chamada a Tapada, deixando o mimo da Corte, a conuer-

saçam

façam aos amigos, a esperança de mayores mercês assegura da no fauor do Principe Dõ Ioaõ, q̃ em muito tẽra idade, começaua a fazerlhe grande, è do Cardeal Dõ Henrique, q̃ cõ mostras de particular affeição assistia a suas cousas, è estando alli logrando quietamẽte o fruto de seus estudos, & peregrinações, casou com Dona Briolanja Dazeuedo filha de Francisco Machado senhor da Lousaã, de Crasto, Darega, & das terras de entre Homẽ, & Câuado, & de Dona Ioana Dazeuedo sua molher, com a qual viueo annos em grande conformidade sendo ẽlla taõ pouco fermosa exteriormente, & de tanta idade q̃ quando a pedio a seus irmãos Manoel Machado, é Bernaldim Machado, por ser seu pay jà morto, não quiserão elles diffirirlhe ao casamento, sem q̃ primeiro visse bẽ a noyua, & sendolhe mostrada pollos irmãos, disse para ella, castigayme senhora cõ esse bordão, porq̃ vim tam tarde, mas parece q̃ como Francisco de Sà viueo em todas as cousas do mundo quasi abstraydo do mesmo mundo, q̃ assi foy tambẽ nisto, naõ lhe faltando algũ Philosopho aquẽ imitasse, estimando sobre tudo os dotes dalma daquella matrona, q̃ foram excellentes, cõforme a seu estado por testemunho de homẽs daquella comarca, que indà oje o dam do cuidado q̃ tinha da honra de Deos, do descanso de seu marido, da criaçam de seus filhos, da doutrina de seus criados, & do prouimento de sua casa, com que o marido a amaua de maneira q̃ faltandolhe ella faltou elle breuemente entre estremos de sentimento senam dignos do animo de hũ tam grande Philosopho, deuidos pollo menos á estimaçam que com seu profundo juizo fez daquella perda.

Teue dous filhos desta molher de q̃ o primeiro se chamou Gonçalo Mendez de Sâ como seu auò, o qual ainda muy mancebo, mas de tam boa indole, & partes (como o elle pinta na Elegia, que acerca de sua morte respondeo o Doutor Antonio Ferreira) mandou a Africa seruir hũa comenda

(a onde quasi todos os moços daquelle tempo tinhão a
primeira espada) & chegado de poucos dias a Ceyta sucee-
deo a perda de Dom Pedro de Menezes filho do primeiro
Conde de Linhares Dom Antonio, que era Capitam do lu-
gar onde Gõçalo Mendez tambẽ acabou cõ muitos outros,
entre os quais foy Dom Antonio de Noronha sobrinho do
Capitam filho do Conde Dom Francisco q̃ deu cõ sua morte
occasiam âquella lamentauel Egloga de Luis de Camões de
Vmbrano, & Frondelio. Chamouse o outro filho Hieronymo
mo de Sà Dazeuedo, o qual casou despois da morte de seu
pay cõ Dona Maria de Menezes filha de Francisco da Sil
ua de Menezes o Galego, irmaõ inteiro de Diogo de Sousa,
q̃ foy pay do Conde Ruy Mendes de Vasconcellos, que oje
viue, è de Dona Lianor de Mello sua molher filha de Dõ
Aluaro de Mello Abbade, q̃ foy de Refoyos de Lima, dos
quais he filho Francisco de Sà de Menezes, que viue de pre
sente neto do nosso Francisco de Sá, è o foy tambẽ hũa irmã
sua q̃ casou cõ Dõ Fernando Cores Sotomayor, q̃ viuia em
Saluaterra de Galiza o anno de 1593. já viuuo della, &
be rezaõ que digamos aqui q̃ quando aquelle fidalgo casou
com esta neta de Francisco de Sà, quis que no dote q̃ lhe de-
ram entrasse em hũ grande preço o Liuro Original de suas
Poesias, o qual tẽ, & estima como ellas merecẽ, a mayor par
te das quais elle cõpos naquella sua quinta da Tapada em
estilo Lirico, & Pastoril, & todas, ou as mais dellas sobre
casos particulares que succederam na corte em seu tempo,
introduzindo pessoas conhecidas daquelles q̃ entam viuiaõ,
de que ainda temos algũas tradições, è vestigios deriuados
a nòs dos contẽporaneos que o venceram em dias, & se ou-
uera algũ que fizera hũa anotaçam disto, por ventura que
fora bem agradauel historia, porque nam ficaramos só pen-
dẽtes cada hum de seu juizo na especulaçam destas causas,
ainda que o engenho, & artefício Poetico cõ que as elle dis-
pos he

curiosidade, porque de maneira se aproueitou da doutrina, & preceitos de todos os Philosophos, & Poetas que se concorrera cõ elles em hum mesmo tẽpo, mal se poderão determinar os homẽs q̃ lerão as obras de hũs, & outros quẽ imitara a quẽ; que assi leuantou Francisco de Sà, & sobio em muitos lugares as cousas daquelles que milhor se pode affirmar, que saõ nelle proprias, que imitadas.

Tratou antes de conceitos, & substancias, que de termos vãos, & põposos, spanto de principiantes, rediculos; & inuteis aos que milhor entendem, guardando todauia com tamanho rigor as regras da arte, que os que attentamente o passarẽ não lhes ficarà necessidade de lèr em as Poeticas de Aristoteles, & Horacio, que elle parece, não largaua da mão.

Foy o primeiro que compos versos grandes neste Reyno, bastante desculpa das miudezas q̃ se tachão em algũs seus desta medida (pera aquelles homẽs, ao menos que attendẽdo ao que se diz, não curão muito do modo) & tambem o he não pequena pera os muy obseruantes da lingoa Castelhana, se no que compos nella acharem que calumniar (em rezam de palauras), auer escrito em tempo que os Portugueses senam entendiam tambem co ella, como com elles; & as lingoas vulgares, que nam pendem de preceitos coartadamẽte nunca se sabem bem senam co vso contino, & tratto ciuil; & sempre os estrangeiros, que as nam tiuerem praticado mnito fallaram, & escreueram com grande perigo nellas de maos ascentos, & piores significações, de que poderamos appontar exemplos, senam ficaram mais em escandalo de algũs, q̃ em vtilidade de nosso intento q̃ ha mister menos, porq̃ na substancia, è madureza de Francisco de Sâ saõ isto accidẽtes de nenhũa importancia, o qual naõ sòmẽte foy inculpauel na grauidade das sentẽças, na agudeza dos concei

na imitação dos Poetas, na obseruação das regras, senão inimitauel tãbẽ na pureza cõ q̃ fallou em materias amorosas, q̃ he de maneira que até as duas Comedias q̃ fez em prosa, q̃ por rezão do estilo Comico saõ mais licenciosas, o Cardeal Dom Anrique que despois foy Rey destes Reynos, tam pio tam zelador da Fè, & dos bõs costumes, reformador das Religiões, Legado à Lattere, Inquisidor Mór, não só lhas mãdou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que despois foram grauissimos ministros, a que se achou presente entre outros Dom Iorge de Atayde Bispo de Viseu, meritissimo Abbade d'Alcobaça do Conselho do Estado, & Capellão Môr del Rey, senão pouco despois de Francisco de Sà morto, porque se ellas nam perdessem as fez imprimir ambas em Coymbra na forma em que andam, & as tinha, & lia muitas vezes.

Foy tam particular mestre do tratto da nossa Corte do nosso modo de conuersar dos termos com que entre nòs se declaraõ os que milhor sabem declararse, que passando ha tantos annos ainda oje os bem lidos nelle se vallem de sua doutrina, como de Apothemas argutissimos em toda a varieda de de materias tocantes a estilos de Corte, & costumes politicos, & ainda os Prègadores nos pulpitos.

Morreolhe sua molher o Anno de 1555. com o q̃ elle começou a morrer logo tambem pera todas as cousas de seu gosto, & antigos exercicios, tanto que viuendo ainda tres annos despois della, nam se acha que composesse mais que hum Soneto, que fez á sua morte, que começa. Aquelle spirito jâ tam bem pagado, & affirmão pessoas que o conheceram, que nunca mais sahio de hũa casa, senam pera ouuir os Officios Diuinos, nem apparou a barba, nem cortou as vnhas, nem respondeo a carta que lhe alguem escreuesse atè que acabou de todo.

Foy

Foy homem grosso de corpo, de meãa estatura, muito aluo de maõs, & rostro, com pouca còr nelle, o cabello preto, & corredio, a barba muito pouoada, & de seu natural crecida, os olhos verdes bem assombrados, mas com algũa demasia grandes, o naris comprido, & com cauallo, graue na pessoa, melancolico na apparencia, mas facil, & humano na conuersaçam, engraçado nella com bom tom de falla, & menos parco em fallar, que em rir, & porque pode seruir pera melhor intelligencia de algũas figuras, termos, & sentẽças destes seus papeis o conhecimento de seus particulares exercicios, direy aqui o que pude alcançar delles.

Era inclinado á caça dos Lobos, & exercitaua muitas vezes, indo a ella foteado todo, & â gineta, jugaua o taboleiro, & nenhum outro jogo, donde parece que tirou a metaphora de que vsa nas Eglogas de Basto, & na de Nemoroso, & alguns outros lugares, como [Si licet sacra miscere profanis] fez o Propheta Amos, que do exercicio do campo em que se criou tomou os termos com que escreueo a sua prophecia; tangia violas darco, & era dado à musica, de maneira que com nam ser muy rico tinha em sua casa mestres della custosos, que ensinauam a seu filho Hieronymo de Sá, de quem se diz que foy estremado naquella arte, & contaua Diogo Bernardes (a quem seguimos em muita parte disto) que quando o hia a ver viuendo em Ponte de Lima, patria sua, lhe mandaua tanger o filho em diuersos instrumentos, & o reprendia algũa vez de algum descuido, foy sobrio, & austero consigo, & largo com algum excesso cos hospedes que indifferentemeute agasalhaua com gosto particular, costumando a dizer, que o liurauam de si o tempo em que os conuersaua, & cõrezam, porque se conta delle que estando sem gente de cumprimẽto (& ainda cõ ella) se suspendia algũas vezes, & muy de ordinario derramaua lagrimas sem o sentir; porque quando lhe acontecia à vista

a alguem, nem as enxugaua, nem torcia o rosto, nem deixaua de continuar no que hia fallando, parece que como outro Heraclito com a magoa do que lhe reuelaua o spirito dos infortunios da sua terra, de que nestes papeis seus se vee quam grandemente se temia.

Soube tanto da lingoa Grega, que lia a Homero nella, & acotaua de sua mão em Grego tambẽ, & no anno de 1584. tinha este liuro que fora seu, Gonçalo da Fonseca de Castro morador em Lamego fidalgo curioso, & bem instruydo na lingoa Latina, ao qual, & a Gomez Machado Dazeuedo, que ainda oje viue na comarca d'entre Douro, & Minho, & viuia entam em Villa Real, sobrinho da molher de Francisco de Sà, filho de Bernaldim Machado seu irmão, & aos Doctores Hieronymo Pereyra de Sá, & Anrique de Sousa Desembargadores que foram do Paço pouco ha passados, estreitos parentes seus, ê ao senhor Dom Manoel de Portugal digno por seu admirauel spirito deste, & doutros mayores titulos, com os mais que nomeamos seguimos nesta Relaçam.

E sobre tudo o que mais soube Francisco de Sâ foy ser pio, & Catholico Christaõ, deuotissimo em particular da Virgẽ nossa Senhora, em cujo louuor compos as duas Canções que nestes papeis se vem em seu nome. Morreo com todos os Sacramentos de idade de 63. Annos no de nosso Saluador de 1558. está enterrado na Igreja de Sam Martinho de Carrazedo Arcebispado de Braga com sua molher, & cunhados na Capella de Santa Margarida.

E Martim Gonçaluez da Camara varam grauissimo filho do Capitam da Ilha da Madeira do Conselho do estado del Rey grande vallido de Dom Sebastiam o primeiro, & muy estimado de sua Magestade, que Deos guarde auendo resistido as dignidades Ecclesiasticas que lhe foram offerecidas, & retiradose no fim da idade a viuer priuadamẽte cos

Padres

Padres da Companhia em Sam Roque de Lisboa, não lhe pareceo que encontraua os intentos com que se alli fora, nem as calidades, & circunstancias que nelle concorriam em tratar da honra que se deuia à memoria de tam grande homẽ, & assi se occupou os vltimos meses de sua vida em lhe mandar lá melhorar a sepultura, & pôr este Epitaphio em lingoa Latina, polla qual obra será sempre tam louuado dos bõs spiritos, como he rezam que o seja de todos os homẽs pollo zelo da justiça, & bem publico que mostrou em todos os estados, & fortunas, &c.

EPITAPHIVM

FRANCISCI DE SAA

De Miranda.

RVstica quæ fuerat solis vix cognita siluis
Aulica Miranda Musa canense fuit
Maturosq; iocos, & ludrica seria ludens
Diuina humanum miscuit arte Melos
Cum posset gladio transcendere nomen auorum
Maluit arguti militiam calami
Post habuit fasces, & inertis laudis honores
Ac docuit plectro pro meruisse decus
Omnia Mirandus Mirandus puluére, in ipso est
Puluére in hoc patriæ gloria escripta manet.

TABOADA
DESTE LIVRO.

Eglogas.

D *De los nobles Floyais.* Fol. 53
Derecho successor, firme coluna. 65
E *El congoxoso llanto, el temerario.* 32
Estas nuestras çampoñas las primeras. 77
F *Filho daquelle nobre, & valeroso.* 41
I *Inclito Rey que de vno al otro Polo.* 9
P *Polas ribeiras de hũs rios.* 93
S *Serenissimo Iffante a quien se deue.* 22

Cartas.

C *Como eu vi correr pardaos.* 107
Cuidando em vos senhora no alto engenho. 125
D *Dos nossos Sâs Coloneses.* 115
E *Em quanto de hũa esperança.* 111
Esta branda Elegia, esta tam vossa. 132
G *Guadalquiuir arriba a rica praya.* 121
M *Monte Mayor, que a lo alto del Parnaso.* 128
N *No lugar onde me vistes.* 118
R *Rey de muitos Reys se hum dia.* 102

Elegia.

O *O Principe Dom Ioam de Portugal.* 134

Can-

Cançoes.

D — Dia gracioso, & claro. 141
V — Virgem fermosa que achastes a graça. 138

Sonetos.

A — A Principe tamanho. 1
— A do se boluerà. 6
— Ah que diré que es esto. 5
— Alma que fica por fazer. 3
— Amor que nam farà. 3
— Amor tirando vá. 6
— Aquella apresurada. 5
— Aquella fé tam pura. 2
— Aquellas esperanças. 2
— Aquelle spirito jâ. 7
— Assi que me mandaueis. 8
— A vossa verdadeira penitente. 7
C — Cabe vna fuente. 6
D — Del Tibre embuelto. 4
— Desarrezoado amor. 2
E — Em pena tam cruel. 2
— Entre Sesto, y Abido. 5
— Este retrato vosso. 7
I — Inda que em vossa Alteza. 1
— Yo no entiendo bien que. 4
L — Lleuada al sacrificio. 5
N — Nam ousaram têgora. 8

Nam sey que em vos. 3
Neste começo de anno. 7
O — O Sol he grande. 3
Q — Que es esto Philis. 6
Quando eu senhora em vos. 4
Quien darà a los mis ojos. 4
S — Soem as vezes ser. 8
T — Tantas merces. 8
Tardey, & cuido. 1

Esparsas.

A — A vossa bulla do amor. 144
C — Como nam quereis que seja. 144
Serra a serpente os ouuidos. 145
D — Do passado arrependido. 144
M — Mandar em tal tempo luuas. 145
N — Nam vejo o vostro a ninguem. 144
P — Porque pudera abafar. 144
Q — Quando nos meus erros cuido. 145
Que la mi vida se assuele. 145
T — Todas as cousas tem cabo. 144
Tornouse me tudo em vento. 144

Cantigas.

A — Ay que el alma se me sale. 150
Alma tam sem assossego. 148
Até quando me tereis. 151
C — Cego deste meu desejo. 146

Comigo

Comigo me desauim. 145
Como no se desespera. 149
D De quem me deuo queixar. 151
E El agrauio que recibo. 148
En toda la Tramontana. 150
Entre temor, & desejo. 151
F Foyme grande agrauo feito. 146
H Hũa morte ey de morrer. 149
Huye el tiempo, està el mal quedo. 150
L La que yo tengo no es prision. 149
La bella mal maridada. 150
Ledo em meus males sem cura. 149
M Mal de que eu me contentey. 149
N Nacido, & criado em meo. 145
Nada do que vêz he assi. 146
Naquella alta serra. 151
O O coração que vos vee. 146
Olhay a camanha estreita. 147
P Pois meu mal com quanto he. 147
Por estes campos sem fim. 147
Puede se esta llamar vida. 148
Q Que he isto onde me lançou. 145
Quanto mal me hão ordenado. 148
R Rezão, & tempo seria. 146
S Senhora oyd la mi suerte. 148
Se me este cuidado atura. 147

Sortes,

Sortes, & venturas são. 145
T Toda a esperança he perdida. 147
Tudo passa como vento. 147

Vilancetes.

A Acostumeyme a meus males. 157
C Coraçáo onde jouuestes. 153
D Deixayme as minhas tristezas. 153
Desenganey hum cuydado. 155
Dime tu señora di. 156
E Em pago daquella dòr. 152
En mi coraçon os tengo. 155
En las tierras de do vine. 154
Esperanças mal tomadas. 152
Este mal. 155
Estes meus olhos que assi. 154
N No pregunteis a mis males. 152
O O meu mal pudeo sofrer. 154
Os meus castellos de vento. 154
P Pois os meus olhos sam vossos. 153
Pollo bem mal me quisestes. 156
Por malos emboluedores. 158
Pusiera los mis amores. 158
Q Que posso de vos dizer. 156
Que mal auindos cuidados. 152
Que vos farey meu cuidado. 155
Quem cuidar, & quem disser. 155

Quien te hizo Iuan pastor. 156
Quien viesse aquel dia. 157
S Saudade minha. 154
Secaronme los pezares. 157
Se meu tormento me desse. 153
Sola me dexastes. 155
T Taño os yo mi pandero. 157
Todos vienen de la Villa. 152
Tu presencia desseada. 156

Epitaphios.

A Alma que em tam breues dias. 156
D De quam pouca terra satisfeita jaz. 158

Sextina.

N Nam posso tirar os olhos. 143

Redondilhas.

A Ay razon que tal consente. 143
I Inda que me eu ria, & cale. 158
P Partio o Francisco florido. 159

Grosa.

N Nose porque me fatigo. 160

O que vay acrescentado nesta segunda impressaõ.

¶ Hũa Elegia ao Principe Dom Ioam de Portugal.
O Principe Dom Ioam de Portugal.

Canção.

TABOADA.

Canção.

Dia gracioso, & claro.

Sonetos.

Neste começo de anno em tam bom dia.
Aquelle spirito ja tambem pagado.
Este retrato vosso he só final.

Esparsas.

A vossa bulla do amor.
Mandar em tal tempo luuas.
Serra a serpente os ouuidos.

Cantigas.

Como no se desespera.
Entre temor, y desseo.
Atè quando me tereis.

Vilancetes.

Quien viesse aquel dia.
En pago daquella dór.
No perguntеis a mis males.

Redondilhas soltas.

Partio o Francisco florido.
Inda que me eu ria, & cale.

O principio da Egloga de Aleyxo.

Em varias Cartas algũas Trouas.

FIM.

A terceira vez, mandandolhe mais obras.

SONETO.

Ardei, & cuido que me julgão mal,
Qu' emendo muito, & qu'emendãdo dãno,
Senhor porqu'ei grã medo ao mao engano.
Deste amor que nos temos desigual:
Todos a tudo o seu logo achão sal,
Eu risco, & risco, voume d'anno em anno:
Com hum dos seus olhos soo vay mais vfano
Philippo, assi Sertorio, assi Hannibal.
Ando cos meus papeis em differenças,
São preceitos de Horacio (me dirão)
Em al não posso, sigoo em apparenças:
Quem muito pelejou como irâ sam?
Quantos ledores, tantas as sentenças,
Cum vento vellas vem, & vellas vão.

Canção a Nossa Senhora, seguindo ao Petrarcha na composição daquella, *Vergene bella, &c.*

Irgem fermosa, que achastes a graça
Perdida antes por Eua, onde não chega.
O fraco entendimento chegue a Fee;
Coitada desta nossa vista cega,
Que anda apalpando pella neuoa baça,
E busca o que ante si tendo não vee,
Sem saber atinar como, ou porque
Entrei pellos perigos,
Rodeado de imigos,
Por piedade avos venho, e por merce,
Vos q̃ nos destes claro a tanto escuro,
Remedio a tanta mingoa,
Me dareis lingoa, & coração seguro.

Virgem toda sem magoa, inteira, & pura,
Sem sombra nem daquella culpa, herdada
Por todos nòs, tè o fim desde o começo,
Claridade do Sol nunca turbada:
Sanctissima & perfeita creatura:
Ante quẽ de mĩ fujo, & me aborreço:
Ey medo a quãto fiz, sey que mereço,
Dos meus erros m'espanto,
Que m'aprouuerão tanto,
Agora á sò lembrança desfalleço:
Mas lẽbrame porem que vos fizestes
Paz entre Deos & nos,

E aquẽ por vos chamou sempr' a mão destes.

Virgem seguro porto, emparo & abrigo
Aas mores tempestades, ah que tinha
Aos ventos esta vida encomendada,
Sem olhar ja a que parte hia ou vinha,
Descuidado de mĩ, & do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada:
Não vos seja em desprezo esta coitada
Alma que ante vos vem
Cos receos que tem,
De imigos grandes mal ameaçada:
E que eu tão peccador & errado seja,
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, & assi sobeja.

Virgem do mar estrella, & neste lago
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Pera o porto, antes claro & certo Norte:
Quem sem vos atinar; quem poderia
Abrir somente os olhos? vendo o estrago
Qu' atras olhando deixa feito a morte?
Quem me daria proa com que corte
Por tão braua tormenta?
De toda parte venta,
De toda espanta o tempo feo & forte:
Mas tudo que sera? co a vossa ajuda
Neuoa d'alagoa,
Que ao vẽto voa, & num momento a muda.

Virgem perfeita, & do Sacrario sancto
Porta qu' Ezechiel cerrada via,
Aa parte que responde ò Oriente:
Alto Situado, que todo elle ardia
Sem offendido ser tanto nem quanto,
E foi tal testemunha ali presente.
Vello de Gedeão, diuinamente,
E diuino final
Do orualho celestial,
Que tudo o mais enxuto, elle sò sente:
Senhora que podeis, em tal afronta
Restituime a mi
Antes da fim, que o sol vayse & trasmonta.

Virgem & madre juntamente, quem
Tal nunca ouuio? nẽ dantes nem depois,
Somẽt' em vos então quem o entendeo?
Vos madre & filha, vos esposa fois
Daquelle que apertado ao peito tem
Vossos braços, o que não pode o ceo,
Na vossa alta humildade se venceo
O soberbo tyranno,
Que com enueja & engano
Nos fez tão perigosa & longa guerra:
Por molher se causou tal dãno nosso,
Quem nos restituio
De vos sayo Sñora, o preço he vosso.

Virgem nossa esperança, hum alto poço,
De viuas agoas, que contino corre:
Em que se matão pera sempre as sedes,

Não de Nembrot, mas de Dauid a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Assi tão perseguido como vedes,
Dantre tão altas, tão grossas paredes,
De ferro carregado,
Hum coração coitado
Chama por vos enuolto em bastas redes:
Hũas sobre outras; porem sinais tenho
De ser do vosso bando,
Que a vos bradando por piedade venho.

Virgem do Sol vestida, & nos seus rayos
Claros, enuolta toda, & das estrellas
Coroada, & debaix'os pès a lũa,
Sam vindas minhas culpas & querellas
Sobre mĩ tantas, valeim' aos desmayos,
De muitas que possa yr chorando algũa:
Não me deixarão o desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos,
Leuarãome os desejos
Tantas occasiões, indo hũa & hũa;
Quem tormenta passou per toda a praya
Com os ventos contrastando
Saya nadando ja cõa vida, & saya.

Virgem horto precioso, alto & deseso,
Rico ramo do tronco de Iesse,
Que floreceo milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fè,
Que vos sò toda tiuestes em peso,
Tendo hum & o outro Sol sua luz ausente;

A alma que os seus enganos tarde sente
Altissima senhora,
Por vos sospira & chora;
Ontem minino, sou velho ao presente,
De dia em dia voume, d'anno em anno,
A a minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha & o dano.

Virgem andando aqui, ja celestial,
E em corpo assi leuada ao ceo Empyreo,
Sem ser vista mais ca de olhos humanos,
Certa porta do ceo, dos valles lyrio,
Que nunca teue nem terá igual,
Dada porsò remedio a nossos dãnos,
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejão da noite escura;
Esperança segura
Taes forças, contra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra & por mar,
Não digo eu auer medo,
Mas sair ao campo ledo, & pelejar.

Virgem das Virgẽs, como o tempo voa!
Nossa certa esperança,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda parte soa!
Quãtas lagrimas caem mal derramadas!
Mas posto de giolhos
A vos os olhos, tudo o mais sam nadas.

A HVM CAPITVLO DA MANEIRA ITALIANA, QVE FEZ FRANCISCO DE Sá de Meneſes á Madanella.

De Franciſco de Miranda, SONETO.

A voſſa verdadeira penitente
Quã bẽ guardaſtes ſeus põtos deuidos,
Os Apoſtolos erão ja partidos,
Ella não parte, ved' o qu' ali ſente:
E aſsi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos:
Tudo amor vence, altiſsimos ſentidos,
A quem tal ortelão ſe faz preſente.
Gregorio a poem por hũa, outros doutores
Fazẽas tres, apos Gregorio vão
Deſpois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direy eu ſenhor que ſam,
Aquelles outra vez, que ſam amores,
Dos taes ſoſpiros hum ſoo nunca em vão.

SONETO.

YO no la entiendo bien, mas esta fuente
Habla comigo: y horas se m'antoja,
(Como de tantas quexas) que se enoja,
Oras que me consuela, y que las siente.
Truxome aqui vn cuidado, y no consiente
Que me vaya a otra parte, y que m'acoja
De los sueños en q̃ando, juzgue, escoja,
Ya verguença es tarda tan luengamẽte.
Gran fuerça se m'ha hecho alos mis ojos,
Grande al entendimiento, andando assi
De veras occupado en mis antojos.
No se lo que me vi, ni que no vi,
Quien puso tal sabor en mis enojos?
A pesar (ques peor) tanto de mi.

DOM MANOEL DE PORTVGAL, A FRANCISCO de Sà, mandandolhe hũa Ecgloga.

SONETO.

Ocm às vezes ſer mais eſtimadas
As pallidas eſpigas, puramente
Offrecidas, que o ouro reluzente
Deſcuberto por veas ſoterradas.
Por iſſo ante vos vão confiadas
(Rariſsimo Franciſco, & excellente)
A rudeza d'eſtillo differente,
E as incultas eſtanças deſornadas.
O que brotou de ſi a natureza,
D'arte nem d'artificio ajudada,
Colhido ſem fazão ſenhor offreço.
A vontade de vos ſeja eſtimada,
Qu'em tão baixo tempo, em q̃ pureza
Em q̃ obras não ha, deue ter preço.

Reposta

REPOSTA DE FRANCISCO de Sâ, pellos meſmos conſoantes, como fez o Petrarcha.

SONETO.

Antas merces tão deſacoſtumadas,
Como as ſeruirey eu deuidamente?
Farei como ja fez hũ innocente,
Hum ruſtico paſtor d'antre as manadas:
Que d'agoa offreceo em maõs lauadas
A Xerxes: bebeo elle, & ſanctamente
Iurou, que não bebera tè o preſente
Cõ tal ſabor, por copas d'ouro obradas.
Senhor dom Manoel, ſe a ſó clareza
D'um peito aberto, puro, & fé lauada,
Muito merece, muito vos mereço.
A pedraria vãmente eſtimada,
Os ricos cryſtallinos de Veneza,
Lá ſ'achão, eu ós meus palmos me meço.

Soneto.

SONETO.

Alma que fica por fazer desdoje
Na vida mais se a vã minha esperança
Que sempre sigo, que me sempre foge,
Ia quanto a vista alcança a não alcança?
Fortuna que fará? roube, despoje,
Prometa doutra parte em abastança,
Que tem cõ que m' alegre, ou com q̃ anoje?
Tanto tempo ha que dei mão á balança.
Chorei dias & noites, chorey annos,
E fui ouuido ao longe, pello escuro
Gritando, acrecẽtar muito em meus dãnos.
Agora que farey? por amor juro
De tornar a cantar fora dengano,
E por muito do mal, posto em seguro.

Soneto.

SONETO.

AQuella fee tão clara & verdadeira,
A vontade tão limpa, & tão sem magoa,
Tantas vezes prouada em viua fragoa
De fogo, hi apurada, & sempre inteira:
Aquella confiança de maneira
Qu'encheo de fogo o peito, os olhos d'agoa,
Porqu'eu ledo passei por tanta magoa,
Culpa primeira minha, & derradeira.
De que me aproueitou? não de al por certo
Que d'um soo nome tão leue & tão vão,
Custoso ao rosto, tão custoso â vida.
Dei de mĩ que fallar ao longe, & ao perto,
Ria, assi se consola a alma perdida,
Se não achar piedade, ache perdão.

Soneto.

SONETO.

Quien darà a los mis ojos vna fuente
De lagrimas, que manen noche y dia?
Respirarà siquiera esta alma mia,
Llorando ora el passado, ora el presente.
Quien me darà apartado dela gente
Sospiros, qu'enla mi luenga agonia
Me valgan, qu'el afan tanto encubria,
Siguioseme despues tanto accidente?
Quien me dara palabras con que iguale
A tanto agrauio, quanto amor m'ha hecho?
Pues que tan poco el suffrimiento vale?
Quien m'abrira por medio este mi pecho,
Do yaze tanto mal? donde no sale
A tanta cuita mia, y mi despecho?

Soneto.

SONETO.

DEl Tybre embuelto, al nueſtro Ta
jo vfano,
De ſus arenas de oro, y rica praya,
Todo lo enchi de lagrimas, q̃ vaya
Dando al mundo ſeñal del dolor vano.
Fragua, no coraçon, no pecho humano;
Quantas de torres, quanta de atalaya
Alçaes cad'hora, a fin que todo caya,
Por tierra, y metan todo a ſaco mano.
Que Siſipho quereis mas embebido
En ſus trabajos, y loca perfia?
Eislo arribado al monte, eislo boluido.
Noches tras noches van, dia tras dia,
No pido a amor piedad, conſejo pido,
Mandame loquear como ſolia.

Soneto.

SONETO.

EM tormentos crueis tal ſofrimento,
Em taõ continua dor, que nunca aliua,
Chamar a morte ſempre, & que ella altiua
Seria dos meus rogos no tormento:
E ver no mal que todo entendimento
Naturalmente foge, & quanto auiua
A dor mais, o vagar da alma catiua,
A quem naõ fará crer qu'he tudo hũ vento?
Bem ſey hũs olhos que tem toda a culpa,
E ſam os meus, que a toda a parte vem
Apos o que vem ſempre, & os deſculpa.
Oo minhas viſoẽs altas, meu ſò bem,
Quem vos a vos nao vè, eſſe me culpa,
E eu ſou o ſò q̃ as vejo, outrem ninguem.

SONETO.

DEsarrezoado amor, dentro em meu peito
Tem guerra com a razão, amor que jaz
Hi ja de muitos dias, manda & faz
Tudo o que quer, a torto & a direito.
Não espera razões, tudo he despeito,
Tudo soberba & força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum, & quando em paz
Cuidaes que sois, então tudo he desfeito.
Doutra parte a razão tempos espia,
Espia occasiões de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo: emfim vem o seu dia,
Então não tem lugar certo onde aguarde,
Amor trata treições, que não confia
Nem dos seus, que farei quando tudo arde?

SONETO.

Quellas esperanças, q̃ eu metido
A tormento, lancei fora por vãs,
Que fazẽ ind'áqui? coas mais sãs
Cõtas, feito em pó ja tudo & bebido?

Como, & será tão cego, & sem sentido
Amor, que hũas razões claras, taõ chãs,
Naõ ouça? & que naõ veja tantas cãs?
Tempo lançado a longe, & nam viuido.

Esta alma tantas vezes enganada,
Nam tornarà por si? naõ fara conta
Co sol, coa despesa, coa jornada?

Quem do mar escapou quanto mal conta!
Que perigos sem fim! & logo brada
Outra vez ós da nao: na terra afronta.

SONETO.

AMor que não farâ? fezme engeitar
Tão leuemente a mĩ por quem me engeita,
Caſtellos de eſperanças & ſoſpeita
Faz, & não ſei que faz, tudo no ar;
Fezme pedras colher, fezmas lançar,
Apertaſe a alma triſte em ſi encolheita,
Aa força que farà, & lei eſtreita?
Queira ou não queira, em fim ha de paſſar.
Tão cego & tanto era eu, que da vontade
Tudo fiei? que tudo a traues guia,
Tão grande imiga minha, & da verdade?
Que al ſe podia eſperar de hũa tal guia?
Cahi onde ora jaço, ô crueldade
Não ſei quando he de noute, ou quando he dia.

SONETO.

AQuella apresurada y rueda biua
De sobresaltos, que mudã tan presto
Tantas vezes cad'hora este mi gesto,
Nunca la voluntad, tanto ha catiua:
Esta llama cruel, la pena esquiua,
Que no reposa sol nacido y puesto,
Señal de como os veo manifiesto,
Turbada siempre, desdeñosa, y altiua.
Si no me dexan (como digo) el dia,
Y no la noche, antes m'es tormento,
Y agora crueldad, que culpa mia?
El tiempo passa en vano, ha hecho asiento,
En mi alma abrasada, y luego fria,
Tal ser, qu'es menos ser cada momento.

SONETO.

Em Ecco, & em Dialogo.

Abe vma fuente a boz alta ſin tino,
Se quexa el buen Salicio, atormentado
D'vn mas q̃ nueuo amor, vano cuidado
A tal remedio de ſus males vino.
Amor que nunca va por buen camino,
Yua bolando por el deſpoblado,
O fueſſe el llanto que deſpedaçado
Del monte, reſpondia alto y vezino.

Sal. *Quien dio principio a mis cordojos?* A. *ojos*
Sal. *Cierto crueles, y a mi deſtierro?* A. *yerro.*
Sal. *Deſſeos a que fin lleuanos,* A. *vanos.*
Sal. *A lagrimas y enojos:* A. *mas enojos,*
Sal. *Pues que remedio a tanto de yerro?* A. *hierro.*
Sal. *Que muera aſſi a mis manos?* A. *y a mis manos.*

SONETO.

Nam sei qu' em vos mais vejo; não sei que
Mais ouço, & sinto; ao rir vosso, & fallar:
Não sei qu' entendo mais, tè no calar,
Nem quando vo snão vejo a alma que vé;
Que lhe aparece em qual parte qu'estè,
O lhe o ceo, olhe a terra, ou olhe o mar,
E triste aquelle vosso sospirar,
Em que tanto mais vay, que direy qu'he?
Em verdade não sey: nem isto qu'anda
Antre nos: ou se he ar como parece,
Se fogo doutra sorte, & doutra ley,
Em que ando, & de que viuo, & nunca abranda:
Por ventura que à vista resplandece;
Ora o que eu sey tão mal, como o direy?

SONETO.

Em Dialogo, de duas Nymphas. Nisa.

V'es esto Philis, qu'estas tan turbada,
Sola, demudada, y sin color?
Cab'esta fuente tanto ruyseñor,
Y tanta otra auezilla enamorada?
Si lo que vees, y que oyes no te agrada,
Que te puede agradar, ni dar sabor?
Vees tanta differencia, y tanta flor,
De que la tierra està como esmaltada?

Philis. *Oo Nisa, Nisa, leda, y desseosa*
De caçar, vine a la fresca ribera,
Todo oluidè por esta fuente hermosa.
No soy la Nisa no que dantes era,
Salteome aqui vn cuidado, ah flaca cosa
La vida, muy ayna aqui muriera.

A LA MVERTE DE Leandro,

SONETO.

ENtre Sesto y Abydo, al mar estrecho,
Lidiando con las ondas sin sosiego,
Noch'alta el buen Leandro prueua el fuego,
Y lagrimas que corren sin prouecho.
Viendo qu'es todo en vano, buelue el pecho
De nueuo a aquel mar brauo, ojos al fuego
Que luze enl'alta torre, ay amor ciego,
Que tãta crueldad has visto, y has hecho.
Nadaua mientras pudo hazia la playa
De Sesto, deseado, y dulce puerto,
Porque siquiera alli muriendo caya.
En fin ondas venceis (dixo cubierto
Ya dellas,) mas no hareis que alla no vaya,
Biuo no quereis vos, mas ire muerto.

A MORTE DE POLICENA.

SONETO.

Rayda en sacrificio Policena
Al sepulchro de Achiles, ya que vido
De Pyrrho el cruel braço erguido.
Por la ferir, boluio toda serena:
Diziendo descansada, A quanta pena
Pornas fin luego, ô golpe bien venido,
Dexando el cuerpo frio aqui tendido
Cabe Troya, su nombre solo apena.
Y luego la Real cara animosa
Boluiendo a todos, mas clara qu'el dia,
Aun desse cuerpo despues receloſa;
Trocadme a lloros dela madre mia
(Les dixo) que ya no le queda otra cosa,
Y qu'a oro nos remio quando podia.

SONETO.

H que dire qu'es esto? qu' ansi engaña
Tan dulcemente en lo que tanto duele?
En contrario del todo alo que suele
D'acontecer, en lo que offende, y daña.
Vemos (y es cosa clara) que s'enseña
Quanto se mueu'en tierra, y al ayre buele,
Vna vez engañado, y que se vele,
Nunca seguro, o del caso, o de maña.
Ora este coraçon tan offendido,
Tantas vezes llegado a la su muerte,
Como lo pone aisi todo en oluido?
Quanto al hado se dio! quanto a la suerte!
Quan poco a la razon, poco al sentido!
Por verte soy yo tal, y bueluo a verte?

SONETO.

Sol he grande, caem coa calma
as aues,
Do tempo em tal sazão, que soe
ser fria:
Esta agoa que dalto cae acordar
m'hia?
Do sono não, mas de cuidados graues.
O couſas todas vãs, todas mudaues!
Qual he tal coraçam qu' em vos confia?
Passão os tempos, vae dia tras dia,
Incertos muito mais que ao vento as naues.
Eu vira ja aqui sombras, vira flores,
Vi tantas agoas, vi tanta verdura,
As aues todas cantauão d'amores.
Tudo he seco, & mudo, & de mestura,
Tambem mudandom'eu fiz doutras cores,
E tudo o mais renoua, isto he sem cura.

Soneto.

SONETO.

Quando eu senhora em vos os olhos ponho,
E vejo o que não vi nunca, nem cri
Que ouuesse cà, recolhese a alma a si,
E vou tresualiando como em sonho.

Isto passado, quando me desponho,
E me quero afirmar se foi assi,
Pasmado, & duuidoso do que vi,
M'espanto às vezes, outras m'auergonho.

Que tornando ante vos senhora tal,
Quando m'era mister tant' outr' ajuda,
De que me valerei, se alma não val?

Esperando por ella que me acuda,
E não me acode, & está cuidando em al,
Afronta o coração, a lingua he muda.

Soneto.

SONETO.

AMor tirando va por cielo y tierra,
Mil flechas d'oro, mil de plomo elado:
Ha muerto, ha mal herido, ha lastimado
A muchos, y (dize el) de buena guerra.
Ojos ya no tenia, oydos cierra,
Las malas manos, estas le han quedado,
Duro flechero, al mal tanto auezado,
Tirando a caso, que nunca el golpe yerra.
Dizele la su madre, de las quexas
Quantas oygo de ti (burlando vn dia)
Mal burlador, no quieres que algo crea?
Besola el en los ojos, y madexas
De oro, respondiendo, ò madre mia,
Como quieres si soy ciego que vea?

Soneto.

SONETO.

ADo se boluerà, que no se espante
De nueuo esta alma mia lastimada?
A la presente cuita? o a la passada?
O que esperança me lleua adelante?
Que me aprouecha que llore o que cante?
Que grite noche y dia, en fin, que es? nada:
Ir porfiando por la via errada,
Antes es vanidad, que ser constante.
No fuera mucho descuidarme vn poco,
Mas ir perdiendo el dia pieça a pieça,
Que esfria, y sobreuiene noche escura.
En fin para qu's mas? cierto soy loco,
De quien confiare la mi cabeça,
Que me la cure de clara locura?

DE

DE PERO DANDRADE,
QVE LHE MANDOV com hũa Ecgloga.

SONETO.

Am ousarão ategora aparecer
Estes versos, de si desconfiados,
Porque de mal compostos, & ordenados,
Assaz tem porque deuão de temer.
Vaõvos pedir senhor que os queiraes ver,
E riscar, & emendar, porqu'emendados
Por vos, possam andar mais confiados,
Do que por meus poderão merecer.
Vay hi Androgeo triste, & vay Serrano,
Queixase este presente, aquelle ausente,
Nõ Mondego, por vos ja celebrado.
Queixãose Nymphas delle, aqui do dãno
Que por Syluia se vè nelle: & se sente,
Triste, della & de vos desemparado.

Reposta

REPOSTA DE FRANCISCO de Sâ, pellos meſmos conſoantes, como fez o Petrarcha.

SONETO.

ASSI que me mandaueis atreuer
A verſos ja das Muſas aſſellados;
E âquella grande Syluia conſagrados,
Icaro me poem medo, & Lucifer!
Os meus, ſe nunca acabo de os lamber,
Como vſſa os filhos mal proporcionados,
(Ah paſſatempos vãos, ah vãos cuidados)
A quem poſſo porem niſſo offender?
Tudo cabe no tempo, entrego ao anno,
Depois â perda, digame eſta gente,
Qual anda o furioſo aſſi emendado.—
Torno âs couſas ſagradas: que hum profano
Leigo, como eu, tocalas tão ſomente
Não he de ſiſo ſam, mas de abalado.

CARTA

CARTA I

A el Rei dom Ioão nosso senhor.

REi de muitos Reis, se hum dia,
Se hũa hora sò, mal me atreuo
Occuparuos, mal faria,
E ao bem comum não teria
O respeito que ter deuo.
Que em outras partes da Esphera,
Em outros ceos differentes,
Que Deos tègora escondera,
Cada hũa de tantas gentes
Vossos despachos espera.
Porque senhor elles sós
(Iusto & poderoso Rey)
Desdão, ou lhe cortão noos,
Como tambem entre nòs,
Que sois nossa viua ley.
Onde ha homẽs ha cobiça,
Ca, & là tudo ella empeça,
Sea sancta igual justiça,
Não corta, ou não desempeça,
O que a ma malicia enliça.

Senhor qu'he muito atreuida,
E onde ella nós cegos deu
Cortar he çousa deuida,
Exemplo o jugo de Myda,
Qu'el Rei vosso auò fez seu.
Ora eu que respeito auendo
Ao tempo mais qu' ao estyllo,
Irei fugindo ao que entendo,
Farei como os caẽs do Nylo
Que correm, & vaõ bebendo.
A dignidade Real
Que tem o mundo a direito,
Sem ella terschia mal,
He sagrada, he natural,
Deixemos medo & proueito.
As vossas vellas que vam
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente contarão
Gente de algum Rey solta,
Sem cabeça, o corpo he vão.
Dignidade alta & suprema
Quẽ ha que a não reconheça?
Vioſe em Marco Antonio tema
De a Cesar pór diadema
Real sobre a cabeça,

Que o nome de Emperador
D'antes a Cesar se dera,
Sem sospeita, & sem temor,
Qu'inda então muito mais era
Ser Consul, ser Dictador.
Hum Rei ao reino conuem,
Vemos que alumia o mundo
Hum sol, hum Deos o sostem,
Certa a queda, & a fim tem
O reino onde ha Rei segundo.
Nam a sabor das orelhas
Arenga cudada & branda,
Abaltem as razões velhas,
A cabeça os membros manda,
Seu Rei seguem as abelhas.
A seu tempo o Rey perdoa,
A tempo o ferro he mezinha,
Grandeza, & condição boa
Ao Liam deraõ coroa
Entre a gente montesinha.
As aues (tamanho bando,
Doutra liga, & doutra ley)
Por vencer todas voando,
A aguia foi dada por Rey,
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
Dauid lealdade, & fee
A Saul! quanto o chorou?
Quantas maldições lançou
Aos montes de Gelboé?
Onde cahira o escudo
Do seu Rey, inda que imigo,
Inda que ja mal sesudo;
Saindo de tal perigo,
E sobindo a mandar tudo.
O senhor da natureza,
De que o ceo & a terra he chea,
Vestido em nossa baixeza,
De Real sangue se preza,
Por Rey na cruz se nomea.
Sobre obrigações tamanhas
Velemse com tudo os Reis
Dos rostos falsos, & manhas,
Com que lhes fazem das leis
Fracas teas das aranhas.
Que se não pode fazer
Por arte, por força, ou graça,
Saluo o que a justiça quer.
Senhor não chamão poder
Saluo o que lhes val na praça.

E por muito que os Reis olhem
Vaõ por fora mil inchaços,
Que ante vos senhor se encolhẽ,
D'hũs gigantes de cem braços,
Com que dão, & com que tolhẽ.

Quem graça ante o Rei alcança,
E hi falla o que nam deue,
(Mal grande de má priuança)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe.

Quem joga onde engano vae
Em vão corre, & torna atras,
Em vão sobre a face cae,
Mal ajão as graças mas,
De que tanto engano sae.

Homem d'hum sò parecer,
D'hum sò rosto, & d'hũa fè,
D'antes quebrar, que voluer,
Outra cousa pode ser,
Mas de Corte homem não hé.

Ouço gracejar de ca,
De quem vae inteiro, & sam,
Nem se contrafaz mais la,
Como este vem aldeão,
Que não sabe onde s'está.

As publicas santidades,
Estes rostos trasportados,
Naõ em ermos mas cidades,
Para Deos sam vaydades,
Para nos vaõ rebuçados.
Mas despois que lhes fazemos?
Pode ser, pode nam ser,
Adiante o saberemos,
Estamos hum pouco a ver,
Caelhes o rebuço, & vemos.
Senhor eyuos de fallar
(Vossa mansidam m'esforça)
Claro o que posso alcançar,
Andaõ pera vos tomar
Por manha, que não por força.
Per minas trazem suas hazes,
Encubertos seus assanhos,
Falsas guerras, falsas pazes,
De fora sam mansos agnos,
De dentro lobos robazes.
Tudo sua cura tem,
Que he assi bem o sabeis,
E o remedio tambem,
Quereilos conhecer bem,
No fruito os conhecereis.

Obras, que palauras não,
Porem senhor somos muitos,
E entre tanta obrigaçam
Tresmalhamos vos os fruitos,
Que não saibaes cujos sam.
Hum que por outro se vende
Lança a pedra, & a mão escõde,
O danno longe se estende,
Aquelle a quem doe, entende,
Com sós sospiros responde.
A vida desaparece,
Entretanto geme & jaz
O que cahio, & acontece
Que de hum mal que se lhe faz,
Muito mais se lhe recrece.
Pena & galardam igual
O mundo em peso sostem,
He hũa regra geeral,
A pena se deue ao mal,
O galardam ao bem.
Se algũa ora acontece o
Na paz, muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeo,
Faz se engano ás leis da terra,
Nunca se fez ás do ceo.

Antre os Lombardos auia
Lei escrita, & lei vsada,
Como inda oje parecia,
Onde a proua falecia
Que o prouasse a espada.
Ali no campo às singellas,
Em fim morrer, ou vencer,
Fosse qual quisesse dellas;
Não era milhor morrer
A ferro, que de cautellas?

A hum nosso Rey excellente
Dom Dinis tão acabado,
Tão justo, a Deos tão temente,
Falsa, & maliciosamente
Foi grande aleiue affacado.
Elle posto em tal perigo,
Rey que Reys fez & desfez,
Co as manhas do falso imigo,
Foi lhe forçado essa fez
Aa lei chamarse que digo.
E ás villas, & ás cidades,
A que cumprio d'acudir
Pellas suas lealdades;
Tanto sam más as verdades
Aas vezes de descubrir.

Da meſma caſa Real
Em verdade hũ grande Iffante
Tratado por manhas mal,
Bradaua por campo igual,
E imigos claros diante.
Em fim vendo a aſtucia & arte
Quanto que pode, chamou
Hum leal conde â de parte,
Sò com elle ſe apartou,
Foi viuer à milhor parte.
Onde tudo he certo & claro,
Onde ſam ſempre hũas leis,
Principe no mundo raro,
Sobre tanto deſemparo
Foraõ tres ſeus filhos Reis.
Oo ſenhor quantos ſuores
Sua o corpo, & a alma em vam,
Em poder de enuoluedores,
E em fim batalhas que ſam
Saluo hũs deſafios mòres?
Coa mão ſobre hum ouuido
Ouuia Alexandre as partes,
Como quem tinha entendido
Por fazer certo o fingido
Quantas que ſe buſcão d'artes.

Guardaua elle aquelle inteiro,
Para a parte não ouuida,
Não vi nada em ser primeiro,
Quem muito sabe duuida,
Sò Deos he o verdadeiro.
A tudo dão nouas cores,
Enuoluendo os peitos puros,
E falão sempre em primores,
Ante os Reis vossos senhores
Vindes com rostos seguros,
Contaes, gabaes, estendeis
Seruiços, & lealdade.
Olhae que a nam daneis,
Falai em tudo verdade
A quem em tudo a deueis.
Senhor nosso padre Adam
Peccára, chamao o juyz,
Tenha que dizer ou não,
Hi sua fraca razam
Porem liuremente diz.
Sempre foi, sempre ha de ser,
Onde hũa só parte falla,
Sempr'a outra aja de gemer,
Se hum jogo todos iguala,
As leis que deuem fazer?

Vidas & honras tomaes
Debaixo de vosso emparo,
De estranhos, & naturais,
Suspiraõ, nam podem mais,
E ás vezes isto mal claro.
Tambem tras aquella arde
Tão estimada a fazenda,
Por mais que se velle & guarde,
Tem ella milhor emenda,
Se naõ fosse mal & tarde.
Geralmente he prefumptuosa
Espanha, & disso se preza,
Gente ousada, & bellicosa,
Culpaõna de cobiçosa,
Tudo sabe vossa alteza.
Pensamentos nunca cheos,
Nam tem fundo aquelles sacos,
Ainda mal, com tantos meos,
Para viuer dos mais fracos,
E dos suores alheos.
Que eu vejo nos pouoados
Muitos dos salteadores,
Com nome & rosto d'honrados,
Vão quentes, andam forrados
De peles de lauradores.

E senhor não me creaes
Se as não achão mais finas
Que as dos lobos ceruaes,
Que arminhos, & zebelinas
Custão menos, cobrem mais.
Ah senhor que vos direy?
Que acode mais véto ás velas,
Nunca se descuyde o Rey,
Que inda não he feita a ley,
Ia se lhe buscão cautellas.
Então tristes das molheres,
Tristes dos orfaõs coitados,
E a pobreza dos mesteres,
Que nem fallar sam ousados
Diante os mòres poderes.
Os quaes quem os assi quer,
Quem os negocea assi,
Que fara desque os ouuer?
Nossos ouuerão de ser,
Buscarãonos para si.
Senhor esta vossa vara
Como ás maõs em qu' anda he,
A boa he aue muirara,
Crede qu'sta nunca he cara,
Que seja muita a merce.

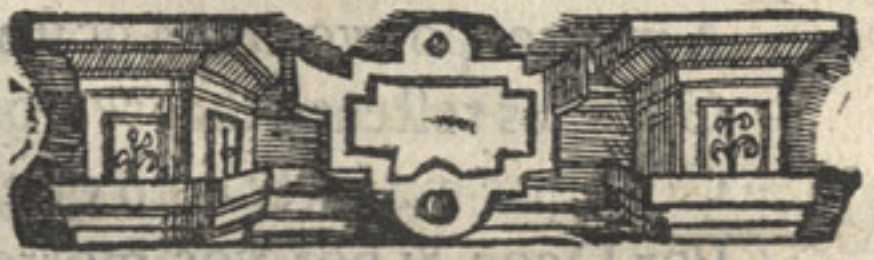
Liure de toda a cobiça,
A Deos temente, & a vos,
Sem reſpeitos, ſem perguiça,
Varas direitas, ſem noos,
Se quereis que aja hi juſtiça.
Tomae ſenhor o conſelho
Do bom Ietro ao genro amigo,
He verdade, he Euangelho,
Como diſſe aquelle velho
Humilmente aſsi vos digo.
Qu'eſtas leis Iuſtinianas
Se não ha quem as bem reja
Fora de paixões humanas,
São hum campo de peleja,
Com razões fracas & vfanas.
Morre o nobre Conradino,
Co parceiro em todo igual,
Cada hum de tal morte indigno
Porque o duro ou o maligno
Doutor interpreta mal.
Diz Agoſtinho ſãmente,
Ceſſe o ſangue, a guerra finda,
Diz mais, d'algũs mayormente,
Vem groſas que corra ainda
O Real ſangue innocente.

Mas senhor milhor o temos,
Sendo vos o que mandais
Todos nos reuolueremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.
Quem por amor se encadea,
Naõ he nome errado, ou nouo,
Se por liure se nomea,
Naõ tem tanto amor de pouo
Rei em quanto o mar rodea.
Naõ assoberbaõ soldados
Aqui, nem soa atambor,
Os outros Reis seus estados
Guardam de armas rodeados,
Vos rodeado de amor.
Acharnoshaõ as diuinas
No meo dos coraçõees,
Esculpidas vossas quinas,
Estas sam as guarniçõees
De vos, & dos vossos dinas.
He sem duuida o Frances
A seu Rey de amor aceso,
Naõ lho nega o Portugues,
Traz porem guarda Escocez,
Que naõ he de pouco peso.

O Padre ſancto aſsi faz,
A quem certo ſe deuia
Alto aſſoſſego, alta paz,
E tem guardas toda via
Com que vay ſeguro, & jaz.
Que ſe pode ir mais auante,
Cos olhos, nem co ſentido?
Sem ferro, & fogo qu'eſpante,
Com duas canas diante
His amado, & his temido.
Hũs ſobre os outros corremos,
A morrer por vos com goſto,
Grandes teſtemunhas temos
Com que maõs, & com que roſto
Por Deos, & por vos morremos.
Outro ſi pera os reueſes,
(Queira Deos que nam releue)
Em vos tem os Portugueſes
Codro dos Athenienſes,
Decios, que ſò Roma teue.
Do voſſo nome hum gram Rei
Neſte reyno Luſitano,
Se poſ eſſa meſma lei,
Que diz ſeu Pellicano
Polla Ley, & polla Grey.

Mas

Mas eu sou hum guarda cabras;
Vaõse assi de ponto em ponto,
Queria sò duas palauras,
Que dos gados, & das lauras
Despois naõ tem fim nem cõto.
Assi que seja aqui a fim,
Tornem as praticas viuas,
Perdestes mea hora em mĩ
Das que chamaõ succesiuas
Estes que sabem Latim.



CARTA

CARTA

A Ioão Roiz de Sâ de Meneſes.

Os noſſos Sás Coluneſes
Gram tronco, nobre columna,
Grande ramo dos Meneſes,
Em ſangue, & bẽs de fortuna,
Qu'he tudo antre os Portugueſes.
Mas vos que ſempre vos riſtes
Do pouo que nam vè mais,
Ricamente a alma veſtiſtes,
O mais tendes por demais.
Aos grandes, aos valeroſos
Paſſados, de quem herdaſtes
Sobrenomes tam luſtroſos,
Déſque nas armas pegaſtes
Não foſtes dos ocioſos.
Podereis tambem folgar,
(Que foraõ tempos de paz,)
Podereis rir, & jugar,
Como ſe na terra faz.

Mas entrastes noutra afronta,
Hi fizestes nouo emprego,
Desejando de dar conta;
Tambem daquelle assossego,
Como de Catão se conta.
As letras que hi não achastes
Trouxestes de fora â terra,
Aa nobreza as ajuntastes,
Com quẽ dãtes tinhão guerra.
Dizem dos nossos passados
Que os mais não sabiaõ ler,
Erão bõs, erão ousados,
Eu nam louuo o não saber,
Como algũs ás graças dados.
Louuo muito os bõs costumes,
Doeme se oje não sam taes,
Mas as letras ou perfumes
Quaes no los danarão mais?
Destes mimos Indianos
Ey grã medo a Portugal
Que nos recreçam taes danos
Como os de Capua a Hanibal
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, de Trasimeno,

De Canas, Capua viciosa
Venceo em tempo pequeno.
O Marques de Santilhana
Homem de braço & saber
Antre a naçam Castelhana,
Da lança sohia dizer
Co as letras que se não dana:
Est'he a quem Ioão de Mena
Fez alta coroação,
Tinh'elle ja grande pena,
Mas aparada inda não.
Dous vencedores do mundo,
Cesar, & Alexandre o grande,
Nas letras forão tè o fundo,
Em que a fortuna não mande.
Ponho aqui Bruto o segundo,
E os grandes dous Scipiões,
Fim (como dizem) fatal,
De Carthago, & dous Catões,
Podêra por Hannibal.
A fortaleza louuada
Anda em braços coa prudẽcia,
Irmã sua muito amada,
Poẽna auante a experiencia,
Tudo sẽm gouerno he nada.

Pouco por forças podemos,
Isso que he por saber veo,
Todo o mal jaz nos estremos,
O bem todo jaz no meo.
Os Poetas vão a tudo,
Buscando por alto o crauo,
Olhando pello meudo.
O seu grande Achilles brauo
Rege o Centauro sesudo.
Que lhe abrande aquella sanha
Natural sua, q̃'he muita,
Nũa coua soterranha
Tange o velho, o moço escuita.
Veados correm co vento
Em contenda, & os lões
Tem força, & atreuimento,
Tem seus brauos corações,
Nós temos entendimento.
Poronde antre nós deuemos
Estimar aquelles sòs
Que naquillo em que vencemos,
Nos vencem elles a nos.
Quando daua homẽs a terra,
O que ja tanto nam faz,
Da paz tratauam na guerra,

Tratauaõ da guerra em paz,
Em tudo jâgora s'erra.
(A departe algum abrigo)
De mal laurada, ou de fraca,
Semeaes, esperaes trigo,
Nace joyo & eruilhaca.
Diogenes claro o dia
Buscaua andando â candea
Que nunca a cabeça erguia,
Em Athenas (em que aldea),
Ia cansado assi dezia:
Voume por aqui buscando
Entre tantos homẽs hum,
Neste vam trabalho ando,
Qu'inda não achei nenhum.
Deixemos queixas antigas,
Daruos ey conta de mĩ,
Que destas vossas amigas,
(Digo as letras) pera a fim
Ajunto como as formigas,
Porque ninguem me lançasse
Como á cegarrega em rosto,
No dezembro que bailasse,
Pois cantára no Agosto.
Perdido tudo no mar,

Saindo o grã Zeno a nado,
Vendo a fazenda ondejar,
Parece q̃ assi despojado
Me mandão philosophar.
Ia vou sentido algum fruito
Cad'ora espero que creça,
Andei fora ao vento muito,
Fezme grão mal a cabeça.
Curame a Philosophia,
Que me promete saude
Doulhe a noite, doulhe o dia,
Ouço falar da virtude,
Se a visse sararmehia.
Diz Platão (quehe dos melhores)
Quem posesse os olhos nella,
Q̃ altos que acesos amores
Sempretraria comella,
Como digo, eu sò d' ouuir
Ando assi como pasmado
Desejoso de a seguir
Chorando todo opassado,
Temendo todo o por vir.
Em toda a parte ha perigos,
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto hũs maos imigos,

De casa, que muito temo.
Aquella mestra o assento
De viuer assi ca fora
Louua, & fazme atreuimento
D'ir auante hora por hora,
Inda qu'assi cego, & atento.
Sobre todos os doutores
Sanctos, louuão tal tençam
Pera cuidar nos amores,
Tão certos no galardam.
Em quem tanta força ouuesse
Como cumpre á vida actiua,
Qu'ós encontros se tiuesse,
Virtude er'ella mais viua,
De mais fruito & interesse.
Por Rachel que não por Lya,
Sete & sete annos scrui;
Pode ser por ella hum dia
Qu'inda voasse daqui.
Entretanto, conselheiros
Busco, q̃ andem âs verdades;
Estes liuros meus parceiros,
Não das praças, & cidades
Dos passeos nos terreiros.
Amigos de louuaminhas

Como grimpa ao vento o peito,
Fazem como as andorinhas,
Vaõ & vem co tempo feito.
Sophistas me sam defesos,
Com todas as suas cismas,
Eilos soltos, eilos presos;
De fè que naõ de sophismas
Quer Deos os peitos acesos.
Que nas agoas encharcadas
Hi se ajuntaõ como râs,
Fazem grandes matinadas,
Tudo sam palauras vãs.
As Musas me não defendem,
Deixemos as demasias,
Que a toda boa alma ofendem;
Mandaõ rir de cousas frias,
D'algũs que agudezas vendem.
Entendimentos diuersos
Com que artes vos encantam?
Psalmos que sam senão versos,
E os Hymnos q̃ a Deos se cantã?
Aquelles cantares finos,
A que Lyricos disseram
Os Gregos, & os Latinos,
Digaõme donde os ouueraõ,

Saluo

Saluo dos liuros diuinos?
Quanto que hi se limou,
Leuaõ as agoas á mão,
Sapho, Pindaro regou,
Regou seus campos Platam.
Mas o que por ora aprendo,
He ler liuros de giolhos,
Diuinos, que mal entendo,
Mas fossem dignos meus olhos
De cegar sobre elles lendo.
Que de seus mysterios altos
Assi lubrigando vejo
Que naõ sou pera taes saltos,
Porem sospiro & desejo.
Era em grande differença
Se casaria, ou se não,
Ouue de sair sentença
Que a só hũa o coraçam
A amores desse licença.
Isto dito, amor mais raro
Deu final como era alli;
Outro som do coldre claro,
Outro das frechas ouui.
Amor que estás sempre auindõ
Co aquella pura verdade,

Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade
Qu'entrego emt' aqui sétindo.
Poem do teu fogo a esta casa
Faze quanto nella ha teu,
Que Deos he fogo que abrasa,
Seyo de hum priuado seu.

CARTA

A PERO CARVALHO.

NO lugar onde mẽ vistes
Dagoa & de montes cercado,
E doutros males que ouuistes,
Tenho mais dias contado
De ledos, que não de tristes.
Isto que hora ouuis de mim
Não sei se ouuireis dalguem,
Buscai, preguntai sem fim,
No desejado Almeirim
No farto de Santarem

Que guerra que lhe fizestes
Aa terra que me criou,
De quem tãto ás lingoas destes,
Porque? que vos acoutou
Da peste com que hi viestes.
Fostes mal agasalhados?
Certo não, que tè as fazendas
Vos dauão paruos honrados,
Pois porque? porque os priuados
Tinheis longe vossas rendas?
O qu'eu por parcialidade
Nem outro respeito digo:
Da antigua & nobre cidade
Sou natural, sou amigo,
Sou porem mais da verdade.
Como vos partistes d'hi,
Logo abrigados achei
Onde me desencolhi,
Seguramente dormi,
Seguramente veley.
Cidade rica do santo
Corpo do seu Rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco, todo inteiro
Dos annos que podem tanto.

Rei á quem Deos se mostrou,
Rei que tantos Reis venceo,
Rei que taes Reis nos deixou,
O bom filho hi se lançou,
Que tè Seuilha correo.
Outro Rey nosso sem mal
A que empeceo a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teue elle outra cidade
Que lhe fosse taõ leal?
Qual a sua fè saluou
Por tanto trabalho & medo?
Em fim nunca se entregou,
Primeiro as chaues mandou
Ao seu Rei morto em Toledo.
Mas tornando ao abrigado,
Em que me furtei aos ventos,
Hi depois de em mĩ tornado
Que rir, que esmorecimentos
De tempo taõ mal gastado!
E o fogo que ora se acende,
A prestеza das mudanças,
Mal que mui longe s'estende,
A a vida curta defende
Tomar longas esperanças.

Giges

Gages na sua abastança
Que de toda parte ajunta,
Cudando em tanta possança,
Inchado a Apollo, pregunta
Polla bemauenturança.
Tal fumo Apollo entendendo,
Pos auante ao seu estado
Aglao, que só pastor sendo,
Hia cantando & tangendo,
Olhos sòmente ao seu gado.
Oo ricos, qu'esta riqueza
Estâ no contentamento;
Mais tem quẽ mais a despreza,
Naõ foge o rico auarento
Por mais que fuja, á pobreza.
Onde pode mais caber
Sinal he que fica hi vaõ
Que se pode mal encher,
E os corações hão de ser
Ricos, que os cofres não.
Por faminto que venhaes,
Morto com sede, ou com frio,
Do fogo onde quer achais,
Vay muita agoa pollo rio,
A terra da que comais.

Quẽ

Quem a apetitos da crença
Hũa mão toma, outra pede,
Nunca espereis que se vença,
Sinal d'hũa má doença
Quanto mais agoa mais sede.
Cobiça a da boca aberra,
Isto que te assi parece
E tras que andas tanto álerta,
Luz de fora, & resplandece,
Dentro nam ha cousa certa.
O juyzo & razaõ ata,
Tudo fica escuro, & em erro,
Aas leis & a Deos desacata,
Do brando ouro, & da prata
Faz duras prisões de ferro.
Esta entrada em nossos peitos,
Fez nelles estragos taes,
Qu'ermos fazem & desfeitos
Abertos por mil portaes
A qualquer rumor sogeitos.
Que naõ fará? quem trocar
Nos fez a paz pella guerra?
Faz hũs a outros matar,
Passou de viuenda ao mar
Homẽs naturaes da terra.

Escrauos mais que os escrauos,
Por razam, & por justiça,
Deixai uos de vossos gauos,
Que vos vendeo a cobiça
A mar brauo, & a ventos brauos.
Espritus vindos do ceo
Postos aos lanços na praça,
Com que nadas vos venceo!
Porque nadas vos vendeo!
Milhor fora antes de graça.
Metaes de tão baixa liga
Que nos na terra escondera
Natureza, mãe & amiga,
E antre nos & elles posera
Tanto trabalho & fadiga.
Assi mayor apetito
(Disseraõ cobiça & enueja,)
Em fim seu feito seu dito,
Para al criado o sprito
Isto sò sonha & deseja.
E porem que sam engano,
(Que mais hũa mãe fizera?)
Afastauanos o danno
Aos filhos que a vida dera
Deste amor aceso humano.

Mas que pode aproueitar
Se lhe fazemos tal guerra
Co contino trasfegar,
Ora reuoluendo o mar,
Ora reuoluendo a terra?
Nas minas altas que digo,
Reuolta a terra tè o centro,
Que faz o homem imigo
Do seu descanso, la dentro,
Com tal trabalho, & perigo?
Debaixo da terra fria,
Aja vergonha a razão,
Aja a alma que mais deuia:
Que deixão atras o dia.
Polla noite auante vam.
Não tem termo homẽs ousando
Do seu siso ao desemparo,
Tudo forão apalpando,
Por este ar taõ solto & raro,
Ouue quem fosse voando.
Gente que não teme nada,
Com tudo se desafia,
Por mares sem fundos nada,
Passou a Zona torrada,
Anda por passar a fria.

Não he para tanto a vida
Quanto milhor escolheo
Quem na dorna ao sol voluida
Viueo mais rico & morreo
Que Cressо, q̃ Crassо, & Mida.
Fugia Crates ao ouro
Como hum couarde ao ferro,
E ás cousas de mao agouro;
Lançou ao mar grão thesouro,
Quem fará agora tal erro?
Por força a cidade auida
Que responde a seu imigo,
Bias, a que fica a vida?
Tudo o meu leuo comigo;
Fica a fortuna corrida.
Aos d' Esparta naturaes
Responde Apollo a seu rogo,
Se a liberdade estimaes
Velaiuos deste ouro mais
Que do ferro, nem do fogo.
Do grande Epiteto, o nobre
Spirito, o foo liure & franco
Num corpo coitado, & pobre
Escrauo, & ainda manco,
Quanta da bastança encobre!

Da sua fraca casinha
Ledo sae, ledo a ella torna,
O mesmo que hia, esse vinha,
Casa que porta não tinha,
Que mais montaua que dorna?
Iesu Christo busca obreiros,
Não os quer espedaçados,
Quer os seus de todo inteiros,
Dos corações alugados,
Poucos saõ os verdadeiros.
Gente de vontade dura,
(diz elle) que não andaes
Em quanto esta luz vos dura?
Não vos tome a noite escura
Antes que vos acolhais.
Não seria, eu isto vendo,
De juyzo, & razão faã,
Andarme o dia perdendo,
Comecei ante menhaã
(Não sei que andaua fazendo.)
Hiame enjoado asi,
Ao tom peronde os mais andão,
Olhe cada hum por si,
Que estes bẽs falsos daqui
Se não saõ mandados, mandão.

Os deſejos ſaõ ſem termo,
A eſperança he ſaborosa,
Eu contenteime deite ermo,
Pola razaõ da rapoſa
Que deu ao Liaõ, enfermo.
Meu Rey, meu ſenhor Liaõ.
Olho ca, & ólho lá,
Vejo pegadas no chaõ,
Que todas para la vaõ,
Nenhũa vem pera ca.
Eſta Circes feiticeira,
Todos os peitos traſanda,
Eſte faz onça ligeira,
Lobo outro, qu' a carniça anda,
Outro caõ que empraza, & cheira.
Algũs papagayos vaõ,
Outr' vſſo direito empee,
Cad'hum de ſua feiçaõ,
Outro gatinho ermitaõ,
Deſtes que vem de Guiné.
Vou co penſamento, & venho,
Deuo ao meu medo muito,
Por quem aſsi me ſoſtenho,
Pello que vi, & que eſcuito,
Niſſo que tenho, aſſaz tenho.

Do com que folgo outros rim,
Cad' hum terá sua escusa,
Deuos ja mutas por mim,
E estas cousas saõ emfim
Como dellas homem vsa.
Sejaõ razoẽs poderosas,
Olhai que o ferro se deu
Para cousas proueitosas,
Despois este meu, & teu,
Fez delle armas tão danosas.
O fogo que nos foi dado
As tantas necessidades,
Não quis que fosse apreçado,
Fará & fez no passado
Em poo ja muitas cidades.
Deste engenho que diremos
De que nòs taes gabos damos?
Com quem tudo acometemos,
Quantas vezes de elle vsamos
Mal, & como não deuemos?
Dom do Ceo nosso special,
E veo a ser toda via
Este homem racional
Tão engenhoso em seu mal,
Como ontem na artilharia!

A tantos & tantos males,
Que remedio, se acontecem?
Diz saõ Paulo, Homẽs errados
Se os odios antre vos crecem,
Comeruos eis a bocados.
O nome da ociosidade
Soa mal, á boa & saã,
(E mais ja sobre a idade),
Socrates da Liberdade
Lhe chamaua sempre irmaã.
Douuos Ennio por autor,
Quem vsar não sabe do ocio
Cansa, & anda d'arredor,
E vem a ter mais negocio
Que hum grande negociador.
Porque este sabe apos que anda,
A quelle a si não se entende,
Quanto anda, tanto desanda,
Não se obedece nem manda,
Ora se apaga, ora acende.
Velo ir, velo tornar,
Velo cansar & gemer,
E em busca de si andar,
Cobrar a cor & perder
Que se não pode topar.

Mas eu porque passa assi
Que seja muito, direi
Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escreui,
Inda me nao enfadei.

CARTA

A seu Irmão Mem de Saâ.

M quanto de hũa esperança
Em outra esperança andaes,
Fazeruos quero lembrança
Como he leue, & não se alcança,
Que sempre adiante he mais.
Cuidaes que soes ja com ella,
Quando volo mais parece
E quereis lançar maõ della,
Mete remos, mete vella,
Vai rindo, & desaparece.
Mas não sofre o coração
Soltalla assi leuemente,
Tamanha deleitação
Ah, que a tinha na maõ
Se fora mais diligente.

Dos Alquimiſtas ſe diz
Deſpeſa he fadiga vaã
Cobiça he cego juiz
Deixai que ſe oje o naõ fiz
Falocy logo amenhaã.
Não lhes val ver a fazenda
Ir apos as eſperiencias,
Andão de emenda em emenda,
Da fornalha para atenda,
D' aſſoprar fazem ſciencias.
Aperfiou, & cahio
Phaeton do carro do dia,
Que ao pay por ſeu mal pedio,
Sentio a terra, ſentio
Hum rio da Lombardia.
Não ſoube Icaro reger
As aſas que ouue de ſeu,
Subindo, veo a decer,
Aos peixes deu de comer
E ao mar nouo nome deu.
Apos o que ha de cair
Por aleuantar andamos,
Que nos não deixa dormir
A alma que pode ſobir
A eſta as aſas quebramos.

Em quanto hum busca seus danos,
E outro ja té os olhos jaz,
Por muitas sortes d' enganos,
Morte que naõ conta os annos,
Vem, & leua o que lhe apraz.
Quantos a que era deuida
Dos nossos (deixo os alheos)
Ao menos mais longa vida,
Que por conta não sabida,
Tinhão perto os dias cheos.
Vistes hũa claridade
Que de ca, té lá correo
Como rayo? em tal idade
Tanto saber, tal bondade
Assi desapareceo?
Alma bemauenturada
Da quelle moço taõ nobre,
A hũa mui alta assomada,
Tudo lhe pareceo nada,
Quanto se dali descobre.
Dous condes d' hũa alta vea,
Que alumião Reyño & linguoã,
Em dano & em perda alhea,
Tinhaõ sua conta chea
No tempo da nossa mingua.

Ao menos pera esforçar
Os engenhos que atras vem,
(Que os soe a terra de dar,)
O passo he mao d'acertar,
Ficamos muitos da quem.
Pollo qual a este abrigo
Onde me acolhi cansado,
E mais inda a graõ perigo,
E âquellas letras que sigo
Deuo que nunca me enfado.
Deuo a muito minha amada,
Esò rica liberdade,
Que tiue aos dados jugada,
A que somente he mandada
Da razão boa, & verdade.
Nas cortes não pode ser,
Vedes os tempos que correm,
Vedes fugir & correr,
Por fugirem te morrer,
Dos lugares donde morrem.
Ora pór peito â corrente,
Que sejais forçoso & saõ,
E de sangue inda feruente,
Graõ nadador claramente,
He quebrar braços em vaõ.

Cansar, & sonhar priuanças,
Dar d'entrada á liberdade,
Logo por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças,
Passem co a mocidade.
Ando alimpando a pousada,
Lembrame quem diz qu'está
Ante a porta, bate, & brada,
Se a sentir despejada,
Pola ventura entrará.
Olhae as aues do ar,
(Diz o senhor qu'enriquece
O ceo, a terra, & o mar)
Vedelas ledas cantar,
Dizeime que lhes falece?
Da muita vossa fraqueza
Vem estes tantos suores,
Estes medos á pobreza
Vedes como a natureza,
Vestes ricamente as flores!
Andando nestes enleos,
Em quantos erros cahimos?
Sem conto, sem fim, sem meos,
Dormimos sonos alheos,
Os nossos não os dormimos.

Queremos o que outrem quer,
O que naõ quer engeitamos,
Dizeime como isto he ser,
Rimos o alheo prazer,
E ainda quando choramos.
Como de casa sabia,
Sempre dos seus olhos agoa
A Heraclito corria,
Pello que ouuia, & que via,
Que de tudo tinha magoa.
Em fim vendo o pouo incerto
Que pressa a errar leuaua,
Naõ sofreo tal desconcerto,
Fugio pera o campo aberto,
Liure sem muro & sem caua.
São Icronymo, alumiado
Da clara & diuina luz,
Passaua a vida apartado,
Das letras acompanhado,
Que nos confagrou a cruz.
Aquelle peito seguro,
A quem o mundo era riso,
Aas torres altas, & ò muro,
Carcer lhe chamaua escuro,
E áquelle ermo parayso.

Da nossa tão clara herança,
Cegos, que razão daremos?
Como nos não faz lembrança
Hũa tão certa ordenança
Do ceo, & do Sol que vemos?
Este posto, a noite traz
Consigo tantas estrellas,
De que formosa se faz,
Qual descuido pode em paz
Alçar os olhos a ellas?
Não se gaste mais pano
Apos nossa alma esquecida,
Lançada do Senhorio,
Tornemos atras ao fio,
Desta a que chamamos vida.
Ponhamonos em razão,
Cousa he que verá hum cego,
Queremos repouso, ou não?
Queremos, todos dirão
Ninguem não quer assossego.
Dizeime, & quando será
Que nos lẽbre, & que nos doa,
Quam certa que a queda está,
Siguindo a mentira má,
Deixando a verdade boa?

Que

Que vejamos como demos
Couſas ſem preço, por preço
Que lhe tão baixo poſemos,
A que eſtado nos decemos,
E de quam alto começo.
Antre os brutos animaes
Não ſe ouuerão por ſeguros,
Os homẽs racionaes,
Erão brauos, & erão mais,
Fizerão armas, & muros.
Agora porque vos conte
Quanto vi, tudo he mudado
Quando me acolhi ao monte,
Por meus vizinhos de fronte:
Vi lobos no pouoado.
Hum rato d'hũa cidade
Tomouo a noite por fora;
(Quem foje á neceſsidade?)
Lembroulhe a velha amizade
Doutro que hi no monte mora.
Sahiome aconta errada
(Muytas vezes a contece)
Creceome a minha jornada
(Diz entrando na pouſada)
Logo cidadão parece.

O po-

O pobre assi salteado
D'um tamanho cidadaõ,
Em busca d'algum bocado
Vai, & vem muito apressado,
Que naõ punha os pees no chaõ.
Ordena sua mesinha,
Inda tinha algum legume,
Inda algum poo de farinha,
Poslhe hi tudo quanto tinha,
Pede perdaõ por costume.
Diz, Quem tal adeuinhára,
(Contra o cidadaõ seuero)
Tanto reuoluera, & andara,
Que algũa cousa buscara,
A quem tanto deuo & quero.
Cumpre muito aquella mesa,
Mais da fome que da gulla,
Tem a fugueirinha acesa,
Faz rosto ledo á despesa,
Co trabalho dissimula.
Diz o cidadaõ comsigo
Que gente ha dantre penedos!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem disse o bom sengo antigo,
Que naõ saõ iguaes os dedos.

Depois do fraco comer,
Estando de tras o lar,
Começa o rico a dizer,
Dous dias que has de viuer
Aqui os queres passar?
Na aspereza do deserto,
Que não sei quem o soporte,
D'vrzes & tojos cuberto,
Sendo tudo tão incerto,
E tão certa só a morte?
Viue amigo a teu sabor
Mais he que cousa perdida,
Quem por si toma o peor,
Vaite comigo onde eu for,
Laveras que cousa he vida.
Quando as ambas prouares,
(Que eu doutrē não adeuinho)
Quando te enganado achares,
Ahi ficaõ teus manjares,
Ahi tēs tambem o caminho.
Assi disse, Eis o villaõ
Em aluoroço & balança,
Hia & vinha o coraçaõ,
Ora si, & ora naõ,
Vencco porem esperança.

E que pode hial fazer?
Viue com tanto cansaço,
Inda não pode viuer,
Naõ pode o anno vencer,
Que lhe assi corre despaço.
E diz, Quẽ não s'auentura
Naõ ganha, quẽ he q̃ o negue?
Escolhem hora segura,
Era pella noite escura,
Guia o rico, o outro segue.
Entraõ por paços dourados,
Cheirosos inda da cea,
Fiquẽ os casaes colmados,
Por sempre do sol torrados,
Fique a faminta da aldea.
Voume por meu cõto auante,
Amostra o cidadaõ tudo,
Que traz no bucho hũ ifante
Quẽ quereis q̃ naõ s'espãte?
Anda o vilanzinho mudo.
Que taõ sòmente em prouar
Das cousas que mais lhe aprazem,
Começam ja d'engeitar,
Começão de bocejar,
Em finos tapetes jazem.

Ora, o despenseiro chega,
(Que estes bẽs nao duraõ tanto)
Senteos, mas a pressa o cega,
Hum tiro, & dous mal emprega,
Segueos de canto em canto.
Os caẽs à volta correrão,
Ladrão, que he alto serão,
As casas estremecerão,
Hũs & os outros hi correrão,
Quis Deos que os gatos não.
Sabia o de casa a manha,
Sabia os passos, fugio,
O Ratinho da montanha
Aos pees em pressa tamanha
O coração, lhe cahio.
Mas espàçado o perigo
Da morte que ante si vira,
O coitado assi consigo
Polo seu repouso antigo
Que mal deixára, suspira.
Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A ti torne? & èsta riqueza
Mal que todo o mundo preza,
Fuja se poder voando.

Mal tomadas esperanças
Apaga aqui não me tomẽ,
Traças que não abastanças,
Assaz vi das vossas danças,
Deos me torne à minha fomẽ.

A Antonio Pereyra Senhor do Basto, quando se partio para a Corte coa casa toda.

Omo eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecerem cercas, & o gasto,
Vi, por caminhos tão maos
Tal trilha, & tamanho rasto,
Logo os meus olhos ergui
A casa antiga, & á torre,
E disse comigo assi,
Se Deos nos não val aqui
Perigoso imigo corre.
Não me temo de Castella,
Donde inda guerra não soa,
Mas temome de Lisboa,
Que ao cheiro desta canela,
O Reyno no despouoa.

E que

E que algum embique & caya,
(A fora va mao agouro)
Falar por aquella praya
Da grandeza de Cambayà,
Narsinga das torres d'ouro.
Ouues Viriato o estrago
Que cá vay dos teus costumes?
Os leitos, mesas, & os lumes,
Todo cheira: eu oleos trago,
Vem outros trazem perfumes.
E ao bom trajo dos pastores,
Com que saiste á peleja
Dos Romaõs taõ vencedores,
Saõ mudados os louuores,
Naõ ha la quem t'aja enueja.
Entrou dias ha peçonha
Clara pellos nossos portos,
Sem que remedio se ponha,
Hũs dormentes, outros mortos,
Alguem polas ruas sonha.
Fez no começo a pobreza
Vencer os ventos, & o mar,
Vencer quasi a natureza,
Medo ey de nouo á riqueza,
Que nos venha a catiuar.

Estas serras & penedos
Fazem sevos vistas feas,
Ia torceis o rosto ás aldeas,
Direis dos vinhos azedos
O que ja disse Cineas.
A quem nos cõuites dado
Aprouar, se lhe aprouuesse,
Despois nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) enforcado
Que a forca assi merecesse.
As vozeiras montarias,
Derribar aues que vão,
Cantando inuerno & verão,
Que al he saluo remir dias
Do enfadamento aldeão?
Que trabalhosos concertos
De vilaõs desentoados,
Os de vilaõs mal cubertos,
E o que he peor, pouco certos,
Muito desarrezoados.
Direis, & eu naõ volo nego,
Mas quereis tambem que diga?
Este mundo he armado embriga,
Não busqueis nelle assosego
Nem nũa alta ermida antiga.

Toda via ha differenças
Antre o de cá, & o de lá,
Cá nas mais das desauenças
Ereis mestre das sentenças,
Para ond'his outrem as dá.
Tereis em troca manjares,
Composições delicadas,
Hũas por outras grosadas,
Pellos tempestuosos mares
A gram perigo buscadas.
Conuites de quem conuida,
Amostraõuos suas tendas,
Quanta cousa hi he perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas más das fazendas,
Disto o cheiro, disto a cor,
Que preço nam tem igual,
Milagres de Portugal,
Cousas de tanto sabor
Para saberem taõ mal.
Onde se ha de lançar tanto?
Aquillo he pagar o pato,
Em fim quando m'aleuanto,
Ou ey de morrer d'espanto,
Ou se não m'espanto, mato.

Que contas vão tão erradas,
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não deseja?
Soyão ser as conuidadas
Vontades, agora he enueja.
Entra com vosco amenhaã,
Falaõse muitas linguoages,
Na tal cea cortesaã
Quanta mestura vay vaã,
A fora as nouas potages?
Os bõs conuites antigos,
Antes de se tudo alçar,
Erão para conuersar
Os parentes, & os amigos,
Que não pera arrebentar.
E de viuer juntamente,
Ouuerão conuites nome,
Soltos os olhos da gente,
Porque vissem que somente
A li se mataua a fome.
Aquella vfana Raynha
Irmaã do vil Tolomeu,
Que o rico pendente deu
Prodigamente à cozinha
Num grande banquete seu.

Vendo tudo irſe à perder,
Os amigos conuidaua,
Ia porem não de viuer,
Mas d'aſsi juntos morrer,
Na ſua lingoa os chamaua.
A voſſa fonte taõ fria
Da Barroca, em Iulho & Agoſto,
Inda me he preſente o goſto
Quam bem que nos hi ſabia
Quanto na meſa era poſto.
Ali não mordia a graça,
Erão iguaes os Juizes,
Não vinha nada da praça,
Ali da voſſa cachaça,
Ali das voſſas perdizes.
Ali das fruitas da terra,
(Que tem cada mes a ſua)
Colhida em ſazão cada hũa,
Nunca o ſabor á cor erra,
Nem ao nome de nenhũa.
O ceas do paraiſo
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala trocada, ou riſo,
Nem carregadas de ſiſo,
Nem danadas da licença.

Deshi ogosto chamando
A mores outros sabores,
Liamos pollos amores,
Tambem escritos d' Orlando,
En voltos em tantas flores.
Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro
Nestes derradeiros annos
Cos pastores Italianos.
Do bom velho Sannazaro,
Liamos polo alto Lasso,
E seu amigo Boscão,
Honra d' Espanha que saõ,
Hiame meu passo, a passo,
Aos nossos que aqui naõ vão.
Se eu isto estimado agora
Vira, como dantes era,
Por meu conto auante fora,
Mas não diz hora com hora,
Vaise como ao fogo a cera.
Que troca, ver la pasquinos,
Desta terra cento a cento,
Quem o vè sem sentimento?
Tratar os liuros diuinos
Com tal desacatamento!

E o que

E o que não deuem d'ousar,
Dizer, se em giolhos não,
(Que graças para chorar!)
Torcem, fazendo falar,
Ao som da sua paixão.
Esquecidos do conselho
Mas que digo eu? do mandado
Sendo porquem foi vedado,
No santissimo Euangelho,
Aos caẽs não deis o sagrado.
Peitos que sonhando andaes,
O muito não no troqueis
Por nadas, como o trocais,
As perlas Orientaes
Aos porcos as não lanceis.
Iugareis? *O* razão cega
Sempre o jogo fiz defeso,
Que tem noite, & dia preso,
O triste que assi o emprega,
O seu tempo todo em peso.
E des o Grou, tè Foloſa,
Homẽs de seiscentas cores,
Sò no jogo não tem groſa,
Conuersação perigoſa,
Missa d'arrenegadores.

Mal

Mal sem emenda he o jogo,
Antre os seus males mayores.
Hum Rey de grandes primores,
Dos nossos, mandou pór fogo
Aa casa, & aos jugadores.
Das leis antigas imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Dores sempre aqui, consigo,
Vai caminho das eternas.
Passemos por outros jogos
Que la vão, por outros tratos,
Fazer, dessfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Herodes para Pilatos.
Eaquelle grande aluoroço
D'Atãbor que à guerra chama,
Leua o velho, leua o moço,
Que entrã primeiro emdestroço
Que percão de vista Alfama.
Oo vida dos lauradores,
Se elles conhecessem bem
As auantages que tem,
Co aquelles santos suores
Que a si & ò mundo mantem.

Tratando coa madre antiga
Que de quanto em ſi recebẽ
(Nã entre engano, ou maa ligã)
Singelamente ſe obriga
A pagar mais do que deue.
*A*quelles mayores noſſos
Antigos Padres primeiros,
Erão no começo inteiros,
Eraõ ſantamente groſſos,
Sẽ mal como os ſeus cordeiros.
Regidos da natureza,
Nem tanto papel eſcrito
Vem hum reza, & outro reza
Sem canſar, & ſem certeza,
Buſcaõ, nunca achaõ o fito.
Foi ſem malicia & mao erro
A boa idade dourada,
Apreſſouſe a prateada,
Naõ tardou nada a de ferro,
Que tudo põs á eſpada.
Quanta ſombra que aparece!
Tapaime a boca coas maõs,
Ora atras, que naõ me eſquece,
Tambem por cà ſe adoece,
Vaõ porem aires mais ſaõs.

Por isso a gentilidade
Que em tudo philosophaua,
Ao Deos da saude alçaua
Templo fora da cidade,
Hi por ella se offertaua.
E áquelle Virbio a quem
Dera vida, nunca às festas
Nunca às cidades vem,
Sempre só por fora o vem
Caçando pollas floreſtas.
Hi que encontre cum Lião,
Cum vsso que anda ao traues,
Traz consigo á seus librès
Com que lhe o caminho dão,
Não he aquella a sua Res.
Da cousa maa claramente
Logo quem a vé se vella,
Chegase á que branda sente,
Por isso á antiga serpente
Pintão rosto de donzella.
Quando os antigos a alguem
Louuauão, não de senhor,
Nem de rico era o louuor,
Chamauão lhe homem de bem,
E ainda bom laurador.

A nossa

A nossa gente, que quis
Arremedar nos louuores,
Que agora parecem vis,
Aos bõs Reys Sancho & Dinis
Chamarãolhe lauradores.
Os prudentes dos Romanos
Antes que o tino perdessem
Donde cuidaes que escolhessem
Cincinatos & Serranos,
Que ante si em campo posessem?
E aquella sua grandeza,
Que o tempo não quer q̃ moura
Vemos que á mais da nobreza
Sobrenomes da riqueza
Naõ pós, antes da lauoura.
Inda oje vemos que em França
Viuem nisto mais à antiga,
A villa o villaõ se abriga,
Donde traz nome de herança
Mantẽno a sua fadiga.
Acende a fragoa o ferreiro,
Iuntamente, & o gallo canta,
Morde o couro o çapateiro
Brada co moço ronceiro
Que inda se enuolue na manta.

Viue a nobreza por fora
Segura;os despouoados
Corre cos lobos ousados,
Por darredor donde mora,
Mantem liure o mont' ós gados.
Da má gente auentureira,
Que âs escuras traz seu trato,
Que possa liure quem queira
Cantando ir de noit' â feira,
Ou dormindo no mulato.
Bom tempo, quando segura
A cabeça s'encostaua
Onde o sono a conuidaua,
Contente da cobertura
Taõ rica, que lhe o ceo daua.
Bebiaõ tomada ás maõs
D'agoa, que fosse em velhice,
Melhor que por vasos vaõs,
Lauaua ella os peitos saõs,
Antes da gargantoice.
Iacob fugindo ao irmaõ,
Qu'o mal tinha ameaçado,
Pastor ao campo vsado,
Passou o rio Iordam,
Na ajuda do seu cajado.

Como o sol ao mar deceo
Comeria do fardel,
Dagoa no rio bebeo,
Nũa pedra adormeceo,
Pos nome ao lugar Bethel.
Natureza nos posera
Como os olhos nos abrio
Ao perto, tudo o que vio
Que necessario nos era,
Do mais tudo se sorrio.
Como hũa aue ja vezada
A toda delicadeza,
He milhor ajuizada,
Foge â gayola dourada,
Vay buscar a natureza.
Hũa disposiçaõ mâ,
Longa enfirmidade & dor,
Que vay de mal em peor,
Onde remedio achará
Se á natureza nam for?
Cega da minha porfia,
Qu'em vão tanta razam gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Isvos buscar a madrasta.

Dos voſſos nobres auós
As Cruzes em ſangue abertas,
Vos poem obrigações certas
Que não as deixeis cá ſós,
A ſer do muſgo cubertas.
O que porem não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a de tal irmaõ,
Que naõ ouue o nome em vão
De Nuno Aluarez Pereyra.
Por toda eſta grande Eſpanha
Froais que ſohiaõ chamar,
Fez em Pereiras mudar,
Não do Rey mouro a patranha,
Mas voſſo antigo ſolar.
Do qual naõ ha muitos annos
Que hum que aqui Braga regeo,
Pondo a parte os longos panos,
Hum paſſo aos Caſtelhanos
Aa eſpada de fendeo.
Ao Reino cumpre em todo elle
Ter a quem o ſeu mal doa,
Não paſſar tudo a Lisboa,
Que he muito o peſo, & com elle
Mete o barco naguoa a proa.

E mais isvos muito ao ponto
Para qualquer apetito,
Então j'eu ouui hum conto,
A quem espreita & está pronto,
Não vades mudar o fito.
Tereis la conuersações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço adubadas,
E ás vezes das prégações,
Com muito gosto furtadas.
Trasposerão os amores,
Deixaraõ o paço aas cegas,
Saem de nouo mantedores,
Continuos murmuradores,
Pola praya d' Enxobregas.
Vereis barcos ir à vella,
Hús que vaõ, outros que vem,
Como que se desauem,
Cũa viraçaõ singella,
Tanta força a arte tem.
Os marinheyros vadios
Que vil mente a vida apreçaõ
Polas cordas dos nauios,
Volteaõ como bugios,
Inda que vos al pareçaõ.

Nam ey por perda esta leue,
Que sejaõ palauras tudo,
Mas ao coraçam acudo,
Senão dizei quem se atreue
Aa dor esperala mudo?
São ellas porem já muitas,
Felas ir crecendo a magoa,
Lembrovos as vossas fruitas,
Lembrovos as vossas truitas,
Que andaõ ja por vossas nagoa.

CARTA V

Aa maneira Italiana, a dom Fernando de Meneses, em reposta do que lhe escreueo de Seuilha.

Vadalquibir arriba, a rica praya
Que vistes, os perigos, & armadilhas,
De que escreueis, ouuindo homẽ desmaya.
Vistes nũa Seuilha mil Seuilhas,
Guardese da fortuna, & dos reueses,
Que assi creceo co este ouro das Antilhas.
Senhor meu dom Fernando de Meneses,
Eu vi Roma, Veneza, & vi Milão,
Em tempo d'Espanhoes, & de Franceses.

Os jardis de Valença d'Aragão,
Em q̃ amor viue & reina, & forças ganha,
Por onde tantas rebuçadas vão.
Mas isso (assi direi) mais ja parece
A coua da Sibila sobterranha,
Onde a vida em prazer desaparece.
Se cousa he pera crer, & não patranha,
Mas isso, assi não fosse elle verdade
Como he, sabei que amor vsa de manha.
Spreita onde vè rica ociosidade,
Hi enaruora bandeira, solta a vãa
Desenfreada prodigalidade.
Imiga das leis sanctas, & da saã
Da boa temperança, & vida pura,
Mas dessa Seuilhana amada irmãa.
Aquelles sam seus parques, hi assegura
(Eu digo amor) o seu estado & Cortes,
Ali he grã senhor, dure o que dura.
Por hi passea, & vay a seus deportes,
Viue ali Salamandra no seu fogo,
Que a elle vida dà, aos seus mil mortes.
Minino & cego (o risos) foge logo
A doce liberdade, & nunca mais
Em quanto o sente hi, torna, nem em jogo.
Mas tornemos às nouas que me daes

Das senhoras, & das casas, & das sedas,
Pedraria que cega os auençaes.
Per onde correm todas as moedas,
As d'ouro poderoso, & prata fina,
Em ricas praças ricas almoedas.
Quem vem a estar aos lanços, desatina.
A primeira auentura he a do siso
Que logo perde, tudo â banda inclina.
Ali sospiros, ali o brando auiso,
As boas manhas todas quantas sam,
Nobreza, parecer, he tudo hum riso.
Vendendo ellas o seu tanto ao pregão,
Cousas que se achão nas tendas por nada,
Regateiras crueis, por quanto as dão?
Mas que cegueira tão acostumada!
Em todo estado, toda lei, & idade,
Quẽ mais leua na bolsa, esse arrecada.
Não falemos naquella infirmidade
Dos seus priuados, que he como se acerta,
Por apetites sôs, & liuiandade.
Onde pòr não se pode regra certa,
Sòmente assi lhe apraz, a quem se obriga
Dos outros & cadahum como se offerta.
Quem o crerà? que nisto a gente antiga
Que tanto vio, vio pouco, do costume

Cega, & desta baixa humana liga.
Despois coa melhor lei, entrou mais lume
Suspirouse milhor, veo outra gente
De que Petrarcha fez tão rico ordume.
Eu digo os Proençaes, de que ao presente
Inda rithmas ouuimos que entoarão
As Musas delicadas altamente.
Aquelles Dantes, que versos danarão,
Perdoem, ah que o digo vergonhoso,
Com doo de bõs engenhos que enganarão.
Todauia Xenocrates famoso
Sabio rindo de Lais, por quem se chamã
O porto de Corintho perigoso. =
Vinhão de toda parte ali por fama
Da sua fermosura; elle foi tal
Que vencedor ficou, vencida a dama.
E mais sendo o perdão assi geral
Naquelle tempo, a todos tanto avsança
A dar culpa & desculpa, pode & val.
Porem dũa tamanha confiança
De si, & coa virtude, taes amores
(Qu'm soo seja aqui dito em abastança.)
Enxamea este mundo, & da das flores
Como lhe apraz à grande natureza,
Dos santos não me meto em seus louuores.

Que não se atreue a tanto esta rudeza
Do baixo estillo, & minha fraca vea,
Q' entẽdo, & não m'engana sua pobreza.
Oraçoes ja na Corte, onde se atea
Pera vos outra chama, outras contẽdas,
Outra prisam mais nobre, outra cadea,
Digna de vos; não tem a chaue as rendas,
Nam negoceações, que isso seria
Tirar o poder a amor, dalo às fazẽdas.
Amor he senhor grande, & não se guia
Por interesses vis, dar & tomar,
Amor noites não tem, que todo he dia.
Amor que nunca sabe atras olhar,
Que nam sabe pòr nodoas de sospeitas,
Na fê, não em querer, nem duuidar:
Não ergue ao ar figuras contrafeitas,
Como vemos às tardes nuuẽs raras,
Em pouco espaço feitas, & desfeitas.
Não traz contrafinaes, nem almanaras,
Naõ mãda escuitas fora, ali he paz boa,
Das fontes limpas, corrẽ agoas claras.
Quam longe do outro cego, que ao ar voa,
Todo desassossegos & queixumes,
Cudais q̃ his vẽt'a popa, his vẽto a proa.
Mandãno desconfianças & ciumes,

Hũs nadas, que porem ferem d'agudo,
Reina no pouo, guarda os seus costumes.
Todo he palauras, estoutro casi he mudo,
Ouçãose os corações, que ouuidos tem,
Mais certos, & outros olhos q̃ vẽ tudo.
E os peitos passam da banda dalem,
Como o sol dando faz nũa vidraça,
Os claros corações claros se vem.
Verdade q̃ não daõ os tempos graça
Tanta, como elles dauaõ no passado,
Anda encolheita, naõ sae tanto à praça.
Temese dum amigo apoderado
Do tempo, q̃ os sonha India & Brasil,
Tè que cadahum de lâ torne dourado.
Lançoumos a perder engenhos mil,
E mil, este interesse que aja mal,
Que tudo o mais fez vil, sendo elle vil.
Os momos, os seraos de Portugal,
Tão falados no mundo, onde sam idos?
E as graças temperadas do seu sal?
Dos motes o primor, & altos sentidos,
Os ditos delicados cortesaõs,
Q̃ he delles? q̃ lhes da somẽte ouuidos?
Mas deixem de tratar os Aldeãos
Da Corte, sempre foi, sempre será,

Trocãose os tempos, fogem dantre as mãos.
Não vedes quantas voltas o Sol da?
Ora aparece, ora desaparece,
Debaixo deste Ceo quedo que está?
O que ontem muito aprouue, oje aborrece.
As que agora erão faces, saõ ja enueses.
Nos poços sobe hum balde, o outro dece.
Porem (ò bom dom Ioão o de Meneses,
E ò Manoel) que taes tempos lograstes,
Dous Condes nos amores tão corteses.
Vos dias, vos as noites suspirastes
Com tanto louuor vosso; Ind'eu ouui
Os queixumes finaes que ao ar soltastes.
Depois de fora parte; por aqui
Se ouuem cantares; não dos naturaes,
Mas estrangeiros; j'eu cantára assi.
Ora outra vez a vos senhor que andaes
Naquella viua chama dessa idade,
De que os amores se apoderaõ mais.
Naõ me seja contado isto a vaydade,
Mas eu não vejo ca cousa mundana,
Que tanto suba sobre a humanidade.
Quem cuidando sera por força humana,
Com que taõ altamente a alma se escorà,
Que esperança nem medo a nam abana.

Alçase o tempo, & vay de foz em fora,
Dos sentidos conuem todos se aliue,
E q̄ ouça, veja, & viua, hora por hora.
De tudo (que ja muito me detiue)
Faz a conta que faz de neuoa & vẽto,
Passouse a corpo alheo, & ali se viue.
Buscou, & pos tão alto o fundamento,
Que por cousa nenhũa que aconteça,
O mesmo he no prazer, que no tormẽto.
Hi se acaba o seu bem onde começa,
Faz com' aguia òs filhos, q̄ os engèita
S'a vista ò sol dalgũ vè qu' enfraqueça.
Assi toma aos cudados conta estreita,
E aquelle que o seu bem claro não vè
Não he dos seus, nũ nada a cõt'he feita.
Ali se abraça sò co a sua fè,
Nella s'enuolue, nella se adormenta,
Que riqueza grandissim' aquell' he,
De q̄ outrẽ viuer possa, & ella o não senta.

ELE.

ELEGIA.

A hũa Senhora muito lida, em nome de hum seu seruidor.

Vidão em vosseñora, no alto engenho
Delicado saber, na tanta estima,
Não sei cõ q̃ ousadia ante vos venho.
Por dõ da natureza, posta encima.
De todo o q̃ aqui vemos descuberto,
A que he tão necessaria vossa lima.
Ocasiões esperando, & algum acerto,
(Que tudo he cheo d'acontecimentos)
Quantos males passei quam incubertos
As esperanças forãse cos ventos,
Iaa dias se eu tiuera vista algũa,
(Mas assi he bem que vão vaós pensamentos.)
Senhora quanto sol & quanta lũa
Em quanto eu cuido & temo, se me vão
Viuendo triste sem vida nenhũa.
Cuidaua que valesse esta razão
A que tanto se da, val pouco em fim,
Nomes vistosos, que remedios não.
Comigo aos braços, a que estado vim
Lidando noite & dia, elles quebrados
Hũs me mostrão ao dedo, outros sorrim.
São fogos como os que vemos pintados
Não chego a dizer mais, digo o que posso,
Os d'alma saõ os viuos, & os calados.

Não

Não sei como não vistes este vosso
Spirito em tanto tempo: onde assi val
Este nome de meu, & inda o de nosso
E como tanto andaes cuidando em al,
Que não vistes esta alma ha tantos dias
Que a vos só ve seu bem, tendeslho a mal;
E não se vos mostrou por tantas vias,
Tanta verdade, por esperiencia tanta,
Apurada em taes fogos, & agonias.
Aquella vista que a todos espanta,
Aquelle entendimento tão porfundo,
Não sei quem nisto o cega ou que o encanta.
Hercules tão falado pelo mundo
Quantos trabalhos venceo, mas adura
Madrasta nem por isso se quebranta.
Em fim veo no fogo, inda assegura
Seus olhos farta; & quanto ás immortaes
Honras que se lhe deuem, torna escura.
Iuigão se as cousas pellos seus finaes,
Melhor que por palauras, que farei:
Tudo me lembra, & tudo por de mais.
Tirania cruel, aspera lei,
Que assi quer o que quer, braua opinião
Abasta, assi me apraz, assi mandei.
Menosprezando de todo a razão
Seja a culpa d' Amor que enuolue tudo
Deixai chamar os seus por elle em vão.
O duro, o brando, o sem siso, o sesudo,
O velho com suas lagrimas piadosas
O moço aos sobresaltos branco & mudo.

Amor

Amor tem cheo d'armas victoriosas
Em padrões altos, tudo ao derredor,
Polas façanhas suas espantosas.
Poderoso, absoluto, & sò senhor,
Os Deoses tem os fados sobre si,
Liuremente o que quer sò pode Amor.
Os santos juramentos, ora assi
Ora assi feitos, passa em graça & riso,
Tè da lagoa sobterranha ri.
Não se pode falar estando em siso
Nas grandezas de amor, cumpre que estè
O entendimento do corpo diuiso.
Ao baixo oliuel nosso, o que se vè
Tudo tambem he baixo: estes sentidos
Leuemente enganados, não daõ fè.
Os remos na goa parecem torcidos,
Os olhos nos enlea hum jogo leue
De maõs, & assi se enganão os ouuidos.
Senhora bem sabeis o que se escreue
De dous pintores nobres a porfia,
Em que cada hum vencer o outro se atreue.
Fruitas pintou hum delles, que de dia
Vinhão aues comer, outro de hum veo
Pintado, fez que a sua obra encobria.
Vede quanto a arte pode, não valeo
Ali vista & saber, o veo de diante
Mandaua aleuantar o que perdeo.
Diz ledo o vencedor, Foste bastante.
A enganar aues? que victoria a minha
Enganando hum pintor tão posto auante!

Aquel-

A quelle leue Grego que hia & vinha
Con tanta ligeireza, & tal feruor
Que os pees voauã, quedo o corpo tinha.
Quando cuidauão que auia de traspor,
Inda desse lugar não se mouera
De que esperaua merces & louuor.
El Rey Agesilao que não posera
Nisto cuidado mais, não disse então
Somente que iogral lhe parecera.
Ora tornando atras, certo mais sã
Os nossos olhos que os dos morcegos
Que hũa cousa soo vem, as outras não.
Os seus thesouros, os ricos empregos
Alcançãose por sorte grande & rara
Iazem em mui profundos & altos pégos.
Tanto ha que canso me desempara,
O mesmo tempo, as forças desfalecem,
Ay quanto custa hũa esperança cara.
A algũs queixumes de fora parecem,
E tal vez o serão, sò a alma o sente,
E estes olhos coitados que amolecem.
Entre tanto que cuida a leue gente
Destes que vemos tantos a milhares
Regidos do sò caso & accidente.
Ondas q̃ aos ventos vão correndo os mares,
Andabatas que ferem ás escuras
E sem certeza dão por esses ares.
Estas serião as desauenturas
Que Heraclito choraua em vida andãdo,
E Democrito ria por locuras.

Com

Com muitas outras que fazem grã bando,
Però sempre hão de ser as principaes
Dosque perdendo vaõse,outrẽ buscãdo.
Meus desatinos onde me leuaes?
Vadiamente assi de monte em monte,
Ou (como dizem)por andurriaes?
Tomastesme jazendo á minha fonte,
O caminho não mingoa,ãtes mais crece,
Por muito que a razão clara desconte.
E não me abasta o mal que m'acontece,
(Qu'he tãto em meu quinhão)inda a vergonha
Que de mĩ & q̃ doutrẽ me recrece.
Que sorte tão estranha de peçonha!
Ando em busca de mĩ não sei poronde,
Em quanto esta alma tresvalia, & sonha.
Aqui somente a vãa Ecco responde,
Que parece tambem q̃ and'ella embusca
Não sei per que cauernas se m'esconde.
Quãdo o mũdo esclarece,& quãdo ẽbrusca,
Suspirando eu,suspira,ah crueldade,
Tambem dirá por mĩ,Este que busca?
Triste,que ja nam ando apos piedade,
Som em poder da dor,entendo o erro,
Entendo o danno,entendo a vaidade.
Sigo hũas sombras vãs,que nunca aferro,
De hũa sò folha que atrauessa tremo,
O tempo gasta as pedras, gasta o ferro,
Por mĩ ja nada,por vos tudo temo.

Ao senhor Françisco de Sâ de Mirãda,

Aa morte de seu filho Gonçalo Mendez de Sâ.

ELEGIA.

Nam chores, mas alegrate Elegia,
Força agora o costume, & natureza,
Inda que de chorares causa auia.
A parte vas onde ha nojo & tristeza,
Mas aquelle nojo, que he forçado,
Iunto està grã prazer, grã fortaleza.
Verás hum pay, a quem o duro fado
Desemparou d'hũ filho, em q̃ esperaua
Ver seu nome nos ceos aleuantado.
Verás a mãe, que tanto o filho amaua,
Que partindo a sua alma pello meo,
A metade lhe deu, a outra ficaua.
Dizendo, Filho viuirei em receo
Em quanto te não vir, & elle partido,
Eis que subitamente a morte veo.
Inda bem se não tinha despedido,
Inda as lagrimas bẽ não s'enxugauão,
Inda não tinhão delle nova ouuido.

E a primeira noua que lhe daũão,
Era de morte, porem morte qual
Elle quis sempre: & a q̃ elles o mãdauão?
O primeiro accidente he natural,
Com este não poderão, q̃ òs mais fortes
Como aos mais fracos, soe ser igual.
Mas de que virão bem as iguaes sortes
Que nos outros cayrão, em si tornarão,
Vendo chorar a todos tãtas mortes.
As lagrimas alheas consolarão
As suas, que ja deixão de lançar,
Iàgora rim os olhos que chorarão.
Veras ambos jagora taes estar,
Que por mais q̃ tu vas triste, & chorãdo,
Rindo t'hão de ver ja, rindo falar.
Começate jâgora ir espantando
Daquella fortaleza, com que o pay
Seu nojo tão cruel foi temperando.
N'alma o sentio soomente, que la vay
A verdadeira dor, mas não se ouuio
De sua boca algum sospiro, ou ay.
De pura dor a triste alma se abrio,
Mas acudio o siso, & a prudencia,
Com que aquelle aluoroço se encubrio.
Acudio à ferida igual paciencia,

Armouse contra a carne logo o sprito,
Esforçado do tempo, & experiencia.
Tanto que o triste caso lhe foi dito,
Co aquelle coração prudente & forte,
Qual em seu rosto veras logo escrito,
Disse, Sabia que obrigado â morte
O gèrei, & calouse: ô glorioſa
Voz, ò bem vinda, & bem ditosa sorte.
Eu vejo despedirse a tão fermosa
Purpurea alma do corpo, & ir voando,
Coroada de louro, & tão lustrosa.
Como hũa bella estrella, allumiando
Os ceos, & dando lume ca na terra,
Em que seu rayo està reuerberando.
ô alma bem nacida, qu'em tal guerra
Ganhaste hũa tal vida, honra, & gloria,
Quem morte lhe chamar contra ti erra.
Teu vencimento foi tua victoria.
Teu sangue rico esmalte da tua alma,
Tua morte te deu vida & memoria.
Quam bem compraste aquella bella palma,
Com que estâs la nos ceos fazendo enueja
A quem ca estâ temendo frio & calma.
Qualquelle serâ, por mais que seja
De sua vida amigo, que não queira

Ser tu? & que tal morte não deseja?
A todos está hũa ora derradeira
Esperando, ha de vir, & ha de chegar,
O quando, Deos o sabe, & a maneira.
Pois ô que trabalho he sempre esperar
Tão incerta certeza, mas mayor
He della se esquecer, ou descuidar.
E quem não quererá de tal temor,
De tal perigo, liure estar seguro,
Com Deos em gloria, em fama cá, & louuor?
Ditoso aquelle que do ferro duro
Traspassado cahio, pois foi leuado
Seu sprito onde está tão claro & puro.
Ditosos paes de que foste geerado,
(Glorioso mancebo) & boa estrella,
Em que naceste, & glorioso fado.
Seguiste aquelle bem pera que t'ella
Sempre inflamou, & seguindo, o alcançaste,
E a coroa que ja vias nella.
Mas ô estrella cruel, ja que mostraste
Tão grande sprito ao mundo, porque assi
Mostrado dantre nos logo o leuaste?
Morte cruel, queixemonos de ti,
Que sempre andas roubando o melhor q̃ ha,
Sempre o ouui dizer, agora o cri.

Leuaralo em nacendo, ou pois que já
Quiseste que o nòs vissemos, quiseras
Que delle nos lograramos mais cà.
Naõ deras a seus paes tal dor, não deras
Tamanha perda a quem delle esperaua
As cousas que tu nunca desfezeras.
Par'elle sò a fortuna se guardaua,
Qu'enueja ouueste morte â nossa terra,
Qu'outro Marcello neste nos criaua.
Aquelle fora outro rayo de guerra,
Se os fados o deixaraõ, duros fados,
Quem vos cuida fugir oh quanto erra.
Mas estes dias seus seraõ contados
Por muitos, & mui grandes, grãd'he a vida
Dos que em virtude & hõra sam louuados.
Aquella vida sò se diz perdida,
Aquella sò deuia ser chorada,
Aquella sò por triste & breue tida,
Dos qu'em morrendo, assi fica apagada,
Que memoria naõ deixa nem final
Em testemunho da que lhe foi dada.
Igual à d'hum bruto he tal vida, igual
A d'hũa planta, ao pô, à sombra, ao vento,
E a qualquer cousa, se a ha que menos val.
Que de que vem que aqui morrendo cento,

Se falle mais de hum soo? porque viuia,
E em bem morrer trazia o pensamento.
Dos outros outra vida não se via,
Senão dos corpos, a estes igualmente
A morte & vida os nomes lh'encubria.
Viue teu nome claro, & excellente
(Glorioso mancebo) & viuirà,
Em quanto hi ouuer vida, & ouuer gente.
Quuilo ha o Tejo, ouuilo hà
O Indo, o Ganges, la sera escuitado
O som que em ti teu pay leuantarà.
Dignamente seras delle cantado,
E em todo mundo com prazer ouuido,
Por elle mais glorioso, & enuejado.
Muito de ti dirà, mas muito crido
Sera de ti, muitos desejarão.
Tal nome ter, & tão bem merecido.
Tambem as bellas Nimphas cantarão.
As bellas Nimphas do Minho, & do Douro
Teu nome, & a todo o mundo o leuarão.
Alegres andaõ co cabello d' ouro.
Ao vento solto, rindo, & não chorando,
De palma coroadas, & de louro.
Todas esta tua morte festejando,
Como teu nacimento festejarão,

Por isto que de tibião esperando.
Para esta morte tua te criarão,
Com ella estão agora tam contentes,
Que mais agora te amão, do que amarão.
Pois tu q̃ la nos ceos, ond'estâs, sentes
A gloria que la tẽs, & a que te damos,
Porq̃ chorar por ti ninguem consentes?
Esta he a causa porque não choramos
Elegia, esta morte gloriosa,
Mas vida gloriosa lhe chamamos.
Por tanto tu nam triste, nem chorosa
Mas rindo, vay alegre ver aquelles
Pae & mãe seus, & a terra que ditosa
Fizerão por tal causa sayr delles.—
Emende.

Bejo as maos a v.m. *Antonio Ferreira.*

ELEGIA.

A Antonio Ferreira, em reposta da sua.

ESta branda Elegia, esta tão vossa,
Quero dizer de tanto preço, & tal,
Que vai fugindo ant'ella a neuoa grossa.

Bem vejo que era a empresa principal,
Esta a que vinha, mas a dor rezente
Tempo esperaua, cura mais geeral.
Quanto que áquella vea assi corrente
Se deue! áquelle engenho prõpto, & raro,
Que assi sente! assi diz tudo o que sente!
E mais em tal sazam, tal tempo, auaro
De louuores alheos, em grã danno
Dos engenhos, que s'achaõ sem amparo.
Vem hũ dando á cabeça, & ~~entra~~ vfano,
Cousas do seu bõ tẽpo, ardẽdo ẽ chamas,
Polas q̃ fez, todo al lhe he claro engano.
Andaõse âs razões frias polas ramas,
Hum vilancete brando, ou seja hũ chiste,
Letras ás inuenções, motes ás damas.
Hũa pregunta escura, sparsa triste,
Tudo bom, quem o nega? mas porque
Se alguem descobre mais, se lhe resiste?
E como, esta era a ajuda? esta a merce?
(Deixemos ja as merces) este o bõ rosto?
De menos custa emfim? q̃ este tal he?
E logo aqui taõ perto com que gosto
De todos, Boscaõ, Lasso, erigueraõ bãdo,
Fizeraõ dia ja quasi sol posto.
Ah que naõ tornaõ mais, vaõse cantando
De valle em valle, de ar mais lumioso,
E por outras ribeiras passeando.
Tornemos ao desastre a nos choroso,
Furtando m'hia a dor qu'inda ameaça
Como hum parto ao fugir mais perigoso.

Não ouſo inda a fallar tanto de praça,
Fallo comvoſco como em puridade,
Incerto do que diga,& do que faça.
Quando mandei meu filho em tal idade
A morrer polla fè,ſe aſsi cumpriſſe,
(Qu'eſta era a verdadeira ſua verdade,)
Tu vas pello caminho agro(lhe diſſe)
Que tu meſmo tomaſte â tua conta;
Sem perigos quem ſe acha que ſubiſſe?
De tempo que aſsi foge,que te monta
Vint'annos,trinta mais?que mõtaõ cẽto?
Ergueo a viſta a mĩ alegre,& prompta:
Suſpirando por ſer lá num momento,
(Se ſer podeſſe)tão depreſſa os fados,
Corriaõ(nomes vãos, ſem fundamento.)
Então o encarreguei deſtes cudados,
Deos,& logo honra;logo o capitão;
Quam preſtes a cũprir foi taes mãdados!
Parece que os leuou no coraçam,
Naõ ſoltos por defora nos ouuidos,
Como outros fazẽ,que perdẽdoos vão.
Do corpo aquelles eſpertos ſentidos,
Mais inda os d'alma tão limp' & tão pura;
Ia agora os bõs deſejos ſam cumpridos.
Vio onde a deixaria em paz ſegura,
Depreſſa á occaſiaõ arremeteo,
Naõ quis mais eſperar outra ventura.
No dia do começo a conta encheo;
Seguro vio a morte,eſpanto antigo,
Nos ſonhamos aqui,tu vas te ao ceo.

Ditoso aquelle Mestre, dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louuou
O filho, & deu ao corpo em mort' abrigo.
Er'ella conta igual, que quem entrou
Antes á vida, sayísse primeiro,
Eu sou que deuera ir, quem nos trocou?
Cordeiro, ante o throno alto do cordeiro
Lauado irás no teu sangue sem magoa,
Oo quem como era pae, fora parceiro.
A Paulo da fè nossa ardente fragoa,
Que pera o filho, o pae ponha ẽ thesouro
Parece natural hum correr d'agoa.
Não assi ao contrario, abaixo o Douro
Aqui perto ao grã mar se lança escuro,
Mondego, & Tejo das areas d'ouro.
Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer, vim, vi, venci,
Cerrãdo & abrindo a maõ posto em segu (ro.
Não se vejaõ mais lagrimas aquí,
Saluo se por nòs forẽ, qu'em taes treuas,
E taõ cega prisam, deixaste assi.
Vaite à boa ora, nam tẽs de que deuas
Temer, la tudo he paz, tudo assossego,
Quem leua hum tal seguro, qual tu leuas:
Ditoso, que não viste de dor cego,
Por senhor hum imigo da tua lei
A tanta pressa, fora hum certo emprego.
Quantas graças meu Deos, quantas te dei,
Sabendo d'alma qu'era liure & viua,
Sem ella ao corpo de que temerei?

Sabia

Sabia a ſua condiçam altiua,
(Neſta ſò parte) no mais, brãda, humana,
Era para morrer, não ſer catiua.
A ſepultura que os olhos engana,
He leuiſsima perda, aſsi tambem
He lodo, he terra, he pò, terra Africana.
Que tam eſtreito mar antre ſi tem,
Abila & Calpe, foi tempo, hum ſòmente,
Dous agora, hum daquem, outro d'alem.
Nos quaes, duas colũnas pos defronte
Hercules, qu'ali entrada ao grã mar deu.
Falece aũtes quem crea, q̃ quem conte.
Os Gregos no que eſcreuem, poem de ſeu
As vezes muito, & ha quẽ diz q̃ chamadas
Ia foraõ as colũnas de Briareu.
Acabemos nas bemauenturadas
Almas ſubidas para ſempre á luz,
Sem treuas, rindo la dos noſſos nadas.
Hum ſò qu'em ſangue aberta traz a Cruz
Branca por armas, deu Deos á cidade,
Milagre, que em ſinaes claros reluz.
Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, Mouros a milhares,
Mordeſe a enuej'ás mãos, ri ſe a verdade.
Para as feſtas diuinas que lugares
Tão claros, hi ganhaſtes polas lanças,
Correndo ledos á tal gloria, a pares,
Sem fim, ſem ſobreſaltos, ſem mudança,

Ao senhor Frãcisco de Sâ de Miranda,

Iorge de MonteMayor S.

Ora es digna cosa (ò pluma mia)
Que os afineis, mostrando mis conceptos,
Con arte, ingenio, estillo, y melodia.
Conformense a la causa los effectos,
Preuengan luego aqui la eterna mano,
Con terminos subtiles, y discretos.
No escriuo la grandeza d'Octauiano,
No los triumphos de Cæsar, no la gloria
Qu'en cõquistar gano Alexãdre Magno.
No las pompas de Dario, no la hystoria
Del diuino Scipion, no la riqueza,
D'Antiocho, ni de Manlio la victoria.
No escriuo a Ciceron, qu'en subtileza
Con su pluma llego al summo grado,
Ni del Poeta heroico la biueza.
A otro blanco tiro, que ha tirado
La barra tanto mas, que siempre anda
Enla Corte de Apollo sublimado.

A Francisco de Sà el de Miranda

Escriuo, aunque a mi ingenio le parece
Que a mas delo que puede se desmanda.
Y si a vos (pluma mia) os enflaquece
El temor dela empresa, enfin fortuna
Enlos mayores casos fauorece.
Estad ya sin temor de cosa alguna,
Que por baxo que sea nuestro estyllo,
La causa lo alçarâ, qu'es qual ninguna.
Y pues mi ingenio veis que en esto afilo,
Qu'es sin comparacion, podeis creerme
Que Atropos no podra cortarme el hilo.
En fin señor Illustre, he de meterme
So tu amparo y fauor, por sublimarme,
Y al mundo podre luego anteponerme.
Que pierdes de tu ingenio en leuantarme?
Ha de mẽguar por dicha tu grã sciẽcia?
Por la pequeña mia acrecentarme?
Puedes perder de todos la obediencia?
Puedes perder que fama en todo el mũdo
Publique tu alto estyllo, y grã prudẽcia?
Puedes dexar de ser el mas profundo
En sciencia, erudicion, q̃ alguno ha sido?
O tu ingenio podra hallar segundo?
No cierto, que tan alto te ha subido,

Que

Que te pierdo de vista, y no es posible
Poder dexar de ser lo que ha sido.
Pues luego claro está que te es posible
Hazerme rico amy, sin quedar pobre,
Que quien podra vencer al inuencible?
Haras que a poca costa tuya cobre
Tal arte, tal ingenio y fundamento,
Que oro buelua yo mi baxo cobre.
Doite cuenta de mi, que es argumento,
De me hazer tan tuyo como digo,
Aunque me falte aqui merecimiento.
De mi vida el discurso yo me obligo
A contartelo en breue, aunque mas breue
fortuna se mostro para comigo.
Comigo se estrecho, y no se mueue
A me subir a mas que a vn cierto grado,
Y a me passar de alli, ya mas se atreue.
No en la studiosa Athenas fui criado,
Ni aun enla insigne y grande Babylonia,
Ni la superba Troya he passeado.
Ni en la justa y Real Lacedemouia,
Ni en la bellica Thebas, ni en Carthago.
Ni en la grande Paris, Sena, o Bolonia.
Ni en la triumphante Roma, hondo lago
De tantos hechos en armas, sangre y fuego,

Qu'en Africa, Asia, Europa, bizo estrago.
Riberas me crie del rio Mondego,
A do jamas sembro el fiero Marte,
D'el Rey Marsilio aca desassosiego.
De sciencia alli alcance muy poca parte,
Y por sola esta parte, juzgo el todo
De mi sciencia, y estillo, ingenio, y arte.
En Musica gaste mi tiempo todo,
Preuino Dios en mi por esta via,
Para me sustentar por algun modo.
No se fio señor de la Poesia
Porque vio poca en my, y aũque mas viera,
Vio ser passado el tiempo en que valia.
El rio de Mondego, y su Ribera,
Con otros mis iguales passeaua,
Sugeto al crudo amor, y su bandera.
Con ellos el cantar exercitaua,
Y bien sabe el amor que mi Marfida
Ya entonces sin la veer me lastimaua.
Aquella tierra fue de my querida,
Dexela, aunque no quise, porque veya
Llegado el tiempo ya de buscar vida.
Para la gran Hisperia fue la via,
A do me encaminaua mi ventura,
Y ado senti que amor biere y porfia.

Alli me mostrò amor vna figura
Con la flecha apuntando dixo, Aquella,
Y luego me tirò con fuerça dura.
A mi Marfida vi, mas y mas bella
Que quantas nos mostrò naturaleza,
Pues todo lo de todas puso enella.
El Mar, de perficion y gentileza,
Fida, por la mas fiel que nadie vido,
Sũma lealtad de fè y ffirmeza.
Mas ya qu'el crudo Amor me huuo herido,
Le vi quedar tan preso en sus amores,
Que yo fui vencedor, siendo vencido.
Alli senti de amor tales dolores,
Que hasta los de aora no creya
Que los pudiera dar amor mayores.
Però despues que vn mal en mi porfia,
(El qual se llama Absencia) es quasi nada
El otro graue mal que antes suffria.
En este medio tiempo, la estremada
De nuestra Lusitania gran Princesa,
En quien la fama siempre està occupada:
Tuuo (señor por bien) de mi rudeza
Seruirse, vn baxo ser aleuantando
Con su saber estraño, y su grandeza.
En cuya casa estoy ora passando

Con mi cansada Musa, ora en esto,
Ora de amor y absencia estoy quexando.
Ora mi mal al mundo manifiesto,
Ora ordeno partirme, ora me quedo,
En vna hora mil vezes mudo el puesto,
Ora a hurto de amor, me finjo ledo,
Ora me veo tan triste que me muero,
Ora querria morrirme, y nunca puedo.
Mil vezes me pregunto que me quiero,
Y no se responderme, ni sentirme,
Enfin me hallo tal, que desespero.
Si con tu Musa quieres acudirme,
(Gran Francisco de Sâ) daraſme vida,
Que dela mia estoy para partirme.
De tu sciencia, enel mundo florecida,
Me cõmunica el fructo desseado,
Y mi Musa serâ fauorecida.
Pues entre el Duero y Miño estâ encerrado
De Minerua el thesoro, a quien iremos?
Si no es ati?do estâ bien empleado.
En tus escritos dulces los estremos
De amor podremos ver mui claramente,
Los que alcançar lo cierto pretendemos.
Dexar deue el arroyo, el que la fuente
D' agua limpia y pura veê manando,

Delgada

Delgada, dulce, clara, y excellente.
Mui confiado estoy de ti, esperando
Respondás a mi letra por honrarme,
Pues d' escreuirte yo, me estoy honrãdo.
No quiero importunarte, ni alargarme,
Que do ay prolixidad, no falta vicio,
Escriue señor por consolarme
Que amy haras merced, â Dios seruicio.

Reposta de Fransciſco de Sâ de Miranda.

MOnte mayor, que a lo alto del Parnaſo
Subiſte, porque al nueſtro Luſitano
Truxieſſes dulces agoas de Pegaſo.
Que hare q̃ al reſpõder tiẽbla la mano?
Trabajé por eſcuſa, ſi la hallara,
Buscãdo lo q̃ no ay, cãſaſe en vano.
No diſsimulare la verdad clara,
Yendote a reſponder, atras boluia,
Viendo tu pluma quanto que me alçára
Temia lo que aun temo, que diria
El que oydos alçara ala reſpueſta
La tierra tan preñada, que paria.

Parturiunt mõtes, naſcetur ridiculus mus.

Soltoſe

Soltose en risa todo, tanto cuesta
Esperar mucho, viendo por d' antojos,
Quanto a my, quien me loa, me amonesta.
Poniendome de lante de los ojos
Como en pintura, lo que seguir deuo,
Que en traje de loores, son abrojos.
Forçado a responderte en fin me mueuo,
Yerro a sabiendas, van y vienssudores,
Agora el huelgo, ora la pluma prueuo,
Si con Monte mayor trato d' amores
Quando lo alcancare: vá de corrida,
De laurel coronado, yedra, y flores.
Y si antes quiero tratar de la vida
Que sola es vida perpetua y segura,
La entrada es alta, ciega la salida.
O buen Mondego que en la Estremadura
Nuestra, a Neptuno pagas el tributo
Deuido, como vuiste gran ventura;
Al fin (dire) del mundo has dado vn fructo
Que lo inche de odor todo, y que leuanta
Del campo y sierras niebla, el campo ha enxuto.
Mientras tañendo va, mientras el canta
La su Marfida, por los campos llanos
De tus agoas regados, quien no espanta:
Por donde (vn tiempo fue) mil gritos vanos
El mi Diego espargio, sin aluedrio
D' amontado alli de pies y manos.
Estotro con mejor suerte el turio
Passo, los altos puertos, buelue lleno
De mucha gloria al nido suyo y mio.

Todo este se fizo mas sereno
La nuestra Lusitania a lexos tierras
Se va, de boca en boca, seno en seno.
Fue Monte mayor ya mentado en guerras
Del santo Abbad Don Iuan, (cuentase assi)
Agora dexa atras agoas y sierras.
Quando los Moros lançauan de aqui
(Ah los muchos peccados de Christianos)
Quedose el leal Monte en saluo alli.
Marsilio de gran nombre entre paganos,
Del Hebro a la Ribera puso silla,
Ya raya entre Carthago y los Romanos.
Entraron Maomethanos por Castilla,
D'amor, y Marte fiero vuo auenturas,
Quien cree, quien no lo cree, se marauilla.
Grandes cosas se cuentan de como a escuras
D'aquellos tiempos, de vista Turpino,
A estranhos cuentos orejas seguras.
El hadado Roldan, Reynaldo, Dino,
Que le fuera fortuna mas cortes,
De sus riquezas, vn tal Paladino.
Rogel, del ingenioso Ferrares,
Tanto alabado, en tan sabroso estillo,
Astolpho, auenturero, y vano Ingles,
Que dio la muerte (al fabuloso Horrilo:)
Violo el blanco Grifon, violo Aquilante
Negro, hermanos, ribera del Nilo.
Dos guerreras, Marfisa, y Bradamante,
En campo armadas, tormenta y terror,
Por enemigas hazes adelante.

Hasta tanto llegue, por tu sabor
Que todo es en Marfida, he te seruido
Si mal no deprendi las leies d' amor.
Vezino aaquel tu monte do has nacido,
Cogi este ayre de vida, y del Mondego
Tan clara y tan sabrosa agoa he beuido.
Asiento de las Musas, tras el ciego
Niño que buela, perdi el tiempo andando
Vno de los sus locos, no lo niego.
Y aun aora, la memoria quando
Bueluo por las pisadas que atras dexo,
Lo que me hago no se, si ando, o desando.
A tal sazon quiça de amor me quexo,
Si viste algunos de los mis renglones,
Triste Andres, triste Diego, triste Alexo.
Que haremos a estos nuestros coraçones?
Si se nos hurtan toda vez que quieren?
Vanse como acogiendo a sus prisiones.
Bien vees que estos sentidos en nos mueren,
Biuen en otra parte, alla passados,
Alla nos llaman, d' alla nos requieren.
Y mas conque blandura! amenazados
Como esclauos huidizos, noche y dia,
Duras leyes, duros fuegos, duros hados.
Hasta el mal d' otro tiempo desafia
La vida, y con desseos de presencia
Se buelue a codiciar lo que dolia.
El nuestro Andrade vi muerto d' ausencia,
Sprito tan gentil, tan mal tratado,
A mal tan aspero, tanta de paciencia.

Nacido para amar y ser amado,
Mas es amor cruel naturalmente
Tanto en contrario al nombre que le han dado.
O ciegos, ciegos, qual razon consiente
Que lo que os aquexaua alla, cad' ora
Aca con su deseo os atormente?
Quien no sabe que amor al que lo adora,
Y mas de vientos beue por sus cosas,
Por vna vez si rie, quantas que llora?
Que muestras son las suyas tan lustrosas;
Que pintadas; que lexos tan diuinos;
Agoas que caen d' alto tan hermosas;
Que soledades d' vnos altos pinos,
Como del monte Menalio, a las estrellas
(Licencia ayan palabras) tan vezinos,
Que los cantares, antes las querellas,
De sus pastores oyen en tal parte,
Parece que responden al fin dellas.
Demos buelta al Archero, que reparte
Tan mal sus flechas, van lo acompanhar
(Por la razon que ende ay,) Venus y Marte.
Con que palabras te podre rogar,
(Sea con gran perdon de quien te llama)
Que no nos quieras tan presto dexar.
Marfida, el fuego tuyo y dulce llama
Aura por bien de ser aca cantada,
Do no vino en persona, venga en fama.
Sabe bien que la muerte toda ayrada
Amenazò quanto nace, y no perdona
A cosa biua, y todo buelue em nada.

Enterne-

Enterneciſte eſta braua leona
A los cantares de tu ingenio raro
Con gran fauor del hijo de Latona.
Leuanta los ſentidos al amparo
Tan ſeguro y tan alto, como tienes
Deſta Princeſa nueſtra, vn ſol tan claro.
No ſeas como muchos, que ſus bienes
Bien no conoſcen, mira que acontece
A pocos lo que ati, ſi bien te auienes.
Yo digo con tu ſuerte, que eſclareſce
Por la caſa Real en todo eſtado
Do por coſtũbre antigua embidia creſce.
En fin las Muſas ternan el cuidado
Del ſu Poeta, que lo quieren tanto
Como a quien de años tiernos han criado,
Al ſon de las ſus vihuelas, y al ſu canto
Lo entonan ſiempre, ve ſe clara prueua,
Cantando el mueue agozo, mueue a llanto.
Deſtos mui cuerdos, no me es coſa nueua
Que eſten burlando eſclauos del prouecho
Onde aparece, o que arda el cielo, ollueua
Esforçandoſe ſiempre, o con derecho,
O ſin derecho (aqui poned el tino)
Inchamos eſta caſa, haſta el ſu techo.
El oro blando a todo abre el camino
Mas que el hierro, y ſolo el es dicho Auer,
Nadie inquiere deſpues de donde vino.
Las buenas Muſas baſtales tener
Lo neceſſario, para que es affan
Vano, y ſin fin: que poco es meneſter.

No vees los dias que priſſa ſe dan?
Vnos tras otros, pocos ſon los ledos,
Y todos juntos pero que ſeran?
Humos y vientos que nunca eſtan quedos,
Eſſe poco de vida y breue inſtante
Lleno de ſobreſaltos y de miedos.
Otra vida a Beatriz ha dado el Dante,
A Laura hizo el Patracha tan famoſa,
Que ſuena deſte mar al de Leuante.
Bocacio alço Fiumeta en verſo y proſa,
De Piſtoya el buen Cino a ſu Seluaja,
Ah buenos años, buena edad dichoſa.
Parece que eſte mundo haze ventaja
En tiempos a ſi miſmo, otros ſe esfria,
De toda parte, y como que ſe nos coaja.
A ti las Dioſas de la Poeſia
Ya tu Marfida, os haran immortales,
Que nunca le anochezca al vueſtro dia.
En lo del cuerpo deſtos animales
Que dizen brutos, mucho atras quedamos,
En vn ſentido, mas otros iguales.
Hemos de confeſſar que no queramos.

Franſciſco de Saa de Miranda.

FABVLA

FABVLA DO MONDEGO.

A ElRey nosso Senhor.

INclyto Rei, que deste al otro Polo
Enchistes de tropheos, abriendo al
Nylo
Desde el Tajo: luz nueua, y nueuo dia,
Mudando en esto la natura estillo:
Dádoos Neptuno el mar, dádoos Eolo
Sus viétos: y armas Marte ala porfia:
Por la Zona que ardia
En braua, continuamente
Vuestra animosa gente
Los Portugueses, a que nada espanta,
A vos señor los ojos, y ala santa
Empresa, y lealtad ppria, y d'abuelos,
Contra amenaza tanta
Gran denuedo vencio, tantos recelos.

Ora mientra al mar Roxo el Othomano
(Soberuio delos muchos vécimiétos,
Por culpa agena, mas q̃ virtud suya)
Ata las llagas, trueca pensamientos,
Tiembla, pensando a vuestra armada mano,
Busca donde se escõda, o por do huya,
Antes que lo concluya,
Del todo, y buelua en nada
La vuestra luenga espada,
Alto señor, no falte aqui ninguno
Que no os vẽga a seruir a vno a vno:
Yo tábien tropeçando hasta q̃ caya,
Fauor pidiendo alguno
Al estrellado Pá, con que a vos vaya.

Y viendo que baxais vuestros ovdos
Por essa tan amable mansedumbre,
Al canto pastoril, medio dañado,
Quiça mouere mas hazia la cumbre
Del mui alto Parnaso, por oluidos
Malos, y malos tiempos oluidado.
Aquel tan alabado
Tytiro Mantuano
Alçando el cantar llano
Del campo, nos dexô sobrada escusa
De irmos tras la su Thalia vfana Musa,
Quanto las fuerças podrá abranger,
Haremos lo que se vsa,
Reconosciẽdo al tiempo el su poder.

Entre el gran Duero, y Tajo, el buen Mondego
(Ya Munda) (que es dezir, clara agoa y pura,)
Se va por los sus campos passeando;
Parece que saliendo destrechura,
El trabajo vencido, entra el sossiego,
Y quedo a su ciubdad muestra va dando:
Donde aora cantando
Las hermosas hermanas
Del fauor vuestro vfanas
Se mueuen juntas en cuento y concierto,
Que salen del ñublado al descubierto,
Cantando el vuestro nombre, y subilloban
Al cielo su alto puerto,
Do tales Reyes por tales obras van.

Ribera deste cabdaloso rio,
Riquissimo de pastos, y ganado,
Vuuo vn noble zagal de nacimiento,
En edad tierna sin padre dexado,
Sin madre, sin hermano, en señorio
Libremente del largo heredamiento:
El puesto entre otros ciento
Donzel apuesto, y tal,
A ser el principal
No cuerpo, gesto, o gracia le faltaua,

Antiga y comum fama lo arrayua
De sangre de Gerion, que atantas lides
Ante sus greis se armaua
Fuerte en tres cuerpos, contra el grande Alcides.

Cuya venida donde aquella agoa baña
Los campos de Coimbra, ay tal memoria,
D' vna alta torre de su nombre rica,
Por suya juntamente, y nuestra gloria,
Como las dos colũnas que esta Espanha
D' Africa parten en distancia chica,
Tras esta multiplica
Otra y otra señal,
Vn arco triumphal,
Las grutas, y edificios Romanos
Los luengos aqueductos, ya mal sanos,
Que la han de antiguedad en noblecida,
Segun las nuestras manos
A sus obras mal dan años de vida.

Mas sobre todo que la enriquecio
A la noble ciudad, es el thesoro
Del santo cuerpo de su Rey primero
Que en el campo vencio tanto Rey moro,
Quando otro Rey mayor le aparecio
Por nosotros erguido en el madero,

Y aquel padre primero.
Que con el bien no pudo:
Por lo qual vuestro escudo
Real, lleua pinturas tan diuinas,
De tales Reyes, y tal misterio dignas,—
El buen hijo cab'el quiso yazer,
Que desplego las quinas,—
Sangre a Guadalquibir hizo correr.—

Boluamos al Mondego, que á esta parte,
Ora âquella, se va suauemente,
Otro nuestro Meandro en sus rodeos.—
Ende al passar d'vn bosque, y d'vna fuente,
Rica dela natura, y pobre de arte,
Viose vna Nimpha, tambien sin arreos,
Diuina en sus meneos,
Graciosamente estando,
Gratiosamente andando,
Vn blando ayre respirana al prado ameno,
Ella cantaua, y juntamente el seno
Enchiendo se yua de diuersas flores,
De que el campo era lleno,

Al fresco bosque en la calor se entrâra
La Nimpha hermosissima, cubierto
De saufes, que enel alto se abraçauan,
Sobre verde variado de mil flores.

De ſauzes, que enlo alto ſe abraçavan
Quaſi en cierta medida, y cuento cierto
D'vn cabo el monte, d'otro el agua clara
Como a porfia, que lo rodeauan:
Las aues combidauan
Con ſu dulce armonia
Tomar amor por guia,
Al que enel boſque ſolitario arriba.
Vna fuente manaua en peña biua,
Eſcondida a los hombres, y al ganado,
Que dulcemente ſe yua
No ſe que murmurando por el prado.

Nieue la Nimpha, el veſtido de nieue,
Entretexidas de oro flores raras,
Al viento las madexas d'oro fino,
Vencen ſus ojos las eſtrellas claras,
Los blanquiſſimos pies por flores mueue,
Quanto vees y no vees todo es diuino.
Vn cuerpo mortal digno
Nunca fue de tal ver;
Si vuo d'acontecer,
Nunca ſ'acontecio ſin graue daño:
Exemplo es de Acteon el caſo eſtraño,
Qu'en cieruo tansformado, corre el campo

Y aquel por tamanho
Que con el su Pamphago, y su Melampo.
Por lo q
Real, lli aua aquel cantar famoso
De tales ca Diana, y el roxo Apollo—
F. mosissimo parto de Latona—
Que no le dan con los sus niños, solo
(Siquier por breue espacio) algun reposo,
Perseguida sin le ayudar persona
Comun fama apregona
Que las que ora son ranas,
En fin siempre villanas,
Lycios malsines que le auian hecho,—
Turbando el agoa de comun derecho—
Deuida a todos, pidela en merced,
Tales hijos al pecho,
De calor muerta, de cansancio y sed.——

Diego (que el donzel tal nombre auia)
A caso alli arribo, busca sossiego,
(Que baxaua del monte fatigado).——
Ah triste adonde vas? todo ende es fuego,
El bosque, el rio, aquella fuente fria,—
Todo arde en llamas, buelue atras cuytado,
De su suerte lleuado,
La Nympha en oteando

Como

Como aqui vine, o quando,
(Dixo) o do me estoi? ojos que veis?
Oydos que a tan alto os estendeis?
Ay Dioses immortales, no me sea
Contra todas las leyes
Por culpa auido aqui cosa que vea.

La Nimpha que sintio d'ojos mortales
Su beldad immortal ser offendida,
Dexado el canto, gimio contra el cielo,
Del gesto hermoso la color perdida,
Y juntamente todas las señales
Del plazer fuidizo buelto en duelo:
Y como aquel moçuelo
Troyano, no pudiendo
Suffrir su cuita ardiendo,
Echose al agua alla por lo escondido,
Alos ojos huyo, que no se vido
Despues aca entre nòs en parte alguna:
El moço esuanecido,
Sin ojos mecer, mira a la laguna.

Auia amor dispuesto a la sazon
El pecho (enantes duro, y çahareño)
Vsado a caças delas brauas fieras,
Despreciando amor desde pequeño,

Por

Por lo qual assechando la occasion,
Vengatiuo qual es, diole de veras,
Diziendo, Mas tu que eras
Tan atreuido, y loco,
Ternas en este poco
Para toda tu vida, o corta, o luenga.
Vengose el niño ciego, aora te venga,
Si tanto puedes. Diego frio está,
Oyo la dura arenga,
Sintio el gran golpe, Amor bolando vâ.

Despues (como de sueño alto) despierto,
Los ojos huelue aca y alla pasmado,
Al cielo, al agua, al monte, al campo llano,
Y qual ir vemos vn desasisado,
Alli se mueue el triste sin concierto,
Ora para, ora corre, y grita en vano:
Gozase Amor villano,
De como en poco trecho
De Diego vn otro ha hecho,
De como por el água entra sin tino,
Todo turbado; no sabe el mesquino
Lo que haze, o que haga àquella cuita suya,
Aaquel furor diuino,
En que modo lo attienda, o por do huya.

Dezia a gritos, Como, y pudo auer
Lugar en que cupiesse vn bien tamaño,
En todo este cercado aca del cielo?
Aquel bien solo, que igualaua el daño,
A tanta claridad donde esconder
Se pudo, con igual mi desconsuelo?
Quien me alçaria a buelo,
Para qu'este ayre todo
Busque; y que tenga modo
D'entrar, y reboluer las agoas dentro?
Quien me abrirâ caminos hasta el centro,
Que vaya siempre, y nunca buelua atras,
Por malo, o bueno encuentro,
Hasta que vaya a dar donde tu estàs?

Que podeis ya aqui ver, ojos cuitados,
Saluo ora baxo, ora mas alto el rio?
Ora mal al amigo, ora al pariente?
Ora grande calor, ora gran frio?
Y roñas, cõmun mal delos ganados?
Las renzillas que van continuamente,
El luengo año que miente
A tantos de sudores
De nuestros labradores,

No basta trabajados, mas hambrientos?
Yelos, truenos, granizos, malos vientos,
Humida, y graue lluuia, ayres corruptos,
Tantos dessabrimientos
De tiempos lluuiosos, ora enxutos. —

Todo quanto este mundo en precio tiene,
Las flores, las verduras, claras fuentes,
Que hieruen al nacer, es como estraña
Aquella beldad, si paras mientes,
Que o nada, o poco dello nos conuiene:
El fuego hermoso, todo quema y daña: —
Quien espera la saña
Del agua quando crece? —
Alla arriba aparece
Tanta d'estrella, que la noche muestra,
Mas estan altas: es rica la muestra, —
Estraña a nos; però no lo era aquella
Que vi, y assi tan presta
Se fue: Nimpha immortal, que no donzella.

A mi mismo soy hecho vna enojosa
Y graue carga: ay que en igualdad
Soy falto delo mio, y delo ageno,
Pobre en mis bienes, qu'es de auer piedad:
Que abasta al coraçon que no reposa?

Quien

Alli viniendo con la su preciada
Sampoña (que otro tiempo ser solia)
Estuuo vn rato en auerla acordada,
Desacordado el triste, y desigual:
Dexa ora el tañer, ora tañia:
Puesto en tal agonia,
Vuo de començar
El lloroso cantar
De Eurydice y d'Orpheo (antigo cuento)
Caen lagrimas vanas, lleua el viento
Muchos suspiros, tiempos mui diuersos
Traendo al pensamiento:
Enfin soltò la lengua en estos versos.

¶ Huyendo al atreuido de Aristeo
Eurydice enel prado ponçoñoso,
Mordida cae: cruel caso por cierto
A las sus Nimphas: cruel al quexoso,
Al solo, al lastimado, al triste Orpheo,
Qu[illegible] muertos la sigue antes de muerto.
[illegible] con tal concierto
Fue[illegible]das mano humana
Que en[illegible] tan liuiana
Vcer vn[illegible]omo el, su mal cantando.
Primero[illegible]ndo, y Eurydice llamando:
[illegible] repuesta el valle dâ,

Quando

Quien tal fuego encẽdio dentro en mi pecho?
Que se bizo el tiempo bueno?
Tras peces por los rios,
Por los bosques sombrios
Tras delas fieras? que alegre porfia,
Viniendo ledo, mas ledo boluia:
Como las cosas van mudando el ser!
Ora con que alegria
A casa boluerê? con que plazer?

Iuase Diego ansi deuaneando
Por sus locuras, que cabo no tienen,
Vnos y otros cansancios sin prouecho,
Los vnos idos, los otros que vienen,
Consigo de contino peleando:
Va batalla cruel dentro en su pecho:
D'amor, y de despecho
A reuezes lleuado,
Ora vence vn cuidado,
Ora vence otro: el triste hecho pedaços,
Con tal contrario lidiando a braços,
No viendo que camino dexe, o siga,
Embuelto en embaraços,
A la fortuna se rinde su enemiga.

Vn dia (vano aliuio de su mal)

Quando se aßienta, y quando
A las lagrimas buelue, y quando va.
D'vna merced d'amor (dixo) forçado
Si ante tiempo me aueis, como fezistes
(A vos mismas juzgar (sombras) lo dexo,
Si os mueuen a piedad las cosas tristes)
Vn solo coraçon a entramos dado
Partistemelo aßi? desto me quexo.
Si aquel Sol que atras dexo,
(Que todo vee) veer pudo
Iamas caso tan crudo,
No tengo en nada, ni sea nada el daño,
Amor me trae aca, tratam' engaño
Desseo (qu'esperando se consuela)
No os parezca estraño,
Tiempo os pido, y no mas, poco, y que buela.

Todo se os deue enfin, corre a la muerte
O cedo, o tarde, quanto alla aparece,
Y el nuestro cedo, o tarde, a vos q̃ es? nada.
A mi, que amanesciendo me anochece,
Fueme amostrada la mi rica suerte,
Que entre vella y no verme fue que
Veer vna flor pisada
Primero que cogida,

Veer la fruta perdida,
Que al primer buen odor el viento estraga,
Muesse del temporal, o de arte maga
Tollida, es daño que la vista ciega,
Mirad la cruel llaga
Que os muestra amor por mi piadoso y ruega.

Que no me trae aca codicia estraña
Delos vuestros thesoros encubiertos,
No loco atreuimiento, y no maldad,
D'espiar los caminos, y los puertos
Escuros, qu'el gran lago Stygio baña.
Traeme solo amor, trae piedad,
Y si tal crueldad
En estas partes se vsa,
Que no me valga escusa,
Que no me valgan lagrimas, ni ruegos,
Sombras que os is por estos ayres ciegos,
Que ya de mi la mayor parte vuistes,
A fuegos o sossiegos,
Porque vna no quereis, otra quesistes?

Embuelo ayais echado a presuncion,
an quita que me trae, y guia,
orçado, y de su llama buena,
amor conoscimiento auia:

No se que ya desto oyme, a tal sazon
Que del gran nombre suyo oyera apena,
Alla suso se suena
El como, donde, y quando,
Aca baxó llorando
Ceres, aca buscando
Su dulce fija, baxò, que satisfecha
Boluio (siquiera en parte) desta estrecha
Pena: respire aqui:
Mi mal que os aprouecha?
Del bien que os cuesta mas el no, qu'el si:

Al son delas palabras piedosas
D'aquella Lyra dulce, y voz diuina,
Que de su mano amor todo acordara,
Todo enternece por donde encamina,
Baxaron las sus crines espantosas
Las sus hermanas, blando se le para
Caront, sin vela, o vara
Passò sin remos la barca segura,
De fea catadura,
Por tres bocas vuiando el Cancerbero,
Oyendo al dulce, oyendo al lastimero
Llanto, llorò, dexando aquella puerta
(De que era antes portero
Tan duro) por piedad al viento abierta.

Estuuo luego queda aquella rueda
Del Centauro atreuido: las hermanas
Nietas de Bello, ninguna acudio
Al vano officio, quedas las mançanas:
De Tantalo, la suagoa estuuo queda,
Su sed, su hambre, todo se aquedo:
El Buitre no tragò
De Titio las entrañas.
Vino a las soterrañas
Casas de Pluto, palacios Reales,
Tañio, cantò, lloro tambien sus males,
Que Eurydice le fue dada con ley,
Que en Reinos infernales
No mire atras, ansi le plugo al Rei.

Todo promete amor, todo lo espera
Cumplir, pueda, o no pueda, buelue ledo,
Sigue Eurydice callada tras el:
Ora aquel que denantes tanto miedo,
Tanto trabajo por amor venciera,
Burlolo en fin, no se fie nadie del:
Bolto, se a ella, y aquel
Ayre escuro abraçando,
En vano suspirando,
La sigue que esuanece, amor ingrato
Luego estos juegos: no puede el contrato

Real quebrarse, no su lei firmada:
Dize de rato en rato,
Quanto fuera mejor nunca auer nada.

Echado de alla dentro, ante las puertas
De firmes diamantes, luengamente
Maldixo aquellas cueuas, y altos muros
La vihuela hechò lexos impaciente,
Y mil vezes llamò sombras inciertas,
Y aquellos dioses mil vezes escuros,
Los dones mal seguros,
Por demas alcançados,
En Reinos nunca vsados
(Dezia) ni a merced, ni a piedad,
Sabeis qual es firmeza, y qual verdad,
Veer bien con que intencion otre os offende:
Amor y humanidad
Qual es tanto cruel que tal defiende?

Assi cantaua Diego, y no pudiendo
Con la gran cuyta, que a desora crece,
A mil remedios vanos se acogia,
Oluida la sampoña, y no s'estrece,
Que no viesse visiones; eis corriendo
Va como furioso a la porfia,
Mientele toda espia,

Nunca cuenta concluye,
Del campo a casa huye,
De casa huye por los campos llanos,
Tomados tantas vezes a las manos,
Mis engaños (dezia) o que ſ'es esto?
Conozcoos por vanos,
Y bolueisme a burlar luego tan presto?

Bien veo que los Dioses offendidos,
De mi se vengan como a ellos plaze,
No midiendo la pena con el yerro,
Yo que puedo ende hazer? el alma yaze
Como por muerta: yazen los sentidos,
Cargados deste amor como de hierro,
A las sabiendas yerro,
No lo puedo emendar,
Ya fuera de passar
Quanto mal entre dia se me offrece,
Mas ido el sol, que todo se escurece,
Forçado de irme a casa, y triste al lecho,
Que buelta se recrece!
Que sobresaltos van dentro en mi pecho!

Los mis ojos gran tiempo ha que pusieron
El buen sueño en degredo, y si ende llega,
De fuera lexos, el reposo dexa,

Vase

Vase bolando por la noche ciega,
En su lugar visiones sucedieron,
Todas de miedo, que mucho me aquexa,
El alma se me alexa,
A mui grandes jornadas,
Seran presto acabadas,
Estas pendencias vanas: los pastores
Diran que fue locura, otros que amores,
Contaran otros que fue assombramiento,
Y si ay males peores,
Haran cuentos de mi triste sin cuento.

Quantos votos se hizieron, y que ayunos,
Que deuociones tan exprimentadas,
Quantos cuerpos de cera s'offrecieron,
Quantos de tierra en las encruzijadas:
Mas los Dioses a ruegos importunos
Hazia otra parte se boluieron.
Que alturas no subieron?
De montes sin caminos?
Los Rhitmances diuinos
Cantando, do la nieue el suelo esmalta,
Quiça pensando en parte tan alta
Seren oydas mejor las sus prezes:
Pero la suerte es falta,

Esperança no falta,
Mas falta lo esperado muchas vezes.

Como vn pino alto al monte, combatido
Del impetuoso viento en la tormenta,
A quantos que lo veen pon' en recelo,
Los truenos amenazan, llueue y venta,
Va cresciendo el pauor con el ruydo,
Por el feo ayre van ramas a buelo,
Hasta tanto qu'el cielo
Se abre en llama ardiendo,
Entre viendo y no viendo,
El fiero rayo en sus bueltas desciende,
Aâquel postrero mal quien se defiende?
Queda vn tronco quemado, vn cuẽto breue,
A quien passa por ende,
O busca alli quiça que a casa lleue.

Los males que passando el tiempo cura
Como veemos qu'el baze, pues que và
A tal priessa (dezia) no son males,
Este si, que este es mal, que ansi se estâ
Aqui d'espacio, y del tiempo no cura,
Vn tan cierto remedio alos mortales:
Y si las immortales
Almas de aca partidas,

Del todo escaecidas
Se van de quanto vieron por baldio:
Toda via este amor, este mal mio,
Do quiera que yo d'aqui sea lleuado,
El soterraño rio
D'oluido passarâ junto a mi lado.

Y si lo que esta tierra no fue digna
Tener mas luengamente, anda cantando,
Fuera deste ayre gruesso, escuro, amaro,
Por otras sus riberas passeando.
Que digan con la tal beldad diuina,
Que m'estoy aqui mas? a que me paro?
Sin buscar aquel claro
Ayre qu'ella esclarece,
Donde nunca aparece
Vn'hora escura, y siempre el claro dia:
Ella me fuesse la mi buena guia
D'aqui partiendo, que siquiera vea
Que en fin le amanescia
Despues de tanta noche escura y fea.

Fueron oydos como vuios estraños
Por el callado delas luengas noches,
Qu'el sueño por gran rato afuyentaron,
Fueron vistas visiones de sonoches,

Que

Que espantados los niños tiernos de años
A pechos de sus madres se apretaron,
Alto dia bolaron
Las aues enemugas
De luz, con sus cantigas
Poco agradables, antes alaridos,
Enlas manadas bueyes dauan bramidos,
Q'u'era vna piedad vello, y oyllo,
Bauados y transidos,
Dsd'el toro mayor, hasta el nouillo.

Los gruessos campos sembrados de trigo
Candial hermoso, dauan vana auena,
Y joyo, que la gente embouecia,
O que mucho sembrasse, o mucho, apena
(La fama que no muere m'es testigo)
Con la simiente nunca respondia:
Alçauase y ponia
El sol sin claridad,
Temiose aquella edad
D'vna noche sin fin, o almenos luenga,
Quien quereis por seguro que se tenga?
Entre tantos de males de contino?
Lleuado assi a la luenga,
Al fin determinado el hado vino.

Vete buen Diego en paz, que en esta tierra
Si ay plazer oy, no dura hasta mañana;
Y dura mucho quando te desplaze;
Agora ya no vees la sombra vana,
Que tanto aqui te fizo luenga guerra,
Ardiendo el pecho que ora frio yaze,
Lo que los fatisfaze
A tus mas claros ojos,
No son vanos antojos
Que veas, y no veas juntamente:
Mas siempre la paz buena alli se siente:
Cierto contentamiento te acompaña,
No tanto de accidente
De quantos van por esta tierra estraña.

El acontecimiento doloroso
Sabido por los lugares conuezinos,
Ayuntò luego gente a nueuo llanto,
Y nueuas alabanças: los caminos
Eran llenos de madres sin reposo,
Temiendo de sus hijos, que aman tanto:
A todos causa espanto,
Que lo han visto y oydo,
Vn mal no conoscido,
Vn mal que nunca viose entre los males,
Dizen como pasmados los zagales,

Diego es muerto, diuinos consejos!
Si vanse ansi los tales,
Que sera de nosotros, zagalejos?"

Auianse ende erguido, que dixeras
Qu'era vn gran monte: auian cubierto
De rama escura todo al derredor,
Teas de pino ardian sin concierto
Por essos campos, no claras lumbreras,
Señal a todos del commun dolor.
Passado aquel furor,
Desque plañido assaz,
Vn poco estando en paz,
Diosele fuego al monte dela cumbre,
Ardiendo baxa aquella pesadumbre,
Leuantanse alaridos desiguales,
Dixo vno por costumbre
A las cenizas palabras finales.

Despues cogidas ellas luego alli,
En alto las pusieron, puson mas
La çampoña y cayado: puson luego
La honda que dexaua el viento atras,
Y todo junto, vn verso dixo ansi:
Despojos ante tiẽpo del buẽ Diegõ.
Ya que esto vuo sossiego,

Porfiaron

Porfiaron pastores
A cantar sus loores,
D' Amor y muerte, plasmando tal saña,
Mandò los sus ingenios toda España:
Colgaronse Epitaphios diuersos:
D' aca desta montaña
Vino vn pastor, tañio, puso estos versos.

EPITAPHIO.

Buen Diego, el tu enemigo a las postreras
Tus honras vino (Amor) ende quemò
El arco, y las sus flechas lastimeras:
Lloroso y desarmado se partio;
Secaronse laureles, y las eras;
El ganado a pacer no se baxò;
Todos dieron señal de su tristura,
Los hombres, esta negra sepultura.

A EL REY.

¶Señor, el ya cantado duro acierto
De Diego, (luengamente alli plañido)
Lloro la Nimpha Neiua, y Nimpha Lima,
Esta llamada el agua del oluido.
Estotra del comienço hasta su puerto,
Do se entra por la mar de mucha estima,
La fama por encima
De montes y de rios,
A estraños señorios,
Bolò el caso, contando sin sossiego.
Ora del claro Munda, & del Diego
El su Lusillo erguido alli cercano,

Mudò

Mudò el nombre al Mondego,
Que parte el vueſtro Reino Luſitano.
Por nueua prueua del antiguo cuento,
Que mi flaca Thalia os ha cantado,
Conſeruolo Coimbra en ſu pendon,
Como oy cad'año al ayre deſplegado
La Nimpha en forma d'vn encãtamẽto,
Que la guarda vn drago, y vn leon;
Y por juſto blaſon,
(Pues qu'el Reino pregona
Qu'es alli ſu corona)
Ala Nimpha, corona fue añadida,
Que hermoſa va por el agua metida,
Quanto mano pintar la pudo hermoſa;
Pero como offendida
Turbada toda, y toda deſdeñoſa.
Otros dan tal pintura a la Donzella
Que dio nombre a los montes Pyreneos,
De Hercules, con amor deſpedaçada,
El cuerpo de las fieras, de deſeos
El alma, mientras ſola ſe querella,
Y que buſcandolo a el no teme nada.
Otros á aquella hadada,
Que fue medio Serpiente,
Y que el contra Oriente
De ſi en cinta dexo, dexole vn vaſo
Porque beuia: enfin qual fueſſe el caſo
Vos lo ſabeis, a quien nada eſcaece,
(Muſas del gran Parnaſo)
A nos el tiempo todo lo eſcurece.

ALEXO.

ALEXO.

Ecgloga en que hablan los siguiẽtes Pastores.

Alexo Zagal, Sancho Viejo,
Nimpha de la fuente, Iuan Pastor,
Anton, Turybio, y Pelayo, Pastores.

Alexo.

YO vengo como pasmado,
Y no se lo que me diga,
Que mi coraçon litiga
Entre cuidado y cuidado.
Valasme Dios, que pecado
Pudo ser mio tamaño,
Yo no soy quié me era, antaño
Han me como barajado.

Dias ha que no me entiendo,
No percundo este mal mio,
Al Sol moriendo de frio,
A la sombra en fuego ardiẽdo.
En ninguna parte atiendo,
No se dar con lo que fuesse,
Como si d' otro fuyesse
Ansi de my voy fuyendo.

Heme aborrecido el hato,
Los apriscos, y majadas,
Ando tras vnos nonadas,
Que no se que ende me cato;
Que buena ganancia y trato,
Suspirar noches y dias,
Vanas esperanças mias,
Que me engañan cada rato.

Quiça de los mis cabellos
Debaxo del mi portal
Me los pusieron, por tal
Que viesse a passar por ellos,
Y emboluer me hian con ellos
Del pan de los mis bocados,
O passe sobre sinados,
No hize oracion por ellos.

Si a caso de tal dolor
(Que en buẽ juizio no cabe)
La benzedera que sabe
Lo que llorarà mejor?
Ando como al derredor
No se que se me afigura,
Quiça puede ser locura,
Quiça puede ser amor.

Soncas si fue assombramiento
De los cuerpos fuidizos,
O me dieron beuedizos
Con q̃ voy beuiẽdo el viento:
No se, pero mal me siento
De quando esposò Guiomar,
Que dixe aquel mi cantar
Buelue aca pastor sin tiento.

Mas porque assi me acordè
De aquel dia de plazer,
Quiero à cantallo boluer,
Quiça que descansarè.
Dias ha que no cantê,
Con el coraçon no puedo,
Estonces cantàra ledo
Ora como cantarè?

Buelue aca pastor sin tiento,
Buelue aque corriendo vas?
No te engañe el pensamiẽto,
Si no que te perderás.
Porque anssi te acucias, di?
Las mentes enagenadas,
Cata que apocas passadas
No aura memoria de ti.

Buelue, buelue, ah perdimiẽto
Que si no buelues atras
Solo en veer tu atreuimiento
De miedo te moriras.

Aun estonces yo era sano,
Era (me acuerdo) por Mayo,
Luche, corri, como vn rayo,
Iua contento y loçano.
Despues me vino vn affano,
Que a pocas muerto me tiene
Dizen q̃ el mal se vos viene
Como de suyo a la mano.

Ay que locura he pensado,
Quãto aquel yerro me plugo,
Agora ya atado al yugo
Tirar, no saltar al prado.
Que buena fuente he hallado,
Que sabrosa, fria, & fresca,
Puede ser que me adormesca
Ala sombra aqui abrigado.

Sancho viejo.

En vano el viejo affanò
Soncas lo que me parece,
Que el mi moço no aparece.
Antes de saparecio,
Quãtas vezes q̃ esto he hecho.
Sin prouecho,

Aqui

Aqui vaa, por alli vaa,
Ya cansado sin prouecho,
Otro lo vido a cullá.

Iuntamente con el hijo
Te nascen muchos enojos,
No nos dexa abrir los ojos
Vno y otro regozijo,
Que descanso me fue dado,
Ochenta años quando menos,
Mal con hijos q̃ he engẽdrado,
Mal con los hijos agenos.

Vn lunes por suerte estraña
(A vn no me dexa aquel dia)
De la noche me acogia,
Por el pie de la montaña,
Ende de vna braua breña
Cabareña
Vna cabra que perdiera,
Por el hueco de vna peña
Vide que se me acogiera.

Fuime alla, vi que plañia
Vn niño tierno mas dentro,
Por do tras mi cabra entro
Que contra si me fue guia
Que mas me auia de estar?
Si no entrar,
Como iua por veer lo que era,
No pude alla diuisar,
Saquelo en los braços fuera.

Cierto que es cosa deuida
Tener al ganado amor,
Y que auenture el pastor
Por el, mil vezes la vida,
Que el su buen entendimiẽto
Es sin cuento,
Passa a si, y es caso estraño,
Tras my la mi cabra siento
Receloſa de mas daño.

Vilo embuelto en tales paños
El por cierto era che tal
Que harto alli yazia mal,
Esto ha sus dezisiete años.
Quien del tiempo no se vella,
Como buela?
Parece que fue esto ayer,
Dandose como despuela
Que prissa lleua acorrer.
Traxelo ala mi Teresa,
Que podria ser de vn mes.
Veislo q̃ anda en quatro pies,
Veis lo que se ergue ala mesa,
Luego a mayores alcança,
En criança,
Y en costumbres, y en saber,
Ved de tamaña esperança
Lo que queda al recoger.

Era locura pensar
Sus donayres y los sesos,
Ante tiempo aquellos pesos

En esto van a parar.
Sabia mas que el jurado
Bien jurado,
Ayudaua a missa al crego,
Aunq̃ este es mal muy vsado
Seres con tu hijo ciego.

Dixome vno que lo vido
Aun agora por aqui,
Ques del? bien diran por my
Perdido tras el perdido.
Ando cansado, y soy viejo,
Que consejo
Tomarè del mi camino?
Veis el mi perro bermejo,
Ala fè tras my se vino.

Y tu hijo andas huyendo
De my, de val en collado,
Que mal camino has tomado,
El porq̃ yo no lo entiendo.
Sigues antojos liuianos,
No los sanos
Consejos del viejo padre,
No se te acuerda d'hermanos,
No la vieja de tu madre."

Hame dicho vn escholar
Que sabe de encantar males,
Que siete rios cabdales
Te conuiene de passar.
Y nadar por la laguna
Con la luna
Nueua, y buscar siete fuentes
Perenales, y en cada vna
Lauarte, y cobrar las mentes.

Ay quien tenga tal sospecha
Ay quien otras? dicho me han
Muchas, y muchas diran,
Mas sin ti que me aprouecha?
La vejez es cierto cosa
Trabajosa,
Niñez sin distinto alguno,
Mocedad tan peligrosa,
Que no escapa de ciento, vno.

Este flaco cuerpo cansa,
De andar, todo me despeo,
Mas puede tanto el deseo,
Que algo el coraçon descãsa
Quiero dar buelta al lugar,
Quiero dar
Bozes, si por aqui fuere,
Todo lo quiero prouar,
Antes que me desespere.

Ay Alexo, ay hijo Alexo,
Quiça si de my te escondes,
Dime, que no me respondes
Que por ti todo atras dexo?
Alexo, aquel viejo loco,
A que tan poco
De consejo, y vida queda
Pues

Pues ando cansado y ronco
Que no se como mas pueda.

LA NIMPHA DE LA FVENTE.

Duerme el hermoso Donzel
No zagal, no pastor, no,
Mientras al sueño se dio,
Mi alma dioselo a el.
El sol es alto, y con el
Del dia es ido buen trecho,
No se q̃ de mim se es hecho,
Sera lo que fuere del.

Loca de my que a mirar
Me puse, y dixe tal viendo,
Quien tãto aplaze dormiẽdo,
Despierto que es de pensar?
Quiseme luego apartar,
No se quien me buelue aqui,
Quan tarde que lo entendi,
Que peligro es començar.

Mientras pensando esmagino
(Sin examinallo primero)
Amor cruel consegero,
Con sus razones me vino:
Mostrandome aquel camino,
Alto, y quiso me dezir,
El donzel se querra ir
Luego que cobre su tino.

Pero mi fuente encantè,
Mas quando me la encantaua,
Quien las palabras guiaua
(El me es testigo) amor fue,
Agora que mas pensè
Fue la mi cuyta mortal,
Pudiera sufrir mi mal?
El suyo como podrè.

Y quando el mio quiça
No pudiera sufrir yo,
Pagara aqui el que pecò,
Que la razon assi va.
Qual otra alguna valdra
Que me quite desta culpa?
Su beldad no me disculpa,
Antes mas culpa me da.

Ora los ojos dexeis
Pagará a amor su tributo,
No quede aqui nada enxuto
Llorad, que gelo deueis.
Aues que os assi sabeis
Quiça quexando aliuiar,
Mientras me entiẽdo quexar,
Ruegouos q̃ me acompañeis.

Cantiga

D' amor biẽ dizen q̃ es ciego,
Niño, liuiano, y cruel,
Si en my fuẽte encẽdio fuego,
Quien podra valerse del?

Poderoso amor altiuo
Quien razon darme sabria
Si mi vida era agoa fria,
Como agora en fuego biuo?
Sordo en todo, en todo ciego,
Todo breuajes de hiel,
Todo guerra a sangre y fuego,
Tal es el, tal dizen del.

Alexo.

He dormido, ora que atiendo?
Quiero passar la montaña,
Quiça que en la parte estraña
Me estarà el bien atendiendo:
Eya, q̃a Dios me encomiẽdo,
Que en esta tierra zagal
Dias ha que te va mal,
Mal despierto, y maldurmiẽdo

Yo soñaua que me fuera
Por vnas cerradas breñas,
De vna parte y de otra, peñas,
Que nunca el Sol descubriera,
No viendo via o manera
De esperança en parte alguna,
Quexoso de la fortuna
En lloros me deshiziera.

Entretanto que me quexo
La sola muerte esperando,
Oya de quando em quando
A gritos llamar Alexo,
Si es quiça que si me alexo
Daqui; que me ira mejor?
En auentura de amor
Y cortesia lo dexo.

Sem ejaua ciertamente
La boz del buen viejo mio,
Abaxo espumaua vn rio
Que nunca sofriera puente.
Veya la muerte presente,
En tan fiera angustia puesto,
Desperteme, y fuy de presto
Fuera da quel accidente.

Mi fe sea lo que fuere,
Mal parece, y mal serà
El coraçon me lo dà
Haga Dios lo que quisiere
Huertemente me requiere
Soledad grande y deseo
De quanto desdaqui veo
Sufrire lo que podiere.

La voluntad se me encierra
No es tiempo de mas cõsejos,
A Dios mi tierra, y mis viejos
Gran mal de vos me destierra.
Si yo moriere en otra tierra
A qui los hueſſos me trayan,
Que mundos piensas q̃ vayan
Alla tras aquella sierra?

No cale tiempo perder

Mas del perdido, q̃ es mengua
Palabras vanas la lengua,
Los ojos a aguas correr.
Lo que se ha de acometer,
Para que es mas dilatar?
De los viejos es dubdar,
De los zagales hazer.

Matarmehe la sed de nueuo,
Y gran secura que tengo
Con que cuita ora a ti vengo,
Fuente que en mi alma lleuo.
Si abeuir tanto me atreuo,
Quando vernè por aqui
Que beua mas ledo en ti
De lo que agora en ti beuo?

Ya encantado.

No veo al bosque salida,
La vista se me enuanece,
Por toda parte escurece,
Mal se ordena esta partida,
Ala fe que se me oluida,
Soncas queria de zir
Yo era el para huyr,
Vos no pera ser huida.

Anton y Iuan pastor.

Anton.

Suspirado has compañero

Iuan pastor.

No se como no lloraua,
Sabes porque suspirauа?
Porque aqui canto Ribero.
Aqui nuestro amo escuchaua,
Rodeauanlo pastores,
Colgados de la suboca,
Cantando el los sus amores,
Gente de firmeza poca,
Que le dio tantos loores,
Y aora gelos apoca.

Anton.

Esto falta Iuan pastor,
Soncas porque suspirar?
A que se pueden alçar
Ya los ojos sin dolor?
Y a que los puedes baxar
Donde los pornas enxutos?
Adelante o cara tras?
La tierra niega sus frutos,
El sembrar es por de mas,
Los ayres andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.
Ala sombra da quel pino
Que a tal dicha se plantò
No lia por mucho nò
Que todo el campo vezino
De la su rama assombrò,
Vine por Ribero veer
Como otras vezes solia,
(Quan presto fuye el plazer)
Consigo aqui te tenia,
A cantar y a tañer,
Mientras la siesta cahia.

Rebueluo cnel penſamiento
Io que cantaſtes eſtando,
Mi fe fueſeme oluidando,
Del tō me acuerdo y del cuēto.
En buſca del cantar ando.
Ora atinemos al ton,
Amigo que juro amy
Eſte era el tiempo, y ſazon,
El lugar eſte era aqui,
Las palabras de rondon
Ellas ſe vernan por ſi,

Iuan paſtor.

Porque eſſe cantar, fue llanto
De Ciſne (como ſe cuenta
En ſu poſtrimera afrenta)
Yo te ayudare, con quanto.
Es cantar como en tormenta.

Bien vees q̄ mundos ſon eſtos
Nunca tales fueron creo,
En las mudanças tan preſtos
Truecanſete a cada oteo.
Vide aqui mil buenos geſtos,
Quando miro, vno no veo.
Mas las quexas adeparte,
Alo que mandas vengamos,
El cantar que aqui cantamos
Fue (ſabes) deſtraña parte,
Donde anduuimos entramos.
Yo le lleuaua el deſcante,
El ſe entonaua primero,
Con el ſu triſte ſemblante
Al modo y ſon eſtrangero,
Ya, ya, ya, voyme adelante
Como ſi fueſſe Ribero.

Anton.

Amor burlando va, muerto me dexa,
Tiene de que por cierto, a ſu merced
(Como de ſeñor) vine, agora ved
Quāta de razon tēgo en la mi quexa;
Cada hora mas ſe alexa,
De my mucho cruel, quien me deſmiente
Ah que lo ſaben todos, quien ganò
El precio de la lucha, eſſe perdiò,
Enemigo ſeñor que tal conſiente.

Iuan paſtor.

Enemigo ſeñor que tal conſiente,
Mas antes fauorece tal maldad,
Todo ſe rige por la voluntad,
Y ſi eſto fue alguna hora, es al preſente

Vn paſtor

Vn pastor innocente
La çampoña tañia en regla estrecha,
Del cierto y buen tañer, y assi cantaua,
Plugo mas vn zagal que alto siluaua,
Ved razon ante amor de que aprouecha.

2 Anton.

Ved razon ante amor de que aprouecha,
Moçuelo, antojadizo, voluntario,
Al mayor seruidor mayor contrario,
Bolando a ca y alla, siempre en sospecha,
Vno porque coecha,
Otro por atreuido y mal criado,
Otro por no se que mejor atina,
Quien lo piensa, enloquece y se esmagina,
Sin ventura que hara quien lo ha prouado?

3 Iuan pastor.

Sin ventura que hara quien lo ha prouado,
Y lo prueua cada hora, (estraña suerte) ×
Puede auer quien assi corra a la muerte, ×
Dotro cuidoso, de si descuidado? ×
Amor cruel te ha dado
(Zagala hermosa pero fementida)
Enteramente todos sus poderes,
Mas ingrata muger de las mugeres,
Quien el alma lleuo lleue la vida.

5 Anton.

Dime zagala, y como puedes ver
El Sol en paz en quien juraste, y estrellas?
Dedia viendo a el, de noche a ellas?
Como puedes dormir? como comer?
Que piensas, al tremer
De tierra, como ogaño, si arde el Cielo?

Fr. Ml. de Mello p. 159

Piensas

Pienſas que es burla? o que? No pienſes tal
Que ſi fue vano vn rayo, otro hizo mal,
Y donde el no cayo, caye el recelo.

6 Iuan paſtor.

Aquellos ojos tuyos que al paſſar
No ſe lo que callando me dezian
Aquellos falſos q̃ eſta alma enbayan
Vn tiempo a mi plazer, otro à peſar,
El dulce murmurar
Con la tu compañia, y de color
Mil vezes traſtrocarte en vn momento,
Todo ſoltaſte, oluidadiza al viento,
Y biues, muero yo, ſufre lo amor.

7 Anton.

Haſta quando ſere tan loco yo? haſta
Quando tan ſin juyzio? y ſin ſentido?
El tiempo y la razon piden oluido?
Amor ſolo no quiere, ſolo el baſta.
Quien aſsi me contraſta,
Que viendo claramente lo mas cierto,
Tomo el camino auieſſo, y eſſe ſigo,
Tambien ó, dos cerrando al caſtigo,
Con mis cuydados vanos de concierto.

8 Iuan paſtor.

Mas dexadas vn poco las peleas
Dime, qual ſeñor fue nunca tan brauo
Que tal dixeſſe? enfin eres mi eſclauo
Yo no ſoy tu ſeñor, ni ſe quien ſeas:
A palabras tan feas
Te trae el tu rancor? ſoberuia es eſta,
Que ſe pueda ſufrir en dicho o en hecho?

A que

A que somos venidos! Tiempo estrecho.
Assaz bastára el mal fin la respuesta.

Anton.

Quando luego te vi, vite piadosa
Despues por te querer, por te adorar,
Subitamente te senti mudar,
Que es esto? es bien querer tan mala cosa?
Ay vida dolorosa,
Ora se vaya el carro ante los bueyes,
Los peces apascer los montes vayan,
Los ganados cubiertos dagua vayan,
Oydo auia amor destas tus leys.

Iuan pastor.

No siguio Ribero mas,
Antes (como era cuidoso)
Estuuo vn rato en reposo
Pienso que te acordaras.
Hablaua a tiempo y lugar,
Pero despacio,
Ay buen pastor, si al palacio
No te dexaras caçar.

Turibio.

No es mucho quié tã bié supo
Negociat, jurę a diez
Si ganasse desta vez,
Que la mi parte me cupo.
Digoos que assi me estuuiera
Todauia,
Hasta que passado el dia,
La noche vos despartiera.
Siguios desde ha buen cacho,
Que os vi venir passeando,
Vengo tras vos assechando,
Dexe el ganado al mochacho
Luego entre my lo pensè
Estos que van
Solos, quiça cantaran,
O si tal fuesse, y tal fue.

Anton.

Turibio vengas em paz
(Todo el bié denuestra Aldea)
Que en hora buena tal sea,
Llegate ayamos solaz:
Y porque eres verdadero,
Te pregunto,
Como paresciote apunto
Nuestro cantar estrangero?

Turibio.

Anton a dezir verdad,
Pues con ella me esconjuras
Nunca supe hablar a escuras,
Voime por la claridad:

Quanto

Quãto a mí no soy mas de vno
Quanto a todos,
Digote que destos modos
Se quiere juzgar cada vno.

Ques menester mas palabras,
Vna vez me fuera en villa
Dietõme ende vna escudilla,
De vnos como pies de cabras:
Yo no podia comellos,
Mas despues
Comi vno y dos, y tres,
Comi las manos traz ellos.

Anton.

Ati en todo se te entiẽde (uas,
Que has hecho dello mil prue
Empero las cosas nueuas
Alaban todos porende.

Turibio.

Si, mas con tu paz concluyo,
Que no luego,
Primero se assopla el fuego,
El despues arde de suyo.

Iuan pastor.

Contrariar a las costumbres
Es nadar contra la vena,
Aunque tengas grande lena
Forçado es que te deslumbres:
Y mas en tierra ado tanto
Embidia vale,
Si alguno del hilo sale
Encomiendese a buen santo.

Anton.

Ora el murmurar dexemos,
Que es mal q̃ mucho se apega,
De cantar tambien te plega,
Bien o mal, cantado auemos.

Iuan pastor.

No aya aqui mas rodeos
Que tambien
Sabemos que cantas bien,
No nos mates a deseos.

Turibio.

No lo digo porque quiera
Mas palabras, ni mas ruegos,
Mas porq̃ ardo ẽtre dos fuegos
Que mucho escusar quisiera.
No cantar criança es mala,
Y cantar mal,
El selo dize que es mal,
Vuestra mesura me vala.

Aunqẽ a mucho me atreuo
Cantando, si a cantar hè
Delante de vos, de què
Si no de amor puedo y deuo?
Amor que este pensamiento
Rige y manda,
Qual dire? Amor en q̃ anda?
No, mas la De mi tormento.

De my tormento vencido
Lo que se, lo que no sè
Quanto mandardes dire.

Pero

Pero pensad si despues,
Digo lo que ni pensara,
Esta crueldad es clara,
Que os saldra mucho al reues.

Andaes a saber lo que es,
Dessa manera ala fè
Sabreis lo que nunca fue.

En pena que a tanto obliga
Que no me dexa, ni auaga
Harè, que mandaes que haga?
Dirè, que mandaes que diga?
Lo que se siguiere siga,
Que en tal tormento ala fè
Lo que me digo no se.

Anton.

No te quiero dar loores,
Turibio, ni dezir mas,
Sino que con tus amores,
De amores muertos nos has.
Yo hablo como lo entiendo
Hable el maestro.

Iuan pastor.

Si callando no lo muestro,
Mal lo mostrare diziendo.

Anto.

Antes que se esfrie, presto
Gelo digo assi de lante,
Helo de forçar que cante
Mas, y ser villano en esto,
Ayudame ora a rogallo,
Iuan te ruego,
Y si no nos basta el ruego
Ajudame ora a forçallo.

Iuan pastor.

Por los sus cantares buenos,
De que nasce este deseo
Si por fio, y si peleo
Viene a ser la culpa menos.

Turibio.

Fuerça es esta toda via,
Soy tomado,
Bastàra el vuestro mandado
Quanto mas tal cortesia.

Mientras tanto a los mis ojos
Me obligo, y doy me al cuidado
Ved amor qual me ha parado.

Para q̃ es mas? yo soy muerto
No pense que era el mal tãto,
Hanme traydo en concierto
Soltose todo en mas llanto,
Descudeme algo, entretanto
Que amor me vio descuidado
Vio tiempo, y tuuo cuidado.

Hanme trastornado el pecho,
Sin dexar cosa en su ser,
Mas gran crueldad han fecho.
Yo, anssi de que aprouecho?
Cruelmente lo han pensado,
Que mejor fuera acabado.

Iuan

Iuan pastor.

Si muchos tales pastores
Lleuassen nuestras montañas,
No se irian los loores
Todos a tierras estrañas.
Y aunque alla los merecian
Bien, y bien,
Pero por aca tambien
Algunos nos dexarian.

Quantos buenos naturales
Ay por aqui, si aprendiessen?
Mas delicados zagales
En plazeres se enternecen,
A trabajos cuerpo tierno
Se demuda,
En verano quando suda,
Quando tiebla en el inuierno.

A risa, ya que no digo al,
No se como defenderme,
Que se quiere hazer igual.
El q̃ duerme, al q̃ no duerme.
Y despues ansi dormiente
Qual se yaze,
Dezir, Esto no me plaze,
Le es razon muy sufficiente.

Anton.

Es lo que dizes sin faila,
Cada vno alla se lo vea,
Pero Turibio aun que calla
Dios sabe lo que dessea.
De cantares estrangeros
Gran sed nuestra,
Seria esta deuda nuestra
Pagalla, y mas sin dineros.

Iuan pastor.

Grande o pequeña que sea,
Toda cosa que el de mande
Puede estar seguro, y crea,
Que holgare d'antes ser grãde
Porque querria que fuesse
El cantar bueno,
Dire ora de lo ageno,
Y despues quanto el quisiesse

Deseoso de ver tierras
Vue de passar los puertos,
Puseme alas blancas sierras,
Por caminos poco abiertos
Alla que pastores vi
Quan enseñados,
En cantar versos rimados
Que plazer que ende senti.

Vino vn dia vn viejo cano,
Combidamos lo a tañer,
Tomo la çampoña en mano.
Toco, boluiola a poner,
Todos, sobre todos yo
Desseando
Que cantasse porfiando
El buen viejo assi canto.

Los manjares de amor son coraçones
Beue de nuestros ojos, las sus fuentes
Sabrosas, las musicas y sones,
Son los suspiros de los innocentes,
Que cruelmente trata en sus prisiones,
Todos enagenados de las mentes,
Celos, cuidados, cuytas, desto os dà,
Lo que no tiene amor como os dara?

No veis que va desnudo? y que no lleua
Sino con que haga mal, y bien ninguno?
Fuego, arco, y las sus flechas cõ que os prueua,
Con todos los tormentos vno a vno.
Vos vno a vno os his, dando la nueua
Que es falso, que es cruel, que es importuno:
Sin que nada aproueche: hombres perdidos,
Ya que ojos no teneis, tened oydos.

Y tu que infingimiento es este tuyo?
Vn niño (ah que verguença nuestra) y ciego
Huyes si voy ati, sigues quando huyo,
Vencedor, y vencido, luego y luego,
Veis que no tiene amor nada de suyo,
Nos los tiros le damos, nos el fuego,
Quereis la su deidad veer tan loada,
Abrid los ojos bien, no vereis nada.

No os pongan miedo sus espantos vanos,
No sus triumphos, que todo esuanece,
Perdelde el miedo, que es cuerpo sin manos,
A quien en campo osado le aparece,
Vn engaño comun de los humanos

Vn como

Vn como encantamento que enloquece,
Niebla con vn assoplo se leuanta,
Niño que como a si, niños espanta.

Cantiga

Cantado q̃ el buen viejo vuo,
Toda aquella nuestra gente
Como personaige estuuo,
Yo tambien por consiguiéte.
El viejo licencia toma,
Yo adeuino,
Que era pastor peregrino,
Que iua em romeria a Roma.

Mas no es bié q̃ esto ansi passe,
Y q̃ de nos solo Anton quede
Riendose, si no cantasse,
De lo que el sabe, y q̃ puede,
Si no que nos quexaremos
Al Mayoral,
Mas la çampoña zagal
Tomado ha, bien lo tenemos.

Anton.

Aueis tan corteses sido
En quanto se os ha rogado,
Vno, y luego otro despues,
Que aunq̃ aya quedar corrido,
Sea antes que descortes.
La mi musica aldeana
Que os dira?
Diga os vn cantar de aca
Destos, de la tierra llana.

Quando tanto alaba: Clara
Blas, que a luchar se desnuda,
La triste de la mi cara
Que frios sudores suda?

Ora alabas el aluura,
Y dizes del blanco pecho,
Con toda aquella hermosura
Del su cuerpo, alto y derecho.

Quien de tal nunca pensára
(Cruel mi suerte, y sañuda)
Verte contra ti tan clara,
Verte contra mi tan cruda.

Dizes sus madexas de oro,
El mirar manso y suaue,
Las fuerças como de vn toro,
La ligereza de vna aue.

Todo esto te es cosa clara,
Busca a tus ojos ayuda,
La vista tan turbia aclara,
Y veras quien dello dubda.

Tambien de los mis cordojos.
De los mis vascos y fuegos,
Son testigos muchos ojos,
Que lo veé, hasta los ciegos.

Las

Las mudanças de mi cara,
El mi pecho que amenuda,
Los mis secretos declara,
Sola la mi lengua es muda.

Entre dos males tamaños,
(Que no se qual dellos vẽça,)
Grandes fuegos de mis daños,
Grandes de la tu verguença.
Si del todo me pasmara
(Que era d̃ pasmar sin dubda)
El mal mucho me ayudára
Que en todo me desayuda.

Iuan pastor.

Mejor es que hombre se calle;
Mas en mi verdad diria,
Que resonaua el valle,
Como que te respondia.

Turibio.

Esta rassea, esta pareja
Alo estrangero.
Quien viene alla compañero?
El lobo es en la conseja.

Pelayo.

Yo vengo fuera de my
Mis amigos, y no poco,
Que enel bosque vn zagal vi
Solo, que parece loco.
Mas porque son mui diuersos
Los modos de enloquecer,
En verdad este a mi veer
Que anda cõponiendo versos.

Iuan pastor.

Dalo por mal remediado
Si tal es la su dolencia,
Comerse ha como arrauiado,
Sin ninguna paciencia,
Destempladas las tu venas
Que arden, o tiẽblã sin medio,
Para todo ay cosas buenas,
Esse mal es sin remedio.

Pelayo.

Venid, y ved, si dubdaes,
Yo os guiare por donde
Callad, que si mucho hablaes
Como siente alguen se escõde.
Ala fè yo dixe y fize,
Con la mano la frente hiere,
Està como que hablar quiere
Ora escuchemos que dize.

Alexo.

Engañame el mal estraño
Pense coytado que os veya,
Mas bien que no mal seria,
Durasse solo el engaño.

Turibio.

O bien de mi, y que bueno
Mil cosas destas se dexa,
Dezir, quien tãbien se quexa,
No està de si muy ageno.
No veys conque ansia suspira?
Qu'hermoso, yq̃ biẽ dispuesto,
Veis lo alla buelto tan presto
Veislo que buelto aca mira.

A toda

Alexo.

A todla parte pensando,
Verte, miro, y no te veo,
Si no muere este deseo,
Morirmche yo deseando,

Iuan pastor.

Segun suenan las palabras,
Yo os digo deste mochacho,
Da le amor (parece) empacho,
Y el no guarda aqui otras ca-
Amor cruel, y no tal (bras,
Como el de falso se nombra,
No lo dexa a sol, ni a sombra,
Haze, (como suele,) mal.

Alexo.

El mi coraçon mal sano
Fueseme, no se tras quien,
Esso se buscan tambiem
Los ojos tristes en vano.

Anton.

Yo no se que desto crea,
Mas con el mi saber poco,
Nunca por nunca vi loco
Que enamorado no sea.

Alexo.

Aquel gran golpe por medio
Quel mi pecho tierno abriò,
A quantos males me dio
No me dio solo vn remedio.

Turibio.

Cata, cata Iuan pastor
Aotas bien lo entendiste,
Viendolo luego dixiste
Que el su mal era de amor.

Alexo

Por el bosque tan sombrio,
Por puertos tan mal seguros,
Entre enemigos tan duros,
Que descuydo es este mio?

Iuan pastor.

Si ya la vista no se embrusca,
Fuime alçando el sobrecejo
Y este es el hijo quel viejo
Sancho nuestro ha dias busca;

Alexo.

Que la mi alma se vea
En tal aprieto y fatiga?
Pues la ventura enemiga,
Pues amor quiere, assi sea.

Anton.

Hablo contigo, o con quien;
Iuan no vees que este zagal
Assi se quexa del mal,
Soncas que parece bien?

Turibio.

Ah nora mala esta sea,
Quié lo puede veer sin duelo?
Que no auia aqui moçuelo
Tan sesudo en toda Aldea.

Iuan pastor.

Moço para dar consejo,
No es cosa de mucha tura,
Mas assiento haze locura
En la cabeça del viejo.

Pelayo

Pelayo.
Vamos su padre a llamar

Iuan pastor.
Antes carillo te ruego
Vamos a buscar vn crego,
Que lo venga a esconjurar

Pelayo.
No es tiẽpo de otra respuesta,
Son que ala fuente te espero.
Ansi corres compañero,
Como que va sobre apuesta.

Iuan pastor.
Estos aque van corriendo
Tan a prissa y tal porfia?

Anton.
Corren ala fuente fria
Yo ardo de sed en la viendo.

Iuan pastor.
Todos nos vamos alla
Que nunca tuue tal sed,
Si no la mato sabed
Que ella amy me matara.

Encantados dizen.

Viste jurar Violante
Viste que fue por demas?

Anton.
Como quies pastor que cante?
O rios corred atras,
Y montes id adelante.

Iuan pastor.
El bosque arde al derredor
Tira amor tiros apares
Piedad, ò piedad señor,
Quãdo mas crueldad pẽsares
Miembrate que eres Amor.

Pelayo.
Por estos buenos abrigos
Ay que zagala Clarença,
Sean los ojos testigos,
Reyne amor, y biua, y vença,
Y mueran sus enemigos.

Iuan pastor.
Fuerte ceguedad humana,
Que nos a todos destruye,
Vedes que es in cierta y vana,
Vedes que la vida fuye,
Andais os doy en mañana?

A Nuno Alurez, Pereyra.

POlas ribeiras d'ũs rios
(Como dizem os cãtares)
E pelos boſques ſombrios,
Dando lugar aos peſares,
Ouui meus contos baldios.
E porque meu tambem a faſto
Do pouo que me não reja,
Ou tras ſi me leue a raſto,
Vede em que do tempo gaſto
Tambem, o que me ſobeja.

Em quãto hũ joga, outro caça
Outro dorme, outro trasfega,
Tantos murmurão na praça,
Outro quãto affirma ou nega,
Com juras tudo embaraça.
De ſi tanto outro ſe preza,
Que ſo cuida q̃ ench'as feſtas,
Outro pela ruas reza,
Fallemos com a natureza,
Andando pelas floreſtas.

Grande final de ſaude
He ter tudo á parte poſto,
Olhos ſòmente a virtude,
Ledo, ou triſte hũ meſmo roſto
Que não ha quẽ volo mude.
Sabeis ſem outra mais troca
Que he ella aſsi paga igual,
Por iſſo não vos traſtroca
O coração nem a boca,
O bem nem menos o mal.

Por de mais tudo aperfia
Cum peito tão liure & ſaõ,
Que tomou taõ certa guia,
Daqui nace a preſunção.
Cuidão que da fidalguia.
Quem ſabe por onde vay
Leua ſua conta feita,
Nunca do caminho ſae,
Nunca olha a quem diz tomay
A eſquerda, ou à direita.

Ambos nos temos à banda
De Gil q̃ aqui vos enuio
Por onde a menos gente anda,
Eu porem não aporfio,
Que a cada hũ ſeu goſto mãda
Não falecem contendores
Seja a razão a que vença,
Eſtem á parte os fauores
Ouuios voſſos Paſtores,
Outrem parta a deferença.

Egloga

ECGLOGA.

Basto representador, de quem se toma o nome.

Bieito. }
Gil. } —— Pastores.

Basto.

COmo corre & como atura
Quẽ vai apos o seu gosto,
Não sente frio ou quentura,
Mas no senhor do seu rosto
Busca as vezes ma ventura.
Semguia & sem esconjuro,
Cos medos se desafia,
So vai, afouto, & seguro,
De noite polo escuro
Por montes ermos de dia.

Este apetito que digo
Quem o desse á má maleita,
Que traz mil artes consigo,
Guarte delle que te espreita,
Por dar daesso contigo.
Rosto ao si, & rosto ao não,
A fortuna he feita assi,
Mal a conhece o vilão,
Cuida que a tem na mão,
Ella sorrisse entre si.

Onde quer cho demo jaz
Para auer de embicar nelle,
Fui topar cum mao lobaz,
Deime cos meus cães tras elle
Tiue de fadiga assaz.
Eis desparece, eis que assoma
Desfaziame correndo,
Toma aqui cão, alli toma,
Som caçador fuime em soma
Assi traspondo & perdendo.

Isto a quem não acontece?
Seja porem na mà hora,
O tempo desaparece,
Estãose rindo os de fora,

A nos não no lo parece.
A correr & a dar à choca
Este desafia mil,
Aqueloutro vende & troca,
Outro traz graças na boca,
Doutro chia o Arrabil.

Cuida q̃ as namora todas,
Não sey quẽ che p̃or fermoso,
Vaise às festas, vaise as bodas,
Tenho me eu co dadiuoso,
Qu'vnta o carro, andã as rodas
Grandes cousas Cap'emcolo
Conta (se ellas assi saõ)
Que me dão volta ao miolo.
Deuem me de ter por tolo
E eu a elle porque não?

Cõmo lontra jaz no rio
Hum, & o seu gado mal passa
Elle pesca, ora co fio,
Ora cana, & ora nassa,
Outro q̃ anda sempre em cio.
Da quelloutro a esposa crama,
Ve se desejosa & noua,
Dando voltas pola cama,
Elle por neue & por lama
Corre cos seus cães á proua.

Vai assi ja ha muitos dias
Que nã volue atras ninguem,
Bebemos das bem querias,
Que cada hum consigo tem,
Damos dessas razoẽs frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Passa hũ, passa outro aluoroço,
O seu fardel ao pescoço
Por bom parceiro escolhera.

Ora elle assi pastor sendo,
Se primeiro estaua mal,
Foi apalpando, foi vendo,
Antre nos che era outro tal,
Tambem se foi delambendo.
Hũa vez lama, outra poò
Sempre te achas achacado,
Inda deu mais outro voò
Por melhor ouue andar soò,
Que assi mal acompanhado.

Era grande amigo seu
Byeyto, & vendo a tal mania,
Consigo vn dia la deu,
Tiuerão grande perfia,
Hum rezões deu, outro deu.
Não ha quem se não defenda
A pareceres alheos,
Antes mais que das q̃ emẽda,
Contar vos hey da contenda
Sem meter verbas nos meos.

Byeyto.

Que he isto Gil, q̃ andas triste

Des-

Deſpois q̃ entrou eſte Abril?
Não ſei que demo te viſte,
Que tu não pareces Gil,
Amigo onde te ſumiſte?
Vlo aquelle grande amigo,
De limpos bofes lauados?
Daquelle bom tempo antigo.
Que aſsi falaua contigo,
Tu comigo os teus cuidados?

Aſsi tão ſò te vieſte
Forte burrão foi o teu,
Tanto damigo eſqueceſte
Como aqui tinhas de teu,
Nem amim não mo diſſeſte.
Ora dime ſe te apraz,
Deſpois de tanto Sol poſto
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal que traz
Sempre à memoria mao roſto.

Tu olhasme de traues
Parece que a mal o tomas,
Mas ſe Gil tu inda eſte es,
Não hei medo que me comas,
Por anojado que eſtès.
Poſto que por mao acerto
Fezeſte forte mudança,
Ia tanto to não referto:
Mas dehum amigo taõ certo
Deueras ter mais lembrança.

Muitas vezes eſmagino
(Gil amigo, em ti cuidando)
Na tua brandura, & enſino,
Que fallarias eſtando
Duas horas cum menino.
Ora olha bem o que fais,
Tinhas tantos de bõs modos
Cos iguaes, & não iguaes,
Quando eſtauas bé cos mais,
Das que em ti fallar a todos.

Que ſe fez do teu cantar;
Ninguem não cantaua aſsi,
Mas para que he preguntar
Se não que ſe fez de ti?
Onde te iremos buſcar?
Não ha ora hum tanto eſpaço
Quando Ianebra caſou,
Con Gregorio teu colaço
Quem teue roſto aos do paço?
Quem tangeo? & quẽ cantou?

Morreote gado meudo?
Aſsi vai de grao em grao,
Naõ ſe pode ſaluar tudo,
Vem bom tempo apos o mao,
Sofre, que ſofre o ſeſudo.
Arrenega dos aſſanhos,
Ioos deuias ter prouados,
Naõ ſaõ os males tamanhos,

Sẽ eſte Março nã foi de Anhos
Outros virão melhorados.

Gil.

Seja amigo meu Byeyto
A ta vinda em ora boa,
Eu digo amigo eſcolheito,
Como quem o leite coa,
Q'ha dir por dẽtr'aoſeu peito
Mas reſpondendo ao q̃ dizes,
Veſme cajado & fardel,
Bem ſei que ha muitos juizes,
Não caçador de perdizes,
E muito pouços ſem fel.

Mas em fim, que peſa ou val
(A nos parece que muito)
Diz Turibio, diz Páſcoal
Palauras vaãs, & ſem fruito,
E as vezes inda ſem ſal.
Quãdo a bibera no ar morde,
Por mais peçonha que traga,
Nã temas q̃ eu inche, & ẽgorde
Não ajas medo que acorde
Bradando polla triaga.

Ves tu couſa que eſtè queda?
Ora he noite, ora amanhece,
Ora corre hũa moeda,
Ora outra, tudo enuelhece
Tudo tem no cabo a quèda.
E nos a ter mão na conta
Tirrada, ſejamos velhos,
Quer meninos, q̃ mais monta?
O preſente todo afronta,
A vida vaiſe em conſelhos.

Do leite & ſangue empolado
O bezerrinho viçoſo
Vai brincando polo prado,
Deſpois eis que priguiçoſo
Ora o carro, ora o arado.
Cos dias & co trabalho
O ſaltar dantes lhe eſquece,
Não he ja o que era almallo,
Vendaſe para o talho,
Queſte boy velho en fraq̃ce.

Byeyto.

No começo os erros tem
Bom remedio, ao diante
Tem no mao, ſe não vas bem
Peor muito iraas auante,
Torna atraz que te conuem.
Não o tenhas por amigo
Quem fala ſempre à võtade,
Q̃ diſsimula contigo
Lembrate dum dito antigo
Qu'enfada muito a verdade.

Mal vay quẽ ſempre empeora
E que meninos paſtores
Hum olho ri, & outro chora,
Vem hum diz q̃ ſaõ amores
Outro, mas q̃ he mal de fora.
Hum ſe torce, outro moteja,

He

He mao jogo este das lingoas,
Ou seja maldade, ou seja
Nossa amiga a triste euueja
Vemse em tãto à praça as min (goas.

Gil.

O moço q̃ entra em terreiro
E não toca em chão de leue,
Polo ar voa o pandeiro,
E a toda a festa se atreue,
Elle sò co seu parceiro.
Este tal baile, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, voe, & passe auante,
Este cos saltos espante,
Este dè penas, & pene.

Mas quem ja se vẽ despontas,
Nem acha o que sohia em si
Começa a tomarse contas,
Ouui ja melhor, & vi,
Suar & passar afrontas.
Ves o tempo como foge
Que parece que não toca?
Não queres q̃ homem se anoje
Que me não conheci oje
Na fonte em que pus a boca.

E porque t'eu hora conte
De como me acontecco
Quando m' eu tal vi de frõte,
Dos olhos agoas correo,
Mais que corria da fonte.
Passouseme a sede emfim
Que m'aquella agoa trouuera
E atal desacordo vim,
Que quando tornei em mim,
Bom espaço o Sol correra.

Byeyto.

Come de toda vianda
Não andes èsses entejos,
Não sejas tão vindo à banda,
Tente ás voltas cos desejos,
Anda por onde o carro anda.
Ves como os mũdos sãõ feitos
Somos muitos, tu sò es,
Porisso em todos seus geitos
Hũ esquerdo antre direitos
Parece que anda ao reues.

Dia de Mayo choueo,
A quantos a agoa alcançou
O miolo reuoluco,
Ouue hum sò que se saluou
Que ao cuberto se a colheo.
Dera vista assi semeadas,
As que tinha mais vezinhas,
Vio armar astorùoadas
A colhesse as bem vedadas
Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe daua
Paparotes no nariz
Vinha.

Vinha outro que o escornaua
Ahy tambem era o juiz
Que se de riso finaua.
Bradaua elle, homẽs estay,
Hiãolhe co dedo ao olho,
Disse então, & assi che vay?
Não creo logo em meu pay
Se me desta agoa não molho.

Apaixonado qual vinha,
Achou num charco quefarte,
(O conselho auido o tinha)
Molhouse de toda parte
Tomoua como mezinha.
Quantos virão, la correrão
Hum que salta, outro q̃ trota
Quantas graças hi fizerão!
Logo todos se entenderaõ,
Eilos vaõ numa chacota.

Gil.

Tu sabes que eu me abrigàra
A esta vida de Pastor,
Viera corrido à vara,
Cuidei que era esta melhor,
Que ouuira, & não a prouara.
Determinauame ja
D'andar com minhas ouelhas,
A conta sahiome má,
Mas tambem ca, como la
Fadas ha, dizem no as velhas.

Andei dàquem pera alem,
Vira terras, & lugares,
Tudo seus anessos tem,
O que naõ espermentares
Não cuides que o sabes bem.
E às vezes quando cuidamos.
Que esprimẽtado o ja temos,
A cabra cega jugamos,
A cheyuos ca fortes amos,
Querem que os adoremos.

Pera o mal que te acontece
Buscas o amo, ora o sono,
Ora al que nunca falece,
Ao trosquiar, achas dono.
As pressãs não te conhece.
Tudo lhes o demo deu,
Tè razões màs que nos daõ
Quando te haõ mester es seu,
Quando os has mester es teu,
Que não tés amos então.

Essa vez que saem à rua
Estremece toda a Aldea,
Elles bebem, homem sua,
Doelhes pouco a dor alhea,
Querem que nos doa a sua.
Inda que he o dano em grosso,
Fora de disssimular
No mais, mas nisto naõ posso,
O entendimẽto que he nosso,
Não

Não no lo querem deixar.

Pollo qual co meu fardel
Fugi das voſſas Aldeas,
Nunca fui creſta colmeas,
Nem trago nos beiços mel.
A ſaudade não ſe eſtrece,
Mas cahio me hum coração
Em ſorte que muito empece,
Outro ſeñor não conhece
Somente a boa razaõ.

Porem queixome te logo
Que em caſos q̃ acontecerão
Vime por ella no fogo,
Bradei, & não me valerão
Brados, queixumes, nem rogo,
Então me ſahi meu quedo
A quedo, & fara algum dia
O q̃ outro não fez, & hei medo
De ver mòr vingança cedo
Do que ja gora queria.

~~Pelayo~~. Bieito
Tornaſteme ora a lembrança
Hum teu amigo foão,
Que ao tempo deſſa mudança
Tua, foi te aſsi a mão,
Como a quem os dados lança
E lembrame ora bem tudo
(Que era eu hi, no tal enſejo)
Inda que então me fiz mudo,

Faloute como ſeſudo,
Pareceme ora que o vejo,

Seja, (diſſe elle,) à boa hora,
Mas eu tambem co meu gado
Faço aſsi contas cadòra,
Cadhora me acho enganado
Deſta eſperança trèdora.
Dirtey como me acontece
Quando neſte valle eſtou,
Qualquer outro que aparece
Muito melhor me parece,
Não he aſsi quando la vou.

Aſsi diſſe aquelle amigo
Agora digo eu, que hei medo
Quando debates contigo
Que teſtẽ moſtrando ao dedo
Gomez, Gonçalo, & Rodrigo.
Nã queiras irmuyto ao fundo
Inda q̃ ora tanto entendas,
Neſta razão te me fundo,
Não has de mudar o mundo,
Por mais razões q̃ deſpendas,

Perigoſa he a dianteira,
Deixa ir diãte os mais velhos,
Cõ a paixão tençoeira
Nunca ajas os teus conſelhos,
Sempre foi mà conſelheira.
De contino anda ao peor

Sem-

Sempre adeuinhando o mal,
Nunca lhe falece dor,
Mas se tudo igual não fo
Seja o coração igual.

Gil.

Se cos teus olhos não vejo,
Nem onço cos teus ouuidos
Por meus sentidos me rejo
E tu pelos teus sentidos
Todo o debate he sobejo.
Comes tubaras da terra,
Eu não nas posso comer,
Nem hum nem outro nã erra.
Para que he sobristo guerra
Come o que bem te souber.

E não te digo que faças
Quanto a apetito te vem,
Não entro tanto nas graças
Mas entendo o saber bem
Disto que anda pellas praças.
Porque o tempo fez abalo,
E somos em forte ensejo,
Inda aleuanto outro valo
Que nos doentes não falo
Os quaes mata o seu desejo.

Bem digo que a verdade era
Ir pelo fio da gente
Cos mais, mais forças ouuera
E o amigo & o parente
Que murmurar não teuera.
Porem a mim so não minto
Não dobro, não lisongeo
Som farto, o que era faminto,
Que mal he o meu destinto
Antes seguir, que o alheo?

Vou fugindo às armadilhas
Que vi com manha esconder
Não quero ouuir marauillas
As vezes muy mas decrer
Da ma mãy nacem mas filhas
Querem q̃ homẽ ouça & crea
E que estè a boca aberta.
Não posso, & daqui se atea
As vezes a mà estrea
Que a cada passo está certa.

Olha se a razão concrude
Es doente, teu pay não,
Digo outro tal da virtude
Pola ventura es tu são
Porque teu pay tem saude?
Não que cũpre outra mèzinha
Olhe cada hum por si
O bem não he como atinha
Que se apegue tão asinha,
O mal pode ser que si
Leme primeiro esta lenda,
Dexataõte os teus passados
Terras,

Terras, & vinhas de renda?
Olha que vão mesturados
Encargos, coa fazenda.
Cumpre a cada hum q̃ arribe
Per si, se desejas honra
Não te abasta, donos tiue,
Que quẽ como elles não viue,
Tanto mais sua deshonra.

Byeyto.

Pois contigo a razão val
Vejamos quem mais conjũta,
Olha que todo animal
Forte, ou fraco, aos seus se ajũta
Por distinto natural.
As pombas andão em bandas,
Voão Grous postos em haz,
Estas andorinhas brandas,
Não querem de nos viandas,
Querem companhia, & paz.
Como no mundo apontamos,
Do ventre em terra caimos,
Como de nosso choramos,
Doutrem, que ajudar pedimos
Nossos somos para que prestamos?
Então ver a fantesia
Dos nosses leues zagaes,
Aquem inda mais diria
Que não hei por companhia,
Saluante a dos meus iguaes.

Hum bacorote honradiço
Foy ver ogado ouelhum,
Polo todo a seu seruiço
Trombejaua alli hum e hum
Que espantalo era o seu viço.
Vem hũ dia o lobo, & a panha
O bacorote engrifado,
Abrandoulhe aquella sanha,
Brada elle em pressa tamanha,
Cadum de si tem cuidado.

Vinhão os porcos d' Aldea
Atras, & grunhir ouuirão,
Hum escuma, outro esbraueja,
Estes si que lhe acudirão,
Perde o lobo a sua cea.
Olhou elle, & vio tremer
Da laã brãca o gado, & o lhãdo
De longe se poem a ver,
Disse, Antes mandado sej
Que a tal perigo tal mando.

Fui hum dia à villa Gil,
E logo oo sair da casa,
Mais verde que hum perrexil,
Cuidei que mataua a brasa
Degalante, & de gentil.
Bempassei cos viandantes,
Mas despois la quando cheas
Vi as ruas, de galantes
Seu viera vfano dantes,
Não tornei tal as aldeas.

Em quanto hum diz, outro ri

Bom

Bom vay o do barretinho,
Nunca o tão figadal vi,
Chamauãome outros ratinho,
Hũs assi, outros assi,
Finalmente por acerto
Vinhãose dos nossos ja,
Deixeios chegar ao perto,
Hi passei como encuberto,
Mas tarde me acolhem lá.

Gil.

Falasme nos animaes
A que nos brutos chamamos,
Que guardão leis naturaes,
Nos outros nã nas guardamos
A isso obrigados mais.
Estes homẽs com quem tratão
Não homẽs, mas lioẽs brauos,
Por força tudo rematão,
Os lioẽs não te resgatão,
Não te vendem por escrauos.

Para que mandem nem rejão,
Não vão as agoas tingidas
Do seu sangue, se pelejão,
Não alção forcas erguidas,
Onde às aues manjar sejão.
Não tem repartida a terra,
Por marcos tão desiguaes,
De sangue & fogo, por guerra,
Hum possue de serra a serra,
Outro nada, ou dous tojaes.

Espanto he desigual
Da lei q̃ entre si tem gralhas,
Vendo hũa que passa mal
Decem gritando em batalhas,
Não tratão estonces de al.
Ora te direy assi,
Quem diz o q̃ vio não mente,
Guarte de cair aqui,
Que veras passar por ti
O amigo, & o parente.

Nunca ora ouui hum rifaõ
Mais sabido, & mais vsado,
Que darem todos de mão
Se jaz o carro entornado,
Os que vem, & os que vão.
Falo porem geralmente,
Não tomes outra sospeita,
Que he mui sospeitosa a gẽte,
O meu amigo feruente,
Não entra nesta receita.

Muytos dos vaos apalpei,
Aos trabalhos me despus,
Desque cuidei, & cuidei,
Disse comigo, Ora sus,
Se erros fiz, erros paguei.
Cuida homem que bẽ escolhe
As singellas so consigo,
Não

F. Fr. M. de Mello p. 89 de monte a monte

Não sei, quem te a vista tolhe
Fujo como quem se acolhe
Donde vê, certo o perigo.

Andando sò não me empecem
Maos olhos, nẽ mas palauras,
Nem se apega, se engafecem,
Por outros fatos as cabras,
Curoas se me adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Não me tomo que o cabrito
Me escõda o vezinho, & coma,
Aqui se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito.

Que me não ouça ninguem,
Somente as aues (que taes,
Duas auantagẽs tem)
Destes outros animaes
Voar, & cantar tambem,
Ou ao som dagoa que cae
Rompendo pelos penedos,
Deçe ao fundo, ao alto sae,
Ella que a grão pressa vay
Elles para sempre quedos.

Ves tu as minhas cabanas,
Se o vento se muda assi,
Nẽ reuezo eu, Aldas, nẽ Anas,
Não dão voltas por aqui
Mais leues que ao vẽto canas.
Cantando dos seus solaos,
Que me, fação merecer
Muytas destas varapaos,
Com seus olhos vaganaos,
Bõs de dar, bõs de voluer.

O sol de dia, as estrellas,
De noite, quantas que vemos
Nacem dellas, poemse dellas,
Olhamos mais q̃ entendemos,
E a lũa fermosa entre ellas
Que se renoua & reueza,
Ora hum fio, ora mais chea,
Ora em sua redondeza,
Cada mes (com que certeza)
Semelha à da nossa Aldea.
Do que ao meu gado sobeja
Vou viuendo ano por ano,
Pouco ou muito que elle seja
A ninguem não faço dano,
E não se ha ao pouo enueja.
Parece vida em verdade
Dos mastis, gado, & pastor
Como de cõmunidade,
Conta a fome & frieldade
Tudo rege, & manda a mor.

Do mais dezia Pascoal
Sabes que he o que nos come
Ma cobiça que não al,
Onde quer se mata a fome,
Matãose apetites mal

Polo

Polo sol & pella neue,
Natureza a grande madre
(Qu' aos filhos tãbẽ cho deue)
A tudo acudir se atreue,
Por mais q̃ este ventre ladre.

Meugado leuo, esse sigo,
Que inda saõ mais embaraços
Do que eu quisera comigo,
Passei por tantos dos laços,
Que olhar somente he perigo.
No meu çamarrão metido,
Que mais quero? sou pastor,
Cã nunca chega apellido
De fogo, nem de arruido,
Mal se for, mal se não for.

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemo
Virão verme os bõs amigos,
Ao Sol nos estenderemos,
Fallando em tempos antigos,
E despois dos meses mil
Quiçais inda dira alguem,
Olhando este meu couil,
Por aqui cantaua Gil
Sem queixia de ninguem.

Quando tudo era fallante
Pascia o Ceruo hũ bõ prado,
Ahi veyo o cauallo andante,
Quis comer algum bocado,
Pos selhe o Ceruo diante,
Outra razão lhe não deu
(Que erão pacigos geraes,)
Saluo posso, & quero o meu,
Este Meu, & este Teu
Tanto ha ja que nos fez taes.

Vendo tão pouca prestança,
O cauallo dantes forro,
Com desejo de vingança,
Pedindo ao homem socorro,
Por terra aos seus pees se lança
Não pode à justa querella
Deixar de se por no meyo,
Mas foi necessaria a sella,
Fesse o homem forte nella,
Toma a redea, proua o freo

Assi dão volta ao imigo,
O Ceruo quando tal vio:
Homem ao caualo amigo
Deixoulhe o campo & fugio,
Foy buscar outro pacigo.
O cauallo vencedor
Corre o verde & corre o seco,
Fora, fora, o contendor,
Ficoulhe porem señor,
Não foi tanto o outro enxeco

Quem ha tal medo a pobreza
Tal a fome e frialdade,
Que por ouro & por riqueza

Da a sò rica liberdade,
E mais outrē que a si preza.
Selhe ves herdades largas,
Não lhe ajas enueja á troca.

não se acha o que falta.

Mas tu olhas o Sol que anda,
A migo q̄ he tarde, folga ora
Deixemos esta demanda,
Mal auinda pera outra hora
A cea fora mais branda.
Com dous peixinhos passaras
Do rio não d' Almocreues
Que as villas fazem tão caras,
Beberas das fontes claras,
Sonharas sonhos mais leues.

Byeyto.

Voluesme as cousas de enuees
Ques por força que te crea
O que tu quiças naõ cres,
Sabe que alma he ja na Aldea
La me haõ de lauar os pees.
E tu dize o que quiseres
Torce ca & torce la,
Defende teus pareceres,
Mas onde hi naõ ha molheres
Vida, nem gosto naõ ha.

A quella gracioſa idade
Que, òs olhos viſtos nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta
Naõ he de todo vaidade.
Suſpiraſte, ora eu te entendo
E vernoshemos deſpois
Por ora a Deos te encomēdo.

Gil.

Naõ te quero eſtar detendo
Byeyto. (bois.
Voume (q̄ he tarde) aos meus

Baſto.

Contouſe iſto polla Aldea
De paſtores, em paſtores,
Logo foi a terra chea,
Entaõ quaes eraõ melhores.
Mas reuolto o Calendario
Viſto tudo, & contas feitas,
Fica aſſentado hum ſummario
Gil por homem voluntario
Homem Byeyto ás direitas.

N Celia.

ECGLOGA III CELIA.

Ao Iffante Dom Luis.

Ereniſsimo Iffante, aquien ſe deue
Fuego d'Eſmirna, o Mantua, aquien el mio
Quando mas arde es vna fria nieue
Del ſiempre elado Boote, y del tardio:
Mas gran Señor en partes dò no llueue
La niebla ſe deſca, y el rocio,
Y no ſe puede continuamente eſtar
En armas, y atalaya, y pelear.

Las Muſas, quando Vueſtra Alteza andaua
Alas altas empreſas, de ſi dinas
Que juntamente tremia, y ſudaua
Africa toda, en veer las altas quinas
De ſu Real guion, quando aſſomaua,
Viſtes las a ſus fuentes mas vezinas,
Entonadas mejor, y mas de veras,
Oyllas eis aca, como eſtrangeras.

Por ora callarſcha Tunes entrado
A fuerça d'armas, y dende eſcondido
Qual va huyendo el Tyrano apretado
De las fuerças mayores conſtreñido,
De Hercules vn ladron Caco afamado
Por honra auer deuiera ſer vencido

En humo

En humo se emboluia, y fuegos vanos
Fiuase en huyr, mas que en las manos.

Al sancto Rey Luis com tanta gente
Cruzada, y Carlo quarto denegosse
(De Francia entramos) lo q̃ ora al presente
A vos em nuestra gloria reseruose,
L'antiga y gran Carthago juntamente
De los daños passados recordose:
Temblauan Africanos coraçones,
Viendo venir á si dos Scipiones.

Ah los juizios ciegos de Christianos,
Ah furias infernales, ah pecados,
Que en vuestra sangre enfuziaes las manos
A tamaño sabor de arrenegados,
Auiáos IESV Christo hecho hermanos,
Deshazeiuos crueles a bocados,
Tantas banderas, tantos capitanes,
Y dexaos la ciudad santa a los canes?

Quando sera aquel dia que a la vuestra
Armada mano se rinda la fortuna?
Que algo de embidia atãta gloria muestra?
Quando sera que yo vea vna laguna
De sangre infiel vertido dessa diestra?
Yo que lo cante al Sol, cante ala luna
Triumphos quanto a vos mucho deuidos,
Deseos quanto amy mucho atreuidos

Finalmente (Señor) puesta a de parte
Por vn poco la espada, el verdadero

Y alto juizio buelua aquesta parte
Donde entra por la mar, turbado el Duero,
Y donde con gran fe, mas com poca arte,
Cantan pastores al modo estrangero,
Corren lagrimas justas sin parar,
Mientras Neiua tambien corre a la mar.

Pastores da Egloga. — Aurelio. Mauricio Amaro.

Aurel. Que quiere (ò mi Mauricio) dezir tal
Vuiar de perros, como ala porfia?
No se que se han, cierto es q̃ algun gran mal.
Aues nocturnas buelan dentre dia,
Lobos tan brauos de su natural,
Vienése ala Aldea de la serrania,
No vees el mal gusano, y que pesares
Se ha hecho de las huertas, y pomares?

Vna mula ha parido en muestra Aldea,
Y las vacas no paren, ayer cayo
Del cielo vn breue, y no ay quien lo lea,
Son frayle, o crego que ya missa cantò,
Con dos cabeças (cosa estraña y fea)
Vn poldro conseis pies (diz) que nascio,
Como gallos cantaron las gallinas,
No vinieron ogaño golondrinas.

Vemos muertos caerse los borregos,
Caen las madres d'otra parte muertas,
Los ojos que tal veen paranse ciegos,
De todo son las causas encubiertas.

Buelan de noche por los ayres fuegos
Que carreras atras dexan abiertas,
Cosas que nunca vimos, ni pensamos,
Dios nos guarde de mal los nuestros amos.

Ca dizen que ferio por la cabaña
Del buen Alonso vn rayo, (aquel pastor)
Que apacienta lo mas de la montaña
Ah no nos tenga el cielo tal rancor,
No parece sino que Dios se ensaña,
Amor en nos no veè, prueua el temor,
No vees quantas de vezes se estremece
La tierra, antes tan firme, ora enflaquece?

Aquel noble zagal que aqui cercano
Con tanta nuestra esperança crecio
Quando el la boz diuina con la mano
Tambien diuina, tañendo acordò,
Luego a bozes lo dixo vn viejo cano,
(Ah de lo por venir quanto que vio)
Quan presto te arrepientes cruel hado,
En dando vn grande don, de auelle dado.

Mauricio.

Por cierto que yo lo vi, que no quisiera
Auellō visto, lleuoselo el palacio
Crecia en todo a ojo, quanto fuera
Mejor, y mas seguro, irse despacio.
Cuentan milagros del des que alla fuera,
Mas a tal prissa cierto està el cansacio,
Sea de cuerpo, spiritu, o de ventura,
A cansar presto va quien se apressura.

Mas boluiendo a nos sotros (pastor bueno)

Quando aqui veo tantas de señales,
Quando de maldad tanta el mundo lleno,
Alla los viejos van, y los zagales,
Estoy confuso, mal duermo y mal ceno,
Temiendo a nuestras culpas desiguales,
Es mucho el pecar nuestro, es sin emienda
Que himos siempre acorrer suelta la rienda.

Mauricio,

Agora Aurelio entiendo que tu solo
Eres el que aun no sabe el grande daño
Deste nuestro concejo, que assi olo lo
Como por tierra vn caso duro y estraño:
Aquel bien suyo, la muerte lleuolo,
Quien péso veer tã presto vn mal ramaño?
Nuestra Celia es muerta, ay breue cuento
Tan dino de infinito sentimiento.

Aurelio.

Assi que es muerta Celia? y pudo muerte
Hazer, (aunque cruel) tal crueldad?
Como? y todo vasse assi por suerte?
Sin orden, sin razon, sin igualdad?
Tan presto tanta gloria se conuierte
En nada? estado, fuerça, y fresca edad?
Triste de my, de vida ya Celia es fuera?
Quien oye tal, tambien, q̃ no se muera?

Dexemos la beldad (que ella tenia
Por cosa vana) (como cierto es vana)
De que a las otras tal cuidado veya,
Mas en cuerpo tan sano, alma tan sana:
Que para nos, no para si biuia,
Como la muerte fue tanto villana?
Cortò la tela ante tiempo sañuda,
Dexa tanta de gente aca desnuda?

Mauricio.

D'Amaro y que sera? solo dexado
Por raro exemplo d'vna triste vida?
Como por muestra, y como por dechado
A nos sera ella corta, a el complida.
Quan presto tanto bien se ha trastornado?
Ay bienes falsos, ay vana y fingida
Muestra, que ala deshora buelue en daño
Vanos ansi engañando d'año en año.

Aurelio.

Pues aun no sabes bien lo que passe
(Digo con el combate desigual)
Era el dolor deuido, pero fue
El impeto primero irracional,
No de hombre, aun que barbaro, y sin fè,
Sin alma, y sin razon, todo bestial;
Quiso boluerse a si como enemigo,
Son que lidiar cumpliole antes comigo.

Quantas vezes que el alma vi cuitada
Partirse tras la santa suia della,
Dexando el cuerpo alli como vn nonada,
Solo tendido como que iua a vella,
Dende a buen rato, toda trabajada
Boluer de nueuo, alli quanta querella?
Y que gritos tan altos, tan sintino
Vnos tras otros daua de contino!

Cruel Celia (dezia,) ansi me dexas?
Quien te me hizo cruel? no me responde,
Señal que ya no las oye estas mis quexas:
Tan lexos la lleuaron? triste a donde
Te me han Celia lleuado? ansi te alexas

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Sin mas piedad de my? quiẽ te me eſcõde?
Quien fuyendoſe va, (dezidme) ah quien,
Fuyendo ſe me va con tanto bien?

Luego boluia, veis que piadoſa,
Veis como ſiempre blanda, y nunca eſquiua,
Me buelue a veer? mas como tan cuidoſa,
Dexadme alla ſalir, a veer ſi esbiua,
O ſi me engaña eſta alma deſſeoſa,
Que es eſto ado ſe fue; mudada que iua?
Y quanto (ò triſte) toda d'otramente
De la Celia que yo vi primeramente?

Quantos de deſuarios? que ſin cuento
De deſconciertos dixo? y que de antojos?
Y de fantasmas veya en vn momento?
Tieſſos, y ſiempre enxutos los ſus ojos,
Dezian que del mucho ſentimiento:
Todo y en todo dado al dolor malo,
Vn contino furor ſin interualo.

Aurelio.

O Celia quantas lagrimas deuidas
Y quantas teeran, ſi lagrimas nos dieſſen
Remedio alguno, de mas a las vidas:
Y de otra parte ſi auidas no fueſſen
De los mas ſabios, por mal entendidas,
Y aun por flaqueza ſi gelo creyeſſen,
No digo mas de ſi, ni mas de nò,
Soncas cauſas ternà quien nos las dio.

A quel dolor que va turbando dentro
El cuerpo todo con los ſus ſentidos,

Y passa al coraçon, que es el su centro,
Lagrimas d'allamanda, y los gemidos,
Que abrē caminos a aquel duro encuētro,
Sino que es fuerça siendo detenidos,
Que alla encerrado el fuego, y las centellas
Ardan las casas, y el señor con ellas.

Por tanto amigo ruegote (acordadas
Nuestras sampoñas) (que aqui las tenemos)
Mientras que van buscando las manadas
Algo que coman, nos Celia cantemos,
Que despues cantaran muchas vegadas,
Pastores de que nada ora sabemos,
Cantaran a la sombra destos pinos,
D'alto responderan montes vezinos.

Mauricio.

Que podria yo Aurelio hazer por ti
Que mas de grado hiziesse? aūque estoy tal
Del llorar mucho, y poco que dormi,
De mi parte no se: mas tal o qual
Cumplase todo por amor de ti,
Que auenturo contigo en bien ni en mal?
Pero començare sin mas escusas
Con buena ayuda della, y de las Musas.

Canta.

Esta sorriendo Celia de la ciega
Nuestra vista mortal a tanto en ferma,
Semejante à aquel juego que se juega
D'ojos cubiertos, que tan mal aterma,
Ella vèe todo, y juntamente ruega
Por la su gente, y dize que no duerma,
De contino amonesta, que espequeño,

Es vn no nada el plazo, es grande el sueño.

Bien vee que los plazeres, los enojos
Nuestros son vanos, pienso cierto, o creo
Que a menudo hazia aca buelua sus ojos,
Donde dexò de si tanto deseo,
Y donde aquellos sus altos despojos
Del cuerpo, donde sus joyas y arreo,
Los hijos (como en vida ella dezia)
Y donde la fiel su compañia.

Y viendo quantas lagrimas por ella
Se derraman aca, tanto mas fruto,
Enchiendo el ayre de tanta querella
Messandonos, cubriendonos de luto,
Sabiendo, si llegassemos a vella
Que luego todo se veria enxuto,
Buscaesme alla tan baxo (dize) errays
Do buscarme deueis, no me buscais.

Mi bien, o que plànis? no la turbeis
Amigos la mi paz, sola esta es vida,
Muerta essa que por vida alla teneis
Vn punto, vn no se que, la mas cumplida,
En vanos pensamientos no os ficis,
Ay quan cedo que alla todo se oluida
De muerte en muerte andaes, no veis quan presto
Vna la vida mata, oluido el resto.

Quanto tiempo sereis niños chiquitos
De los que andan burlando a su plazer?
Tiñese vno la cara, eis alçan gritos
De miedo,

De miedo, y van corriendo al mas correr,
Lauase el gesto, bueluen los loquitos
Ryendo hasta de risa se caer,
De las rugas burlaes, blanco el cabello,
Burlaes, miedo al morir, q̃ es como aquello.

Lo que de mi preciaes, es poca tierra,
Que ya nada siente, es lo que siempre fue
Lo menos cierto os haze cierta guerra,
Is vos tras lo que veis, no tras la feè,
Qual de vos otros sus sueños afferra?
Y soñaes toda via no se que,
Desseos vanamente assi estimados,
Que matan desseando, y ya alcançados.

Estès por siempre buena Celia en gloria
Alla, y en fama qual dexaste aqui,
Deuiose tal corona a tal victoria
Del nemigo, del mundo, y de ti,
Tales contrarios que en nuestra memoria
No sè vencido quien los aya assi,
Derechamente corriste ala palma,
Dexaste el cuerpo atras, auante el alma.

Aurelio.

O buen Mauricio y con que medecina
Vngiste la mi llaga, honda, cruel,
Con tan dulce breuage, y tan diuina,
Que me diste por medida, y por niuel,
A quel mal, muerto que me viera ayna
Tu me saluaste de las manos del,
Hirieame el dò lor que aya malgrado
Ayas lo bueno tu, que me has sanado.

Agora

Agora pues tal es, amigo escucha
Prouare la çampoña, si ha tambien
Cobrado aliento, traz l'angustia mucha,
Que a reuezes se van el mal y el bien,
Cayendo y leuantando como en lucha,
Las ondas con el viento van y vien,
Ora la buena Celia se leuante
Para que della taña, y della cante.

Canta.

Alçose deste baxo Celia a buelo
Dexo la tierra, que della era indina,
Passo nuues, passo de cielo a cielo,
Matò la sed en la fuente diuina,
Cessen los llantos, cesse el desconsuelo,
Que ella nos llama a fiestas, y encamina
No se oygan mas aqui, saluo cantares,
Dezidmelos a cientos, y a millares.

Oyanme todos que la Celia nuestra
Es hecha de mortal que era, immortal,
Quien no lo vee: a quien no lo demuestra
Claramente tal vida: y muerte tal:
Quan differentes fiestas que ~~ya~~ le muestra
Su guia (a toda parte) angelical
Bolued todos por ende en vuestras mẽguas
A Celia el coraçon, bolued las lenguas.

O buena, ò santa Celia, estos estremos
Que viste y vees d'alla de temporales,
No labramos las tierras, no tenemos
Con que, ni para que, si tu no vales,
Quanto sudamos, quanto q̃ hecho auemos

Todo

Todo fue por demas, a tantos males,
De Dios algun remedio nos alcança
A los tuyos (oy mas) cierta esperança.

Demuestranos d'ella Celia aquel santo
Amor, que de los tuyos te encendia
Que amaste tanto, y te amaron tanto,
En ti el su mal, en ti el su bien se veya
Y con que angustia el mal, el bien con quanto
Zelo de caridad? con que alegria?
Como en la casa veese al grande espejo
El que entra ledo, o triste, el moço, el viejo.

A quien yran con fiuza en los clamores?
En las sus rogatiuas y demandas
Son que a ti buena Celia tus pastores
Y las zagalas partidas en bandas?
Ellas cantando dellos sus loores,
Ellos callados texendo guirnaldas,
Ellos, y ellas todos tus deuotos
Comiença a acostumbrarte a nuestros votos.

Ergued aqui comigo vn memorial
Que a cierto tiempo vengan por los años
El buen viejo anciano, y buen zagal
Y juntamente vernan con sus rebaños
Que de mala cagion guardes, y mal
De malos ojos que hazen tantos daños.
Vernan honestas, y buenas Zagalas
Manda el bosque vedar (Celia) a las malas.

Que es esto? o si me engaña el gran desseo

O Cierto

O cierto que las agoas deseadas
Caeran presto, que señales veo,
Las garças van bolando en alto alçadas,
Mueuese la floresta a lo que oteo,
Muestra la Luna manchas assombradas,
Vanse los altos de niebla cubriendo,
El Sol embuelto en nuues escondiendo.

Mauricio.

Como quien atrauiessa vn monte erguido
Sin sombras, y sin agoa en las calores
De Iulio y Agosto, vn mes, y otro cumplido,
Y quando son en toda parte ardores
A tanto mal, cansacio aun añadido,
Falta el aliento, crecen los sudores:
En fin por vna peña agoa que caya
Se buelue luego a vida el que desmaya.

Tanto tus dulces versos me pluguieron,
Y tanto tuuon de fuerça y poder,
Que otro me han fecho, como se perdieron
Entre nos el cantar, como el tañer?
Que tanta fama a los pastores dieron?
Mas dizenme que vienen a correr
Ciertos pastores del estremadura,
Que deste ayre hecharon la niebla escura.

Aurelio.

Oyes? o quiçano, Mauricio hermano
A quel por cierto s'es el triste Amaro,
Que con la muerte va peleando en vano,
Passado del dolor de claro, en claro,
Hanlo como metido a sacomano,
Amor y muerte fecho exemplo raro

De la fortuna, y de sus embaraços,
Con el brauo dolor, anda a los braços.

Amaro.

A que parte se es ida esta alma mia?
Quien me la enseñara? o que hago aqui?
Sin ninguna de dos que antes tenia?
Entramas se ajuntaron contra mi,
Dexanme ciego, dexanme sin guia,
Pareceos este Amor? dexarme ansi?
Nunca han quesido consigo lleuarme,
Nunca tornarme a veer, ni a consolarme?

Como vna llama por el monte ardiendo
Que presto en alto buela, y no apareisce,
Sale de vista assi, viendo, y no viendo,
El humo solo turbio remanece,
Ora tal claridad resplandeciendo
Agora agora como se escurece
Ansi tan presto? triste ado me ire?
Sin ti, y alla sin ti que me vere?

Cuitado, y los lugares do te veya
Y donde me eras cadora presente,
Y todo aquello que en tu compañia
Me era vida y salud, son me otramente
Son ansias, soledad, y cuita mia,
Huyendo se va el coraçon doliente
Dexadme ir abuscallo, y si no viene
Tenga tambien amy quien me lo tiene.

Mauricio,

Sintionos compañero, y no ha parado
Como pararia, y a dò, quien desfuye?

Bien

Bien como herido corre el gran venado,
Crece corriendo el mal que lo destruye,
Que labra el hierro, y tiro auelenado,
Tanto mas con el trabajo la vida concluye
Ya que no puede mas, caerse dexa,
Pone ala vida fin, pone ala quexa.

Mas vamos al lugar religioso
Ya agora, y sera enel siempre por venir
A todos, donde en paz yaze y reposo
Lo que de Celia no pudo subir
Por ora al cielo, mas ò que sabroso
Letrero Aurelio, ponteme a oyr
Veras poner seis cientos por aqui
Tal deseo dexo Celia de sy.

EPITAPHIO.

Buen'alma que la carne aca dexaste
No podiendo sofrir mas tiempo el peso
Suyo, conquien en bregas siempre andaste
De mi piedad te mueua, que aqui preso
Al amor de las cosas que aca amaste,
Estar me mandas, ay no basta el seso
A tanta cuita, todo prueuo en vano
Estiendeme d'alla, Celia, la mano.

Aurelio.

Este sacòlo Amor de las entrañas
D'aquel preciado, tamaño pastor
No pudieron las fuerças ser tamañas
En otro spiritu, ni tan raro amor
Vernan pastores de nuestras montañas

A prouar sus sampoñas y valor:
Mas quien quieres que iguale, o taña, o cante?
A quien amando assi passa adelante?

Ora abalemos para el nuestro abrigo,
Que ya me parece que vrrian las cabras,
Y las ouejas, Turibio y Rodrigo,
Otros sueltan los bueyes, dexan las labras.
Mauri. Si, qu'es tiempo, mas primero amigo
Digamos l' estas deuidas palarbas,
Seate (ò Celia) la tierra liuiana,
Nascan rosas aqui, nasca la grana.

ANDRES.

Ecgloga ao Duque de Aueiro.

EL congoxoso llanto, el temerario
Amor del nuestro Andres, la marauilla
Que al hato lo voluio, todo al contrario
Que dantes era, ya manso y sin renzilla,
Tanto medio mudo, y solitario,
Que solo vello mueue a auer manzilla,
Mientras yo canto, cante aqui comigo
Amor, aunque cruel, aunque enemigo.

El primer amor suyo, el primer fuego,
Y los primeros suyos desconciertos,
Centellan los sus ojos sin sossiego,
A desora de lagrimas cubiertos:
De malos celos, y de furia ciego,
Va se braços cruzados, quando abiertos,
Que reposo no dase, ni vn pequeño
D'espacio, ni al comer, ni al dulce sueño.

Señor, y no os sea en menosprecio
La çampoña de Pan Dios de pastores,
Tenida antiguamente en tanto precio,
Tambien entre los Principes mayores,
No podemos a Codro, a Mucio, a Decio —
Todos cantar, no los altos señores, —
Los Reyes vuestros passados y presentes,
Esforçados en guerra, en paz prudentes.

A vos señor no os cupo en suerte guerra,
Estamonos aqui como en vedado,
Por el gran Rey que en paz rige su tierra,
A nos vn Numa, Romulo grande armado,
A los infieles que lexos destierra
Temido dellos, de nos mucho amado:
Entretanto os abris altos caminos
Por los libros humanos, y diuinos.

Entre los quales tienen su lugar
Las blandas Musas, que aliuian el peso
Del mucho estar a tento a especular,
Que aturar no lo puede humano seso,
Mas alto s'alça que solia estar
El ramo, que algo yuso estuuo preso,
Y puedese mejor boltando vn trecho
Subir al monte, que luego al drecho.

Pudierades passar la juuentud
Como otros grandes Principes, andando
A passatiempos, y a la multitud
Delos deleites, onde, como, y quando
Hiziesseos mas hermosa la virtud,
Assi como ella va de flaco vando:
Tan presto conoscistes los afeites,
Y el falso resplandor delos deleites.

Bien vimos quanto os plugo la pintura
De Hercules quando moço en despoblado,
Por hierta via, d'vna vieja dura,
D'vna moça por llana encaminado.
La vieja espinos muestra hasta el altura,
Flores, fuentes, la moça por el prado:
Mas aquel coraçon que no desmaya,
Por el monte agro và, dexa la playa.

Ora otra vez a Andres, que va fuyendo
Delos otros pastores, y lugares,
Y aun los caminos cuitado, añadiendo
Vanamente, cansancio a los pesares,
Ah loco y de quien fuyes? vas corriendo,
Vas dando viento al fuego, y si mirares
Ar de la llama mas, otra vez loco,
Porque corres al mal? vé poco a poco.

Tu mientras que los otros apascientan
Los sus rebaños, Ioan, Pedro, y Rodrigo,
En duro pedernal huego arrebientan,
Y furtados al viento en buen abrigo,
Delos passados sus cuentos recuentan,
Tu debatiendo vas solo contigo,
Mientras tañiendo estan, mientras cantando,
Tu solo assi te vas deuaneando.

Pascoala cruel sierpe, (no offendida
Alomenos de mi) toda inflamada
De su veleno, dâ d'arremetida
El cuello, el pecho, y la cabeça alçada,
En tres partes la lengua repartida
Como llama de fuego apressurada,
Qu'es esto? qu's lo que hize? ah que me quieres?
Cruel, la mas cruel delas mugeres?

Querida sobre todas las zagalas,
O que hechizos, ò que encantamento,
Y dura fuerça de palabras malas,
Ansi te han hecho sin conoscimiento!
Bien pintan al amor ciego y con alas,
Alçose presto, y tan liuiano al viento,
Yo tras el d'assomada en assomada,
Que no se tras que voy, voyme tras nada.

Y nunca quiero entrar comigo en cuenta
Que cierta sea (triste) ni saber
La causa porque esta alma a si se affrenta,
Que a nadie mas que a si deue querer,
Amor como enemigo, que consienta
Me dize, vine triste a vn cierto ser,
No se a quien fuyo, fuyo mi ventura,
Que buen remedio locura a locura.

Aun las fieras seluages como son,
Vencer se dexan de humanidad buena,
El toro brauo, el tan brauo leon,
Con tiempo muestran que no sienten pena,
El vno en yugo, l'otro en la prision,
Si la boz conoscida al ayre suena
Del halconero, luego desd'el cielo
Oyendola el halcon, baxa de buelo.

Todo lo vence el tiempo, y la porfia:
En piedras duras si el agua desciende,
Ella tan blanda, caua toda via:
Es duro el hierro, gastase porende,
Lo que vn dia no puede haze otro dia,
A las sus fuerças quien se le defiende?
Durissima Pascuala, quanto en ti
Amor, trabajo, fee, tiempo perdi?

Vemos la golondrina, buelto el pecho
Al viento, como vn rayo yrse bolando,
Or' en cielo, or' en tierra, el cuerpo estrecho,
Sin las alas mecer, son quando en quando:
Contra la vena d'agua va al derecho
La trucha, aun las açudas traspassando:
Con quantas aues mientras dia buelan,
Otras ay que las noches se desuelan.

Ay animales que a los nuestros fuegos
Se acogen, constreñidas del mal frio,
Otros nos huyen, son como vnos juegos,
Vnos al monte vanse, otros al rio,
Otros por dentro dela tierra ciegos,
Ende se biuen, otros del rocio,
Otros del fuego: no tienes Pascuala
Condicion de muger, no de zagala.

Mas antes de zagala, o de muger,
Que debaxo d'aquella vista hermosa,
Tan llegada a diuina al parecer,
Escondio la natura artificiosa
El mayor mal que pueden ojos ver,
Engaño que haz la pena deleitosa,
Ponçoña de gran fuerça mata el vellas,
Mata el oyllas, mata el oyr dellas.

Oo que ayas mucho de mal grado Amor,
Que assi nos turbas el entendimiento,
En lo que's mas dañoso ay mas sabor,
Errado el peso, la medid' y el cuento,
Donde se sigue que de aquel error
Se vengan recreciendo ciento y ciento,
Qual fuente auelenada perenal,
Donde mana despues tanto de mal.

Suerte triste y cruel, que tal consiente,
De monte en monte voy, de valle en valle,
Huyendo lo pisado dela gente,
Para que solo grite, y solo calle:
Amor viense tras mi porfiadamente,
Que no se quien lo enseña a que me falle,
Ya tiempo ser deuia que dexasse
Este Andres triste, y qu'otro Andres buscasse.

A quien como a zagal mucho sandio
Mostrasse qu'en boluiendo los sus ojos
Tan blandamente, no dexa aluedrio,
Inchiendo el ayre de vanos antojos,
D'vn querer, d'vn esperar, mas que baldio,
Gozos inciertos, ciertos los enojos:
En fin (como se dize en viejos cuentos)
El ayre lleua los encantamentos.

Aquellas sus pinturas tan hermosas,
Aquellos muchos en puntos pequeños,
Aquellas prayas tanto deleitosas,
Aquellas tantas riquezas sin dueños,
Tantas sin precio piedras preciosas,
Las naues viento a popa, vanos leños,
Las fuentes claras, tan frescas verduras,
A desora (no veis?) son peñas duras.

Mas eya, que ansi manda aquel villano,
Aquel niño, aquel ciego, aquellos celos,
Que vaya adonde el mundo, el siempre cano,
De nieues blancas, de continos yelos,
Las aguas presas, el sol cansa en vano,
Siempre ñublados, y turbios los cielos,
Como se alçaron en las mis entrañas,
A ver si resfriaran llamas tamañas.

O por ventura seria mejor
Irm'hazia estotra parte, adonde vea
El sol andarme siempre al derredor,
Que no s'esconda, como que esto sea
Siquiera algun aliuio a mi dolor,
De que esta alma vencida deuanea,
Triste, d'otre quiça podras fuir,
De ti como podras descabullir?

Si vn'hora no podia estar sin ti,
Como podre passar por los tamaños
Dias, como ora vienen sobre mi?
Como las tristes noches? que son años?
Si todo, si a mi mismo aborreci?
Despues que supe mas destos mis daños,
Ora desengañado aqui que attiendo?
Que m'aconseja amor? que no lo entiendo?

Con que viene de nueuo esta mal sana;
No se si es alma la que me detiene,
De noche auiendo miedo a la mañana,
De dia a la su noche quando viene.
Ora fuye, ora buelue a mi liuiana,
Por como algun antojo sobreuiene,
Ya que no vee se aqui remedio alguno,
A que prouando los anda vno a vno?

Ay que quereis de mi muerto ala luenga?
Quanto tiempo que mal gasto en querellas!
Dexadme ir ver primero Blanca y Menga,
Que m'embian dezir que vaya a vellas,
Las mis buenas amigas, y no es luenga
Iornada, barelo todo antes d'estrellas,
No llueism'alla no, que Dios os vala,
Que no està como solia ende Pascuala.

Mudò los passatiempos que tenia
Aquella ya mi Pascuala, antes agena,
Antes tod'otra cosa, que no mia,
Quien la quisiere hallar busque Ximena,
Busque Anna la su buena compañia,
La Sancha, la Toribia, y la Morena,
Enseñadas a hazer por mis peccados
D'vn solo coraçon muchos guisados.

f. Fr. de Port. p. 44.

Mas yo a quien me aquexo? el de culpar
Yo soy: de quien me quexo pues qu'andaua
Con tanta diligencia a m'engañar?
Si m'era el que traya y que lleuaua
(Qual dizen) al sabor del paladar?
No veya, no entendia, no escuchaua,
Que mas ciego, o mas sordo puede ser
D'aquel que ya nada oyr quiere, ni ver?

Qual vida, qual ſalud ſe le pudiera
Igualar a tal muerte como aquella?
Que oyendo y reſpondiendo ſe partiera,
Los ojos al quebrar de viſta enella,
Que cogia la niebla poſtrimera
Delos ſus ojos, que aun alçaua a vella;
Vete en paz moço con tales deſpojos,
Que no bueluan atras nunca tus ojos.

Dexadme ir alos montes, qu'vn Cingial,
Vn Oſſo, vn lobo, mientras los perſigo,
Quiça vn dia daran fin a mi mal,
Murio enel monte Adonis, d'enemigo
Colmillo en furia herido (y que zagal
De tan hermoſa Dioſa hermoſo amigo)
Ella lo tiene en braços, quien los viere
Apenas juzgarâ qual dellos muere.

Y quando fueſſe que en los montes frios
Peligros ni canſacios me venciеſſen,
Y que los hielos por los hondos rios
Por ſu dureza, paſſada me dieſſen,
Acertars'hia que los canes mios
De rabia, o quiça de hambre, me comieſſen;
Por los diuerſos acontecimientos
Que nos hazen creer los viejos cuentos.

Quien

Quien te sabra dezir cierto sin falla
En que parte del mundo, en agoa, o tierra
Te desafia muerte a la batalla?
Que siempre amenazando a vn pũto aferra
Como le aplaze, mejor es sin falla
Anteuimiendo dar fin a la guerra:
Vamos, que traera despues la suerte
Iusta vengança a la mi injusta muerte.

Alla me llama amor d'aquella altura
A bolar, tras el voy, verê si ansi
Podra fin darse àqueſta mi locura:
Passaran los pastores por aqui
Cantando dela mi corta ventura,
Cruel llamando amor, cuitado a mi,
A prissa por salir del val priado,
Por la muerte de Andres mal estrenado.

Los vnos a los otros cantaran,
" Huyd la valle do yaze el zagal, "
Los otros tanto le responderan
" Huyd la valle do yaze el zagal: "
Y todos juntos mas añadiran,
Que por amar tan bien murio tan mal,
Que por amar tan bien tan mal murio.
Dessa peña tan alta Amor lo despeñò.

Si cantaran quiça por las floreſtas
En tiempos por venir buenos paſtores
El cuento mio, y las duras requeſtas,
Los faltos de ventura mis amores:
En verano a las ſombras por las ſieſtas,
Al fuego, o ſol paſſadas las calores:
Que refrigerio auran los hueſſos frios,
Sintiendo aſſi acordar los caſos mios?

Dixo, y teñido de color de muerte,
Va ſe ſubiendo por la braua breña,
Amor aqui los mis verſos concierte,
Si alos ſuyos y a mi verſos enſeña,
Aunque ſeria bien d'aquella ſuerte
Que dizen, Al mar agua, al monte leña,
En verſos añadir mas alas coſas
Y a las obras de amor marauilloſas.

Agora que me hare? que me aconſejas,
La mi çampoña tanto ida adelante?
Las Muſas vergonçoſas zagalejas
Todas ſe me demudan al ſemblante,
Los ojos baxos, baxas las ſus cejas,
Mas Apollo el mayor manda que cante,
Por fuerça es que ſe cumpla ſu mandado,
Sino que mal me tiene amenazado.

En la gran peña vna honda cueua auia
No por fuerças humanas, ni exercicio,
La natura alli escondida la tenia,
Obra delas sus manos, y arteficio,
Para quando vn tal caso acontecia:
Ora Andres que al su proprio sacrificio
Pensaua, ende arribo, diz que acontece
Tal vez creciendo el mal que se guarece.

Fuesse verdad, o fuesse sueño, Andres
Vio dentro (o penso ver) d'aquella cueua
Satyros que cantauan cabripies,
Y Faunos, y Syluanos, cosa nueua
Antes no vista, que yo sepa, ni despues,
Creanlos por venir, q' harto es grã prueua
Vello de loco sano, veer que alguna
Noche el caso cantò solo a la luna.

Diziendo enfin Saltauan las sus fiestas
Nuestros rusticos Dioses, yo estordido,
Delo que veya, con mi mal a cuestas,
Cabi por tierra, sermeha mal creydo,
En derredor boltauan las floréstas
Boltaua juntamente el mi sentido:
A reuezes cantando vnos dezian,
Los otros despues, otros respondian.

Pasiphae

Satyros. Pasiphae (ah que verguença) va buscando
El toro hermoso, va se a las manadas
Delas sus vacas, sola suspirando,
Teneisme aca el mi amor? tan mal miradas
Que me forçais del mio, y veis qual ando,
(Dezia, de mil lagrimas regadas
Las sus mexillas blancas) ah cruel,
Que s'anda tras vosotras, yo tras el.

Faunos. Rodeaua las aguas vna y vna
(Del blanco Cisne enamorada) Leda,
Alçase a buelo, ella sin ninguna
Color de biua, vn blanco marmor queda,
El que trasspone, ora aquella laguna,
Ora aquel rio, quanto mirar pueda,
Con mil sospiros busca siempre en lloro,
Alla va el coraçon tras su thesoro.

Syluanos. A quien su coraçon la gran guerrera
Simiramis dará? saluo al ardiente
Caualllo, qu'enlas armas conosciera
Corriendo, ardid, al freno obediente,
A quien los pies, a quien vn blanco abriera
Por medio la orgullosa, y alta frente,
Y aquella que por si no teme a cosa.
Por el ala batalla entra medrosa.

Fueron

Satyros. Fueron las nietas de Bello cincuenta
Y cincuenta los nietos, ajuntò
El casamiento a todos: de tal cuenta
Dela su sangre limpias no guardò
Las manos, saluo qu'vna mui sangrienta
Y cruel noche, que tal encubrio:
Tardaua el sol a ver el caso indigno,
Quando vuo de venir cubierto viuo.

Faunos. Beldad, sangre, thesoros, arte, y estrellas
Todo lo tuuo en su fauor Medea,
Aqui perdonen las nobles donzellas,
Si del su amor se cuenta obra tan fea,
Que buen remedio dellas sus querellas
(Quasi lugar no dexa a que se crea)
Alos sus hijos tiernos ayrada puso
Manos, deuidas mas a rueca y huso.

Syluanos. Vn pastor brauo de luengos cabellos,
Ante quien no parauan los leones,
Quantas injurias por amores bellos,
Mas que buenos passò, quantas prisiones
Y en fin la muerte que no vee los sellos,
No se como assi son sus coraçones
Al reues, por bien mal, por el mal bien,
No miran como, no por que, no a quien.

Satyros. La joya de Eryfile, que eſcondia
Tantos de males en la ſu riqueza,
Sobre los otros tantos que hecho auia,
Hizo aquella infamada, y gran crueza,
La muerte d' Amphiarao, que toda via
Mas no pudo, pero con la dureza
Del hado, tal prudencia, y tal ſaber,
Todo vencio cobdicia de muger.

Faunos. Eſta nueſtra riqueza anſi aldeana
Offreſcida però, quien la deſecha?
El don hermoſo dela blanca lana,
Bien ſab'el nueſtro Pan quanto aprouecha,
O que ella fueſſe, o pareſcio Diana,
Era alta la floreſta, vuo ſoſpecha,
No burlo mas de veras, como es eſto?
Quien mas cargado va, llega mas preſto?

Syluanos. Aquel Galo paſtor, aquel que tanto
El Tityro alabára por licores,
(Zagala ingrata) todo en cuita y llanto,
Como muerto quedò matando amores:
Ella ſigue las armas, que ni tanto
O quanto, a lloros mura de paſtores,
Socorrioſe el cuitado a la çampoña,
No remedio aaquel mal, antes ponçoña.

Faunos. Las ſus parientas, tan ricas zagalas,
De tanto ganado, y de theſoro,
(En todas partes ſe ay dclas Paſcualas)
Colgò ſu amigo Andres de vn cordon d'oro
Que ella labrara por ſus manos malas,
La mayor, la ſegunda ſiempre en lloro,
Y ſangre concluîa el ſu amor breue,
El Sebetho lo ſabe, y quien lo beue.

Syluan. Acab' del turbio Tybre, que rebaños
Ay de zagalas, mas que deuen ſueltas
Que biuen de doblezes, y de engaños,
Palauras dulces, en ponçoña embueltas,
Con que alos moços, con que a viejos d'años
Hazen que ciegos van dando mil bueltas,
Isla de Circes mala: alli vereis
Vnos tornados puercos, y otros bueys.

Todos. Quien baſtarâ contar coſas ſin cuento?
Lo ſin medida, quien pienſa medir?
Armar las redes, que no fuya el viento?
En blanca arena ſembrar y cubrir?
Bien veeſe qu'es mui vano penſamiento:
Las leyes communes hanſe de cumplir,
Mas que emendar: a vezes ſe ſoſtienen
Las coſas, que vnas van, y otras vienen.

Autor.

Siguioſe deſte mal grande prouecho,
Que oyendo de Paſcuala y de Andres
Hablar, erguime a fuerça en gran deſpecho,
Mas buelto a mi, diziendo, Eſto como es?
Si ſueño? o vanamente ſi ſoſpecho?
Beſo la tierra, y dando delos pies,
Voyme a vn'agua corriente, ende lauado
Boluime al hato, huelgo anſi apartado.

ECGLOGA NEMOROSO.

A Antonio Pereira, ſenhor do Lamegal, & do Baſto.

DElos nobles Floiais
En Pereiras mudados,
Derecho tronco, ſin algũ cõtraſto;
Que por nombre contais
Todos vueſtros paſſados,
Del tiempo del buen Rei Alonſo el Caſto,
Tan biuo ſe halla el raſto

De ſucceſsion derecha,
Y noble antiguedad,
Haſt'eſta nueſtra edad;
Si al grãde coraçõ algo aprouecha,
Oyd vueſtros paſtores
Que riñen, y otros cantã ſus amores.

Eſpero que algun dia
Aun ſ'oyga en lexos parte
(Sino qu'l grã deſſeo ſiempr'engaña)
Otra çampoña mia
Labrada con mas arte,
De fino box, y no de flaca caña:
Agora en mi cabaña
Adonde al importuno
Tiempo me vine huyendo,
Que mal ſi eſtoy tañiendo
Ruſticamẽt' y no offiẽdo a ninguno?
Que abrigado eſtẽ fuera,
Sonqu' entran aca vientos de fuera.

Quanto tiempo perdi,
No ſe por donde anduue,
Vi tierras, vi coſtumbres differẽtes,
Ya tarde bueluo en mi,
Vn poco ſobr'eſtuue

Arrimado, y dexé correr las gentes,
Por los inconuenientes
Veer con ojos mejores
Segura, dulce, y ſanta
Vida del monte! ah quanta
Vana fatiga vi! quantos ſudores!
Y anſi canſado y muerto,
De poluo llegué aqui todo cubierto.

Bien pudiera jugar
Todo el dia al tablero,
Con la ſuerte engañoſa porfiando,
Pudiera trasfegar,
Los ojos al dinero,
Por el jurando, por el perjurando
Mas fuime ſoſacando
A peligros de villas,
Y embates del concejo,
Buſca abrigo el buey viejo,
No es táto el mal d'aca, no las rẽzillas:
Embiaſtesme el buen Laſſo,
Ire pagando aſsi mi paſſo a paſſo.

Al qual gran don, yo quanto
Deuo, ſabeis, que ardia

Temiendo y desseando juntamente:
No me atreuia a tanto,
Qu'el son que me plazia
Por mi aplazer fiziesse a nuestra gente,
Aqui cab'esta fuente
Iugaua solo el juego.
Sacaisme alla a la clara,
Lo que antes no acabara
La soberuia amenaza, o el blãdo ruego:
En compañia tal
El bien sera mas bien, menos el mal.

PASTORES DA ECGLOGA.

Pelayo. Sancho. Rodrigo.
Sallicio. Bras. Serrano.

Pelayo DIme pastor de cabras alquilado,
(Y no te enojes con la tal demanda,
Que m'echas vn mal ojo atraueſſado;)
A quien embio Toribia la guirlanda
Qu'ella traya sobre sus cabellos?
Cantando, y cõ que boz? clara, y quã blãda?
Y a quien embiaua juntamente aquellos
Sus ojos, que de amor son corredores,
Y qu'el mismo se va biuiendo dellos?
Mañana de san Iuan, quando a las flores
Y al agua todos salen, quien tal gala
Vio nunca, y sus desdenes matadores?
Ora que paresçia alli Pascuala?
Y Menga? què Constança, y la Perona?

Aquellas

Aquellas que a ſu veer quien las iguala?
Que gracia, que freſcura, y que perſona,
Que color d'vna roſa a la mañana
Se mueſtra al ſol, que ſe abre, y ſe corona?

Sãcho. Soldada tuya fue, cabeça vana
Todo eſſe cuento, ſirues año, y años,
Enfin poco ganado, y poca lana.
Simple, que no percundes los engaños
Deſſas demoſtraciones apparentes,
Veſtidas por defuera en verdes paños.
Tu duermes, y no duermen los parientes,
No los amigos, no quien cada dia
A tus locuras claras para mientes.
Pelado, oh, oh que erre; Pelayo, es mia
Vn'hora, es otra tuya, otra verna
De otros, que anſi ſe truecan a porfia.
Quando el tiempo ſereno y claro eſtà
Mas que no ſuele, recogiendo, aſſuela
Todo con ſu tormenta por do vá.
El feo turbion, y eſcuro, buela
Todo, embuelue conſigo quanto aferra,
Amenaza la villa, y el aldehuela.
Mudado aquel ſoſsiego en tanta guerra
Tomate deſcuidado el temporal,
Ni quien eres ſabras, ni de que tierra.
Correr no puede ſiempre el rio igual,
Ni el viento ſoplar manſo, blando, y quedo,
Más durar (mal peccado) ſuele el mal.
Va ledo, va ſeguro, va ſin miedo,
Soberuio, todo inchado va, que anſi
Se cae a ſer mas triſte, que antes ledo.

Pel. A vos gracias mis ojos, con que vi

Vno que anda por ser ya del concejo,
Y yaze sin saber parte de si,
Cierto no se llotraua de buen rejo.
Fazia vnos pasmar, otros reñir,
No lo tien' para si, quier dar consejo.
Que locura podeis mayor oyr,
Oydos pacientes? que vn bauoso
Creer que fortuna siempre le haya a reyr.
Que no pueda estar queda, por donoso
Por mas sabido de toda el aldea,
No, no, son por mas lindo, y mas hermoso.
Enfin prò te haga, por tu bien te sea
Zagal nascido en hora tan plaziente
Si confiança a mal no te acarrea.
Toribia, o que dire? braua serpiente
Puede tener amor? Antes terna
Llouiendo el rio hinchado, su corriente.
Y en seco los sus pesces dexará
Cada vno delos rios Tajo y Duero,
Destemplose el relox, quantas que dá.
Pel. Todo se mude, vaya al ventisquero
Bolando el Galapago, y ponga boca
A la gaita el nouillo plazentero.
Baile el buey perezoso, y viejo, en poca
De plaça; pues ay lengua tan osada,
Tan atreuida, tan dañada, y loca.
Mas muerde sierpe mala arrauiada,
Seas quien sueles: que sera quien fue
Toribia, siempre hermosa, y siempre amada.
El perro por costumbre, a quanto vee
Y no vee, ladra, sin mas dilacion,
Corre aca, corre alla, no sabe a que.

Mas eis aqui que pongo el mi çurron,
Tomo el cayado, ſalga a campo quien
Defendetme quiſiere otra tencion.
Turibia: (ay quien lo niegue?) es quanto bien
Tenemos; (ay quiçá quien contradiga?)
En bondad, y beldad digo tambien.
Sanc. Tus palabras (parlero) vna hormiga
Al viento alçallasha, no peſan mas:
La tu locura propria te caſtiga.
Però porque loquillo inchado eſtàs,
Solamente dirè que eſſa perjura
Penſar, ni hablar mas della, es por demas.
Que de muger no tien' ſon la ſigura,
Con que engaña los ojos; vn bien tiene,
Que ſea mucho el mal, mucho no dura.
La tan liuiana coſa no ſoſtiene
Repoſo alguno: mas viene Rodrigo,
Otro tiempo ſerà que te lo appene.
Rodr. *Yo voy fuyendo, y va ſolo comigo*
Eſte enemigo Amor, ſiempre riñiendo,
Que no lo entiendo, aunqu'harto lo he tratado,
Siempre enojado, ſiempre murmurando,
Cauſas buſcando para ſus ſoſpechas,
Cuentas eſtrechas, de celos peſados,
Por mis peccados (como a Amor pluguiera)
Vn bien me diera en que penſar pudieſſe,
Siquiera fueſſe acompañado, o ſolo:
Luego turbolo aquel plazer tamaño,
Vn caſo eſtraño, que enel pecho trayo,
Era por Mayo el tiempo, y mis amores

Lleuauan flores, vino vn cierço frio
En daño mio, todo lo ha quemado,
Ah bien passado, quando alcê mis ojos
Secos abrojos vide, que otro no,
Quien lo mudò assi todo d'otramente?
Quien la mi fuente turbò limpia y clara?
Do me mirara: y vi la gloria mia,
Quando fuya el tiempo a tal sabor,
Mientras a Amor le plugo, y mi ventura
Poco segura, fuydiza, y vana,
Suerte villana: mas yo quien oteo?
Zagales veo, Amor enemigo,
En buen abrigo me faltò el reposo,
Menesteroso aqui, y en toda parte.

Pel. Rodrigo guarte, no te aya traydo
La mala suerte quando yuas fuyendo
Los hombres, donde el drago era escondido.
A donde con la su lengua esgrimiendo
A biuos ni alos muertos no perdona.
Ora pensando mal, ora diziendo.

Sãcho. El mismo soncas es, que se apregona
Hablando assi, que bien hablar no sabe,
Su gesto lo descubre, y su persona.

Pel. Ha, ha, no cale mas que otro se alabe,
Ni que a otre desprecie, que oy tal dia
Se puede todo veer antes que acabe.
Si manda que partamos la porfia
A cantar y baylar, si quiere a lucha,
O si a puñadas, mas que plazer me haria.

Sino

Si canta, y no baila, y ſino lucha,
Ni tiene manos, que no tenga boca,
Quiere a tañer, tu juzga, y nos eſcucha.

Rod. Ohla, teneos, que diſcrecion poca
Es eſta vueſtra? ſoncas bien tuuiſtes
De tiempo a la locura que ora os toca.
Si como adrede eſperando eſtuuiſtes
Por mí, juſto es tambien que de vos ſepa
A punto, por qual cauſa anſi reñiſtes.

Sãcho. Yo m'eſtaua arrimado a aqueſta cepa
Deſte freſno, penſando al refran viejo,
Qu'en ſu pellejo cad'vno ſe quepa.
Vinoſe eſte loquillo zagalejo
Hablo como quien es de buena entrada,
Y no cupo por cierto en ſu pellejo.

Rod. Al mal ſe vaya el mal, deſe paſſada
A toda furia, y todo encendimiento,
Que la paſsion es ciega, y no vee nada.
Sancho, y tu deues de tener mas tiento,
Qu'eres mayor de dias, y tu es bien
Que le tengas Pelayo acatamiento.
Mas oygo vna çampoña, y no ſe quien
Lo acompaña cantando, al que parece
Salicio, y Bras, el vno & el otro bien.

Salicio. *Quando ſe pone el ſol, quando amaneſce,*
Siempre anocheſce en eſte valle aqui
Triſte de mí, de doze o treze eſtios,
Los ojos mios quando enxutos viſtes?
Ojos tan triſtes, de lagrimas ciegos,
Que tantos fuegos acendeis llorando,
Cuitado y quando, penſe qu'eran muertos,

Siendo

Siendo cubiertos de tanta y tanta agua,
En la gran fragua alçose mayor fuego,
Dezidme os ruego de que pedernal
Se haciende tal hoguera, y que tanto arde:
Tanto a la tarde, que quando todo falta
Llama mas alta sube, y mas se esfuerça,
Toda otra fuerça, o vence, o mengua el dia,
Sola esta mia congoxa està dura,
Ay la ventura como vas burlando,
Bien esperando si yerra, mal no si yerra,
Fuhi por tierra, fuhi por la mar,
Nunca aportar a parte pude estraña
Nunca a tamaña de ayre differencia,
Qu'esta dolencia, Amor, locura, o qu'era
Ende primeramente no arribasse:
Y me mostrasse que era por demas
Boluer atras, ni escabullir por pies,
Prouè despues, la mi paciencia luenga
Mas a la luenga, todo a faltar viene.

Rodr. Aca se vienen mis buenos hermanos,
Quantas de quexas van de los amores,
Las quexas vanas, los amores vanos.
Duelen mas que de veras sus dolores,
Sea mucho en buen'hora la venida,
Llegaos mas aca buenos pastores.

Sall. Sea la voluntad tuya cumplida,
Rodrigo estès con bien, Sancho, y Pelayo,

Todos

Todos plazer ayays, y larga vida.

Rodr. Y a vos amigos el cumplido Mayo
Corto os lo hagan los plazeres buenos.
Con q̃ el tiempo se huye como vn rayo.
Aca nuestros amigos estan llenos,
(Ansi lo digo a entramos de consuno)
De celos arrabiados quando menos.

Sal. Dexemos los pastores, que ninguno
Sin quexas d'Amor va; dadme las aues,
Dad peces, y animales, vno a vno.
Todos yazen debaxo de sus llaues,
Y los Dioses tamben; por este Apollo
Inchio los campos de cantos suaues.
Pobre pastor de Admeto, oyolo, y violo
Con çurron y çampoña el rio Amphriso,
Su cayado sopuesto triste y solo.
Quantos de lloros, por no se que riso!
Siquier nonadas, mas son quexas viejas,
Guai de quié por señor lo quiere, o quiso.

Bras. O si no me ángañan las orejas,
No m'engañá por cierto; este'es Serrano
Balando le responden sus ouejas,
Que çampoña, que voz q̃ suelta mano,

Serr. Arrayad los ojos ya por las alturas
D'aquestos montes, salga el su luzero,
Huyan oy mas d'aqui sombras escuras.
O buena Delia, nasca el verdadero
Sol nuestro, nuestra luz, y nuestro dia,
Y nuestro resplandor claro qu'espero.
Hermosa Delia, real seña, y guia,
Aparece alos tuyos que desmayan,

Y amenazados dela muerte fria:
Los ojos tuyos ſoccorriendo vayan
A quien de otro no biue, ni otro eſpera,
A todos da remedio antes que cayan,
Si amaneciesſes ſeria Primauera,
Y lleuaria flores quanto alcança
Aquella claridad relampaguera.
Quiera ella, o no, do los ſus ojos lança
Fuele dado tal don, vida va dando,
Todos los bienes dá, ſaluo eſperança.
Por donde aſſomaran? q̃ en aſſomando
Eſtos tus ojos, delas fuentes frias
Saldrã ſus nymphas al ſol, irſ'hã peinando.
Luego las Drias, y las Amadrias,
Iranſe paſſeando las floreſtas,
Como quando entre nos aparecias.
Verſean Oreas por ſus montes pueſtas,
A ver los ojos quales no ſe vieron,
Iamas en tierra, y eſtarſ'ha todo en fieſtas,
Mas yo q̃ veo? con que me firieron
Subito de vna luz, como de rayo,
Con que mis ojos la ſuya perdieron?
ò Delia, mientra los auezo y enſayo
A tanta claridad, que no ſoſtengo,
Detente, q̃ o me muero, o me deſmayo;
Sea paz con tus ojos, que no tengo
D'aliento tanto, ay que desbaratan
Si no te vengo a ver, triſte a que vengo?
Ojos ſon eſtos que anſi desbaratan?
Comiençan de alegrar, quitan ſoſsiego,
Comiençan a dar vida, y luego matan.

Cubre, ô cubre essos ojos, qué tal fuego
Alçan al su boluer, que luego enciende,
Quien no se les desuia, ess'ora es ciego.
O Delia, qu'el poder suyo se estiende
A mas delo que piensas, no los abras,
Trato entr'ellos y Amor, que no se entiende.
Mas que dire, si las mismas palabras
Me dexan ya? si fuego se derrama
Por montes, por los prados, por las labras?
Que no son ojos no, mas biua llama
De fuego, que siempre arde en sus meneos,
Biue ende, y reina Amor, ama, y desama.
Quien aguarda estos ojos Meduseos?
Que en piedras nos transforman con su brio,
Por mucha y desusada beldad feos,
Si se puede dezir tal desuario.

Rodr. O buen Serrano, a buen tiempo arribado
Sea por suerte buena, y no por vana,
Dame la mano aca de bien llegado.
Por essos mismos ojos, mas que humana
Beldad, y con razon tan alto erguidos,
Delante quien no para alma villana.
Ayudanos, que somos repartidos
Contigo assi a cantar como aqui estamos
A pares, lo demas juzguen oydos.
Defiendennos del Sol los verdes ramos,
El agua clara, y dulce son combida,
Y tal acierto, a que gasajo ayamos.
Del dia (pienso) la mayor partida
Passose en quexas, y parte en renzillas,
Sea ora en paz siquier la despedida.

Dexemos

Dexemos las questiones a las villas,
Cantemos, y tañamos los pastores
Entretanto d'Amor las marauillas.

Ser. Cantando vn tiempo fue, los mis amores,
Todo este grande cielo el Sol corria,
Despues las noches con los Ruyseñores.
Ay buenas auezillas, que a porfia
Vnas con otras, en pendencia vfana
Cantastes, yo tambien de companhia.
Hasta que de color de roxa grana
Abriendose los cielos al Naciente,
Las aues saludauan la mañana.

Rodr. Los milagros d'Amor quien no los siente?
Quien no está escarmentado? y no quexoso?
Mas no se ha de cantar del al presente.
Cumplido el año del buen Nemoroso,
Que solos nos dexò (mas quanto ayna)
El fue se al desseado su reposo.
Que podemos hazer cosa mas digna
Del, y de nos, que somos naturales,
Que cantar del agora a la contina?
Quedará por exemplo a los zagales
Que delos semejantes hagan fiestas,
Y tambien hagan ellos por ser tales.

Sal. No puede ser la causa mas honesta,
Vno taña, otro cante, a quien la suerte
Cupiere, sin escusa, y sin requesta.

Ser. Ora que sea assi sin mal sin muerte,
A quien la mas cumplida, esse nos taña,
Y cante aquel a quien la corta acierte.

Rod. La mayor cupo a Bras; como estamaña!

La

La pequeña a Salicio. Bras. Artes vſas?
Rod. Engañado ſe vea el que te engaña.
Pel. Suſo a cantar ſin mas eſcuſas,
Sal. Taña Bras, yo dire del Laſſo nueſtro,
Con bnena ayuda ſuya y delas Muſas,
Con grande perdon ſuyo, y grande vueſtro.

SALICIO.

Enla muerte del buen paſtor Nemoroſo,
Laſſo dela Vega.

REzien ſubido al cielo
Paſtor tan raro aca,
De muchos q̃ entre nos paſcen la ſierra,
Que aſsi te alçaſte a buelo,
En tiempo ati quiça
A nos por cierto eſtraño, y eſta tu tierra,
Temor el ſeſo afferra,
Y flaco entendimiento,
Que ſin ayuda darte
Se diſpone a loarte,
Solos ſoſpiros derramando al viento,
Y eſpedaçadas quexas,
Qu'en memoria de ti ſolas nos dexas.

El nueſtro Nemoroſo

Que las Musas d'España
En mil regalos auian criado,
Dexado el buen reposo,
Leuolo a tierra estraña,
De Marte el coraçon, o fuesse el hado,
La su çampoña al lado,
Con que fuerças ouiera
De ala muerte poder
Cantando enternescer,
Si ni a la muerte supplicar supiera:
Mas quando assi la vio
Ayrada, y toda fuego, arremetio.

No fueron los ganados
Dignos, no fuimos nós
Pastores dela tierra, ingrata gente,
Por los nuestros peccados,
Que nos dexasse Dios
Gozar de tanto bien permanesciente,
Que tan suauemente
Del Tajo a la ribera,
Y por do quiera que yua
A toda cosa biua
Con la su dulce boz enternesciera:
Y mientras el cantaua

Apollo el ſu paſtor d'alto eſcuchaua.

Las Nymphas por las mànos
Nayadas, y Napees,
Al ſon andauan, al ſon deſandauan,
Los Faunos, y Syluanos,
Satyros, Cabripies,
Las baſtas ſobrancejas encarnauan:
Las aues que bolauan,
Partiendo el ayre puro,
Por do ſobia el ſon
Baxauan de rondon,
Dexando el cielo por el ſuelo duro,
Oyendolo a ſabor
El merlo, la calandria, y el ruyſeñor.

Mas aquel claro pecho
Do tanta de viſta vuo,
Por eſta nueſtra noche eſcura todo via,
Todo tuuo en deſpecho,
Todo en nada lo tuuo,
Saluo dos llamas en que ſu alma ardia,
Vna de que tañia
La ſu dulce çampoña,

Otra de su valor,
Aquel y aqueste amor,
A la su corta vida vna ponçoña:
Mas parateme ledo,
Que siempre gran virtud se acabò cedo.

Alla por essos altos
No van los coraçones
Siempre dubdando, y en nueuos pensamiẽtos.
Alla no ay sobresaltos,
No vanas opiniones,
Pagadas siempre d'arrepentimientos,
Y no torres de vientos,
Que amenazan cayda:
Mas cierta y fiel suerte,
Segura dela muerte,
Y de cansacios desta estrecha vida,
Y tiempo apressurado,
A boluerte a quitar quanto te ha dado.

Por otros frescos myrthos,
Y sauzes mas crescidos,
Otros mas verdes prados, otras fuentes,
Entre raros spritos,
Que adelante eran idos,

Destos que aca dexastes differentes,
Que nueuo gozo sientes,
Ati gozoso viendo
Venir el Sannazaro,
Don Sebetho mas claro,
Por la su orilla fresca repartiendo
Con el su Melisseo,
Del Reino resplandor Partinopeo.
Quanto pastor Toscano,
Que Arno en la deleitosa
Ribera suya, oyo como han cantado,
Vendran aquella mano
Tocar auenturosa,
Que honraua or' el espada, or' el cayado,
Dos que agora han alçado
Sena, y Florencia tanto
Por noble sangre y lengua,
Daño tan grande y mengua,
Que nunca pudo igualalla el llanto,
Aunque fuera de lei,
Iuan Ruscula, y Lactantio, y Tolomæi.

Que daño incomparable,
De ingenios tan subidos,

Embiados aca tan raramente,
Y la suerte no mudable
A todos los nascidos,
No les perdona como a esta gente,
Suerte que tal consiente
Quan poco ha que los viera,
Agora, agora, agora,
Tan subito a desora,
Mas son de vista, y d'esperança fuera,
Ay fuydiza y vana,
Que fuyes dela noche a la mañana.

Peró buen Nemoroso,
Mal por los tus pastores,
Sin fiestas, sin plazeres, sin cantares,
Dexados sin reposo,
Quien cantará de amores? (res?
Quié las nymphas, y quié otros canta
Quien los nuestros lugares
Sera que venga a ver?
Quien las nuestras majadas,
Antes sin ti nonadas?
Podistenos hazer y deshazer?
Pues nos por ti que haremos?
Si no se puede mas, que suspiremos.

Alçaſte el tu Toledo,
Correr mas claro heziſte
El noble Tajo al gran padre Oceano,
Moſtrarſeha ſiempre al dedo
El lugar do cayſte,
Ah, ah, golpe cruel, barbara mano!
Que hazia el Tajo vſano
Commun naturaleza
Mas qu'el rico theſoro
De las arenas de oro,
Con q̃ al mar llega ẽbuelto en ſu riq̃za,
Que de Numancia abona
Haſta l'antigua, noble, y gran Lisbona.

Al mui antiguo apriſco
De Laſſos dela Vega,
Tuyo, el nueſtro de Sà viſte ayuntado,
Buen tiempo, o mal pedriſco,
Abrigando ſe allega
Y cãta end'el paſtor, huelga el ganado,
Elyſa el tu cuidado
Que aca tanto plañiſte,
Quexoſo dela muerte,
Cruel, ay dura ſuerte,
Quien no plañio? deſpues do la ſubiſte?

Ora ella en alto erguida,
Dexas la muerte atras, vas te a la vida.

En lo demas pastor que te va ati;
Todo el daño es d'España,
Si enriquescen tus huessos tierra estraña.

ENCANTAMENTO.

Ecgloga a D. Manoel de Portugal.

Filho d'aquelle nobre & valeroso
Conde, mais junto â casa alta Real,
Abastàra dizer do Vimioso,
Senbor dom Manoel de Portugal:
Lume do paço, das Musas mimoso,
Que certo vos darão fama immortal,
Quando homem cuida que no cabo estais,
Tornando olhos a vos, por vos passais.

Em

Em que vos ſeruirei ca deſte monte
Hũa merce na terra pouco vſada?
Tanto em outra aqui logo defronte:
Aquella Ecgloga voſſa me foi dada,
Encoſtado jazendo à minha fonte,
De verſos eſtrangeiros variada,
Pareſcia que andaua a colher flores,
Co as Muſas, co as graças, cos amores.

Então tornando em mĩ, diſſe comigo,
Certamente eu trazia errada a conta,
Qu'inda ha quem nos renoue o tempo antigo,
De que tanto ſe eſcreue, & tanto conta,
Agora me reprendo, & me caſtigo,
Fazia â noſſa Luſitania afronta,
Cudei que sò buſcaua prata & ouro,
Buſcaſtesme no meu eſcondedouro.

Andando apos a paga, ouue aos zizos
Grã medo (que o confeſſo) & a hũs pontoſos,
De roſtos carregados, & de hũs riſos
Sardonios, ou mais claro, malicioſos,
Quem tantos tentos, quem tantos auiſos
Terà? que empare os golpes perigoſos.
E acoſtumados ora entre paſtores?
Que vos venhão cantando os ſeus amores.

Querem

Queremvos por ſenhor, não por juyz,
Rigores a departe, que ſaõ dignos
De perdão os começos: ja que fiz
Aberta aos bõs cantares peregrinos,
Fiz o que pude, como por ſi diz
Aquelle, hum sò dos Lyricos Latinos,
Prouemos eſta noſſa noſſa lingoagem,
E ao dar da vella ao vento, Boa viagem.

Paſtores da Ecgloga.

GONÇALO. INES.

BIEITO. BREATIZ.

Gon. QVantas couſas (Ines, madrinha, & tia)
Se me vão deſcubrindo d'hora em hora,
Inda que faça corpo, & geſto, & ria,
Polla alma de quem mais não pode, afora
Outros reſpeiros, cumpre auer paciencia,
Té que ſeja da vida, ou da dor fora.
Aos erros he deuida a penitencia
Por ſeu conto, & medida, & por balança,
Pello que ſabe a propria conſciencia.
Però quando ao contrario da eſperança
Em vez de galardão acode a pena,
Quem terá ſoffrimento em abaſtança?
Amor que por antolhos tudo ordena,
Mui pouco ſe lhe dà, nem da fè ſanta
Quebrada ou tida, grã culpa, ou pequena.

Faz

Faz hũa & outra pousa o gallo, & canta
Or' eism' os pês, or' eism' á cabeceira,
Tè que o cansaço vence, & me aleuanta.
E voume ao meu fuzil & pederneira
Em fogo aceso, o fogo acendo, & ando
Do quente ao frio, do frio à fogueira.
Assi de cá de lâ cansado ando,
Dou volta á cama, abrolhos me semelhão
De claro em claro o coração passando.
Os fracos dos sentidos ajoelhão,
Trabalhão por soltarse, aperta o laço
Em poder da mà dor mal se aconselhão.

Ines. Afilhado & sobrinho, juras faço
Que disso mais não sei certo que seja
Sò que perdeste muito em pouco espaço.
Quem não morria por aqui d'enueja
De ti Conçalo em tudo o que fazias,
Que graça, manha, & força te sobeja.
Todos nas festas onde aparecias
Hum rosto, outro tenção logo mudaua,
Ciscauase outro pellas companhias.
Onde cantauas, ninguem mais cantaua,
Onde tangias, ninguem mais tangia,
Onde te espias, ninguem mais lutaua.
E lembrame que estando ora qual dia;
Comigo Andresa, Ioana, & Breatiz,
Tinhamos antre nos certa porfia.
Como ves que hũa diz, & qu'outra diz,
Naquelle proprio ensejo eis que passauas,
Passando disses' alto, Eu que lhe fiz?
Parece que contigo aporfiauas,
Como aconteçe, que hias bracejando,

Sem

Sem dar vagar algum, nem o tomauas.
Vite, ouuite, mas caleime; senão quando
Disse hũa contra mĩ, qual vay Gonçalo,
Como muitos) diss'eu vay fadejando.
Tudo aquillo saõ mimos, & fez callo
(Diss'outra) n'hũs assanhos de mimoso,
Ou que olho mao lhe fez algum abalo.
Quando eu ja aquillo ouui, S'elle he pontoso
Ou se ha n'aldea samica outro tal,
Contemolo antre nos por trabalhoso.
A primeira tornou como hum coral,
A companheira toda descòrada,
Parece que ambas o tomarão mal.
Tanto te sei dizer, he pouco ou nada
Saluo que ás vezes estes nadas sam
Muito ao miolo que ja traz pancada.

Gõç. Quantos sonhos que vem, quantos que vão,
Coitado do dormente, que assi jaz
Ora torcendose, ora rindo em vão.
Quanta conta se faz, & se desfaz,
Erradas as pequenas, & as mayores.
Feitas em desauença, & inda em paz.

Ines. Certo mal comedidos sam pastores,
(Aja de ti perdão) sempre queixosos,
Não os entendo nestes seus amores.
Chamão isto antre nos, sam rouinhosos,
Não sabem estremar o mal do bem,
Sempre aggrauados, sempre sospeitosos.

Gõç. Mal te saberia ora por ninguem
Nem por mĩ responder, seja o que for,
Corrão ventos daquem, corrão dalem.

Mas

Mas dime tia pello meu amor
Isso das mais louçãs de toda a terra,
Quanto ha que foi; lembram' a minha dòr.
Ines. Por certo se a memoria me não erra
Contando, o Sol despois não se escondeo
A nôs dez vezes, & dez deu vista à terra.
Inda te mais direi que aconteceo
O que ja disse, por final em logo
Onde tu ja cantaste outrem gemeo.
Dia de muito riso, & muito jogo,
Venceste á luta & à choca, & auantejado
Correste, & emfim cantaste a nosso rogo.
E mais aquelle teu cantar gabado,
De todos tão sentido, & tão queixoso,
Onde me acolherei tudo he tomado?
Gõç. Como fazendo vay o sol trigoso
Tantas mudanças, quanto dos cantares,
E quanto do cantar fui cobiçoso!
De todos me esqueci, muitos a pares,
Atè as vontades muda o tempo, & leua
Consigo, & do prazer faz maos pesares.
Ell'he o em que vay tudo o que releua,
Faz, desfaz a deshora as agonias,
Não olhes mais se choue, venta, ou neua.
Mas quanto ora ao cantar que antes dezias,
Disso me lembro bem, era em Setembro,
Quando as noites voltão sobre os dias.
Do cantar prouarey se m'hora alembro.

Canta em oitaua Rhima.

Onde

Onde m'acolherei? tudo he tomado,
Não apareſce eſperança nenhũa,
Sombras negras, & feas malpeccado,
Eſtas ſi que aparecem, couſa algũa
Não ficou por fazer, tudo he prouado,
E tudo por demais, ouçame a Lũa
Delgada, que traſpoem pello alto monte,
Seus trabalhos cos meus coteje & conte.

E ſe nos velhos ſolaos ha verdade,
Bem ſabe ella por proua como Amor
Magoa, & auerà de mĩ piedade,
Endimio tão fallado, & tal paſtor,
Entre as flores dormia em flor da idade,
Ella olhando do ceo mudaua a cor,
Tè das flores cioſa, & agoa clara,
Que o ſeu fermoſo amor lhe adormentara.

Cantão & contão mais, que ouue hum tyrãno,
De poder grande, & muito grande auer,
Vendo a moça & minina em corpo humano,
Que andaua a colher roſas, & a prazer,
Salteouba, roubouba, & foiſe vſano,
Por força, ou por vontade ouue de ſer,
Riquezas mas, injuſto ſenhorio,
Que ajuntaes â vontade o ſenhorio.

Demudo-Ceres Ora a mãy preguntando longamente
Por hum ſó bem que tinha, ond'o acharâ,
D'hũa gente paſſando em outra gente
Tambem os Deoſes culpa, ah ſorte mà,
E juſtiça mayor que tal conſente,
Buſcando por demais tudo o de câ,
Achaa no reino de ſombras eſcuras,
Correm lagrimas vãs, fazem leis duras.

Partem o tempo, de todo deuido
A mãe triſte & roubada, a que dos Reis
Dalli veo eſte nome de partido,
Em que ſeja forçado, & contra as leis,
Que ſe pode fazer do ja perdido?
As voſſas lagrimas que as enxugueis,
Como poderdes, o o o o o

em que- ainda que

Ives. Não te deixárão hũa & outra fonte
Deſſes teus olhos, ſòmente acabar,
E os meus, q̃ ja tãbem punhãoſe a mõte.
Andamos em tormenta como em mar,
Com outrem & comnoſco em differẽças,
Cuidando o tempo que ha de melhorar.
Pera o corpo ſe acharão mil doenças,
E pera a alma cem mil inda peores,
Tantos acordos, tantas deſauenças.

Gouer-

Gouernão essa vã idade amores,
Estendese inda às vezes tè a velhice,
Quando ja tudo he pressa, & tudo dores.
Que lhes falleſce de clara doudice?
As mãos, os olhos desassossegados,
Choros & gritos, como em meninice.
Aquelles seus sospiros apressados
Aos ventos que ouuindo homem desatina,
Aquelles seus imigos, seus cudados.
Gõç. Passou ora qual dia hum çamphonina
Polla aldea cantando, era elle cego,
Guiauao loura & bella hũa minina.
Tambem aquelle não tinha assossego,
Chegamonos a ouuir certos pastores,
Pelayo, Pedro, Ioão, Gil, & Diego.
Parece que suaua inda suores
Mortaes, do peito sospiros sahião
Aos pares, cantou bẽ, mas mal de amores,
Feznos entristecer quantos o ouuião.

Cantiga do cego.

Vn tiempo mirome Helena,
Sospechè que eramos mas,
Nunca cosa hize tan buena,
Como no miralla mas.

Amor anda en ſus conſejas,
Mas bien ſeria gran loco
Quien de ſus mañas tan viejas
Mucho fiaſſe, ni poco,
Alma de laſtimas llena,
A que vienes, y a que vas?
Que puedes negar Elena
A quien los tus ojos das?

Enemiga y ſuerte triſte,
Hasme la vida quitado,
Y a quien pienſas que la diſte
Quiça que nada le has dado.
Harto mal, peor ſe ordena,
Mas que debato yo mas?
Si aun de ti a pena, a pena,
No ſe ſi lo negaras.

Y eſtos ojos de mis juras
Si ſe burlan, a la fè
No ſe fien en locuras,
Caten que los quebraré,
Eſta culpa ſea agena,
Otras ſon mias aſſaz,

Por razon va que enla pena
Vença lo que pena mas.

Ines.

Razões d'impetu cheas,& paixão,
Não quero ora dizer que seja engano,
Mas que ás vezes por si mesmas se vão.
Não faças longo com queixumes o anno,
Tente como aruore aos ventos em pê,
Da tempo, da lugar ao desengano.

Gonçalo.

Não me diras madrinha Ines ate
Quando esperar me mãdas hum ingrato,
Que dizem que não ouue,& que não vè?
Esperei & soffri, fiz mal barato
De mĩ,& quem mal cae, diz que mal jaz,
A Deos madrinha, tornome ao meu fato.

Ines.

Quiserate dizer, vaite ora em paz,
Porem com que esperança? mas quẽ vejo
La vir, que em queixas todo se desfaz?

Gonçalo.

Este vos he Bieito, & bom varejo
Dizẽ qu'elle ouue o gano, & anda a caça,
Ay que não sei de mĩ,& outrem correjo.
Neste mundo d'escarneo tudo he graça,
Não sabemos o quando, como, o quanto,
Aas vezes muito bem mal te ameaça,
Offertese cada hum tia, a bom santo.

Quẽ

BIEITO.

Quem deu a Amor quebranto & fez cruel?
Quem tornou tudo fel, quanto aprazia?
Que se fez deste dia oje tão claro?
Como se vendem caro os pensamentos!
Que foi daquelles ventos d'hora em ante?
Mandame amor que cante a frauta branda,
Que jogos faz? em que anda à custa alhea?
A Deos por sempre aldea, tè que caya
Debaixo ou desta faya, ou deste freixo,
Poronde m'hora queixo andando em vão,
Alli se acabarão muitas contendas,
Vaise a agoa pollas fendas, feit'he a conta,
Hum pouco mais que monta de tal vida?
Toda cousa nascida, quantas sam
Naturalmente dão do seu perigo
Sinal, como a imigo, porque seja
Auiso a quem o veja, que não tarde,
Vemos o fogo que arde, ir lhe diante
Fumo escuro que espante: ante a tormenta
Pellas deuesas venta leuemente,
Ameaçando a enchente, vem zoando
Vem de braua escumando, abate, estronca,
O mar de longe ronca, alçase inchado,

Logo a algum abrigado polla terra
O pescador afferra, com grã pressa,
Pollo monte atraessa o mao faminto
Do lobo, por destinto o gado entende,
Ajudase, defende, & agasalha,
Ordenase em batalha, hum vsso erguido,
Corre logo o appellido, & sae sem cor
Da cabana o pastor, que todo treme,
Do dano o medo empreme antes do danno,
Ora este amor humano, que assi apraz
No começo, & assi em paz a alma repousa,
Hũa tão branda cousa, com que empece
Isto como acontece â natureza?
Que de certa se preza? quem diria
Onde triste trazia isto escondido?

INES,

Traspôs, & em vento he ido como tudo
Soar fazia a ribeira tambem,
Parece que ficou todo este ar mudo.

Gonçalo.

Ves alli o que faz: mas eu com quem
M'esteu tia fallando? Ines. Inda lh'ouui
Suidades do meu mal, todo meu bem.

Gonçalo.

E tu não cudarás qu'isto he assi,
Que saõ queixas vãs, como vos dais
Amòr parte a Andre, fosse ora assi.

In. Tenho

Ines.

Tambem vosoutros todos vos queixais
(Como ja disse) muito, & mais costume
Parece, que rezão que ora tenhais.
Cad'hum se chama facha ardente & lume,
E fragoa, onde se proua sua fineza,
E destes tais, queixume apos queixume.
Quisera nos amores mais simpreza,
Ou digo que os quisera mais singellos,
E mais dissimulada esta tristeza.
Não os queria assi tão amarellos,
Nem tão achacadiços, este geme,
Destoutro chorão os seus olhos bellos.
Outro por Iulho & por Agosto treme,
Arde em Dezembro, foge á claridade,
Sospeitoso, de si mesmo se teme.
Mas emprendia or'eu outra vaidade,
Deixarnoshemos d'estar mais ás chaças,
Cuido em fazerte mal, bem à vontade.

Gonçalo.

O tia prazer ajas, que assi o faças
No que poderes, seja sem trespasso,
E quanto a mĩ, mas qu'inda me desfaças.

Ines.

Hum pouco se nos vay fazendo escasso
O tempo, porem peito á montanha,
Cresce as sombras, va crescendo o passo.

Gonçalo.

Passadas dizes? ora olha esta tamanha,
Qu'aquite dou, log'outra & outra aperto
Ora vejamos quem mais terra apanha.

Ines.

Tenho ſoſpeita qu'erão em concerto
De fazer romaria as mais louçãs,
Pode ſer,& não ſer,valha o acerto.
E que nos ſayão as paſſadas vãs,
Não ſerão ja as primeiras,malpeccado,
Nem dizem ſempr'as tardes coas manhãs.

Gonçalo.

Como logo s'enxerga o bom cuidado,
Inda ſomos a tempo,he bom ſinal
Tanto amarelo,azul,tanto laurado.

Ines.

Olha que em tudo o ſoffrimento val,
A cabeça não corra mais que os pés,
Quem guia ſempre ſeja a principal.

Gonçalo.

Ô boa tia,& grande amiga Ines,
Tu me guia & gouerna, qu'eu não rejo,
Não ſei; tu ſabes;não vejo, tu vès.

Ines.

Olha que não t'empeça o ſer ſobejo,
Que ſe hũa ora aproueita,muitas dana,
Benzete do diabo, & do deſejo.
Cada hũa deſtas moças anda vfana,
Cuidão que o ſol lhes baila,ſão gabadas,
E ja não ha quem cuide que ſe engana.
Guardemonos das horas mingoadas,
Se nos ſentirem logo hão de pôr ſello,
Qu'eu ſou a que ando nas mexericadas.
Mas afilhado tornas te amarello,

E branca a boca como esta toalha,
Tẽs as mão frias como hum caramello.

Gonçalo.

O tamanho aluoroço a tudo atalha,
Muito mais o prazer, que a paixão, toma
Poder do coração posto em batalha.
Esforça, que hũa moça o adufe em soma
Começa de tanger com tanta graça,
Parece que traspoem, ora que assoma.
Or'eu por fiador, a alguem prol faça
S'ella tão bem cantar como parece,
E como soe, qu'inda ella oje nos faça
Desta tarde que he ja, quando amanhece.

BREATIZ CANTA.

CANÇAM DO ENCANTAMENTO.

EM tempo antigo, longe, em terra estranha,
Hum Rei, & hũa Rainha
Ouuerão filhas: a primeira veo
De beldade tamanha,
Que algũa igual não tinha,
Somente a que despois foi a do meo:
Mas logo sobreueo
Inda outra, qu'estas fez como às estrellas
Faz o Sol claro tanto que apareſce.
Fallauão caualleiros & donzellas,

Como nas cousas raras acontesce,
A gente se lhe offresce
Como a Deosa immortal,
Tè do bem o sobejo sempre he mal.

Não soffreo tal offensa Amor altiuo
Que fosse às Deosas feita,
Seu arco encorda, os tiros apurou,
De chumbo & d'ouro viuo,
Voando ao ar se deita,
N'hum momento tudo atraueſſou:
Mas muito se enganou,
Que quando aquella Iffante ante si vio
Fugiolhe o coração, a frecha cae,
E no pè que diante hia o ferio.
Chora o mimoso, & grita polla mãy,
Com tal conselho sae,
Faz hum parque encantado,
Hi geme, alli suspira magoado.

Ia dantes disto âquella acesa fama
Da fermosa Princesa,
A grande Venus toda receosa,
Os seus Archeiros chama,

Em ſecreta defeſa,
As moſtras ſaõ porem de andar ociosa,
Quando polla amoroſa
E delicada praya rumor corre
Incerto aſsi do pouo
Que o poderoſo amor de amores morre:
Mas outra & outra vez torna de nouo,
A mãy com tal renouo
Poem atras tudo, & ceua
A moça de alto ſono, & ao Parque a leua.

Cae a noite do ceo, mas he de lumes
Vencida, & fazem dia,
Alli acordada vè viuas pinturas,
Ardem ricos perfumes,
Os cantares que ouuia
Erão pera abrandar as pedras duras:
Poemſe a meſa: figuras
Correm, de vaſos ſem preço & ſem conto
Manſamente ordenado & ſem peleja,
Tudo ſe faz alli preſtes n'hum ponto,
Que banquete quereis que o d'Amor ſeja?
Não acha alli a enueja
Que poſsa deſdenhar,

Nem

Nem appetitos que mais desejar.

Mas eu porque me vou ora detendo
Por cousas que o sentido
Deixa por hum tamanho espaço atras?
Respeito ao sol auendo,
Direi d'hum sò partido
Que amor logo tirou, mas duro assaz,
Disse, Não me verâs,
Contentete o que vês: a sorte esquerda
Tudo acomete, va tal pensamento
Em pedaços ao vento, cuida a perda
De se esuaecer tudo em hum momento,
Ha mister soffrimento
O mal, & he o bem,
Pouco estimado daquelle que o tem.

Promete do por vir ousadamente,
Fazemse comprimentos
Em abastança, temse despois mal,
Deseja ver sua gente
Para assoalhar seus ventos,
Querlhe mostrar andando o tal & o tal,
Cousa que tanto val,

Cos nossos coraçõezinhos pequenos:
Oraindo assi crecendo estes desejos,
A fermosura cada vez he menos,
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos,
Em fim (diz) bẽs sobejos
Sem as minhas irmãs,
Não sois riquezas não, mas visoẽs vãs.

Ouuio & estremeceo Amor, com tudo
Ouue de dar licença,
E diz no cabo, Pois ella assi quer
(Por hum pedaço mudo
Esteue) & porem vença
(Tornou) vsada assi sempre a vencer:
Vẽna as irmãs ver,
Mas vendo hi tanto de que auer enueja
Mais tristes que antes (dizem) mal fadadas,
Co que se perde aqui, co que sobeja,
Foramos todas bemauenturadas:
Nadas, menos que nadas
Nossas fracas riquezas,
Como esta as chamarâ tudo pobrezas.

A moça amostra câ, & amostra là,

Do que não vem lhes conta,
Anda aua à face toda, ellas d'enues,
Não soffrem ver mais já,
Não podem coa affronta
Com tudo: & cedo irão dar à traues,
O sol anda de pès,
E juntamente prazeres desandão:
Tambem as que fingião suspirauão,
Quem sabe os corações alheos que andão
Fazendo? se quereis, inda chorauão,
Mas donde se entornauão
Aquelles vasos de agoa?
Parescia irmandade, ella era magoa.

Não se pode mais ter hũa: E em tal vida
Que gosto podes ter
(Disse) nossa irmã triste assi enganada?
Choramoste perdida
Vinhamoste ora a ver,
Tornamoste a chorar por mal achada.
E feita mais ousada
Tomoulhe a mão essoutra, E quem seria
(Disse) que cuidasse al, se te ama tanto?
E se tal fosse, elle s'amostraria,

Respondes que não quer, disso m'espanto,
Ora eu não to aleuanto,
Mas dizem neste lago
Que às sonoutes se vê voando hum drago.

Não disse mais: os olhos não seis mais
E os geitos, que disserão,
Fazendo casos: a moça enfraquesce,
Vão suores mortais:
Todas nisto vierão,
Que quando ha tempo, o dilatar empece::
Eis a barca aparece
Em que se hão d'ir, deixãolhe hum lume aceso,
Ordenão o que faça antes que vãose,
Vejase em todo caso o tão defeso
Esposo, & tão gabado, então descanse::
Outra vez as mãos daõse,
Soltão ao vento a vella,
Fogem ellas co bvrco, coa praya ella.

Ora ja noite, chega amor cansado,
Lançase no seu leito,
Lançase â boa fè, & dorme quedo:
Da Iffante o delicado

Singello

Singello & brando peito,
Vencese, ora de amor, ora de medo:
Descobrese o segredo
D'Amor (cousa diuina) olhos humanos
Como ter se podião ao resplandor?
Malina inueja, que causou taes damnos!
Deixao dormir, dormisse sempre Amor:
A simple com temor
Os passos desconcerta,
Caelhe no peito o fogo, elle desperta.

Quantos & que sospiros hi de nouo
Que gritos ameuda!
O jardim deleitoso em hum momento,
Em brejo escuro & couo
(Quem o crerâ?) se muda,
Que se fez de tão rico apartamento?
Cousas sem fundamento
Assi se tornão em nada a desora:
As mas irmãs, mas furias infernais,
Com' bichas assanhadas lanção fora,
De si mesmas paga ájão as tais:
A moça ensinou mais
Simpreza santa, & jouue,

Em

E chorãdo em terra hum tempo, perdão ouue.

Esta canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Ia algũa acena & diz,
Não sei qu'eu disto ouui, em tod'ou em parte.
Perdão de parte a parte,
Vos mesmas m'ensinastes,
Que do que outr'ora ouuistes nos cantastes.

Alludiu o poeta aos contos populares portugueses que tratam esta antiquissima e lindissima lenda, pela primeira vez apresentada em forma poetica por Aquilino Coelho. Contos Pop. XXIV e XXV
Pedroso. Posit. II. No 6 p. 433
Sete variantes

MVSIS SACRVM
NON VI, SED INGE NIO ET ARTE
M
L

EPITALAMIO PASTORIL.

A Antonio de Saa, no casamento de de sua filha, a Senhora Dona Camilla de Saa.

DErecho succeſſor, firme coluna
Deſta caſa de Saa, que ſiempre entera
(De las edades corriendo cad'vna,)
Por ſi ſegura, y tan conſtante, eſpera,
(Que reja, o no reja la fortuna,)
Cogida, o deſplegada la bandera,
En vos quanto ſperar ſe puede ſobra,
En quien corren a par deſſeo, y l'obra

Y no qual por aqui pechos vfanos
De ſus blaſones y escudos pintados,
(Cuentos inciertos quiça, y algunos vanos)
(Porque puedan paſſar,) mucho ha paſſados.
Quien fizo differencia de villanos
A caualleros, blandos, y enſeñados?
Sino proezas y buena criança?
Toman las fuerças al tomar de lança.

Vos aun que tantos coſtados contaes
Noble de toda parte (como aqui

Bollicio algun se siente) alla bolaes,
Testigo es Cepta, testigo, Casi.
Con quanta diligencia que buscaes
Grandes afrentas, y no a la buelta ansi,
Mas en reposo todos los recelos,
Que reposo no os dan vuestros abuelos.

Cuentase destas fiestas con espanto
Alla entre nos, mandadnos dar la puerta,
Cantaros ha esta gente aqui entretanto
Que el mayor regozijo se concierta,
Aunque al palacio so conuenga tanto
La campoña Aldana, aun poco abierta,
Y en fin vn Pythalamio, otros cantores.
Ah de los mios Amores, Amores?

Pastores del Epythalamio. Nuño, y Turibio.

Nuño. A do te lleuan Turibio los pies?
Mas yo que digo? Eres tu este, o no?
Ni si te veo sè, ni si me vees.
Tal te paraste? quien te demudò?
Mal espantado me has, y no se estrece,
Que alguna escura sombra te assombrò.
No se, de mi quiça que te parece
Puede ser que otro tanto: mas pariente
En ti mui poco de ti remanece.

Turi. Piensas que con los pies, y no otramente
Somos aca y alla soncas lleuados,

Como los mas se piensan dessa gente?
Eres en muy gran yerro, y si guiados
Cuidas que somos de los nuestros ojos,
Los nuestros guiadores son cuidados.
Que d'antojos nos lleuan en antojos,
Como plumas que alçadas lleua el viento,
Si vna vez de plazer, muchas de enojos.
Amy lleuame ora assi sin tiento
No (como dixe) pies, mas no se quien
Que a pocas no me sobra entendimiẽto.
Nuño. Lo que yo pariente diria que fue
La tu alma enagenada en fuerte punto
Passose a cuerpo ageno, y d'alla vee.
D'alla responde a lo que te pregunto,
A ti mismo eres fecho como estraño,
Biues en otre, enti y'eres defunto.
Vna mala dolencia, vn claro engaño,
Antojadizo, sin juizio, o tino,
Oy mal y cras peor, al mes y al año.
Yo no soy escolar, mas adeuino,
Que bien indalgare sin errar nada,
Como vn ciego que està cabe el camino.
Mas es fatiga vana, y mal tomada,
Por vn yerro comun de los zagales
Que por rodeos van, dexan la estrada.
Atiente, si me crees, a las señales
Mas que a palabras destos trasportados,
Que mucho mas q̃ el biẽ preciã sus males.
Dizese en general que enamorados,
A todos juzgan los otros por ciegos
Y al contrario ellos son d'ojos quebrados.
Bien entiendo pariente aquessos juegos,

Iuegos son y digo,o que? digo locuras
De los pastores, y aun de palaciegos.
No se darme a consejo,voime a escuras
Hasta que estos antojos yuso cayan
Y a plaça vengan sueños, y folturas.

Nuño Ciertos breuages se, con tanto que ayan
A ti mismo en ayuda,si los beues
Yo fio que la puerta al quicio trayan.

Turi. Quien sabe que podra? son cuentos largos
Los mios, va mi mal mui de rondon,
He miedo de añadir cargos à cargos.

Nuño Que poquedad es essa? eres varon
Vees la verguença que es peor que el mal
Leuantate a pesar del coraçon,
Toma a la soledad odio mortal,
No te engañen lugares deleitosos,
Abrigados al cierço y vendaual.
Los prados con las sus fuentes hermosos,
Flores,y arroyos,que van discorriendo
Con los sus pexezicos bullicioſos,
Abejas que andan la su miel cogiendo,
Con el zonido sordo por las flores
Y no vees que alli falte,ellas partiendo.
Y luego buelues suspirando,: Amores
Sin que os coste nada, me podreis
Hazer el mayoral de los pastores.
Tiene por cierto Amor estrañas leyes,
Mas lo que con paz tuya dicho sea
Tomado lo aueis tal, tal lo teneis.
Auisote tambien quando alborea,
Tus oidos atapa al cantar blando
Del Ruy señor q̃ el ayre y el bosque arrea

Rue

Ruego, requiero, y si mas puedo, mando
Que arrojes lexos de ti la çampoña,
Los tus cantares no vas recordando.
Trae cada cantar su carantoña,
No podras con la carga y graue peso,
Es musica a aquel mal, clara ponçoña.
No confies (te auiso) del tu seso,
Al tu peligro busca compañia,
Que te ayude a soltar, ya que estàs preso.
Del buen amigo todo lo confia,
Descargate seguro en sus oydos,
Que en noche tan escura cumple guia.
Va pidiendo prestados los sentidos,
Que los tuyos ya vees que los perdiste,
No te pierdas tambien tras los perdidos.
Mas pecador de my que no me oyste,
Estoyte hablando, pero que aprouecha?
El cuerpo aqui se està, tu trasposiste.

Turi. Conuieneme passar la puente estrecha,
Y (como dizen) beuella, o vertella,
En fin que fue verdad la tu sospecha.
El alma mia a aquesta parte, y a aquella
En vn punto lleuada, mal podria
Estar queda, segura, y sin querella.

Nuño Toribio, contra el mal de fantasia
(Que es ligero, y a comete hõbre a desora)
Cumpre vela, atalaya, escucha, y espia,
Y no dexarte trasportar cad'ora
Diziendo, ò que iua Olaya tan loçana?
D'aquellos ojos quien no se enamora?
Si es fresca, tan apuesta, y tan galana,
Como no es tal a Diego, y es lo Elena?

Y a Pedro Elena no, es lo Ioana?
Y esse tu cuerpo grande como acena
A caerce cansado, arde el pauilo
Vee se la llama, la candela apena.
Ayudate Zagal, ayrado dilo,
Contra ti mismo, ayas de ti verguença,
Como vn bouo no estees preso d'un filo.
Vees que amor al peor siempre enderença,
Despierta la razon, lidien abraços,
Ayudala, si quier que vna hora vença.

Turib. Ay las mis cuentas, antes embaraços,
Aqui estoy mal, peor si la mi tierra
Medexo, haziendo el coraçon pedaços.
Que mirando despues d'aquella sierra
Hazia esta, pienso quan triste diria
Quien me lança de ti? quié me destierra?
Ado me lleua Amor? que es la mi guia?
El fuesse el buen juez, pesasse el yerro,
El pesasse el tormento, y cuita mia!
Ansi passando mal de cerro en cerro,
Ora mirando aca, ora aculla,
Todo se es aguzar hierro con hierro.

Nuño. Por demas son remedios, mi fè ha
Aquien oyllos no quiere, ni vellos,
Vasija rota, que toda se và.
No se puede saluar ni por cabellos,
Son quien se ayuda, y aun esse confatiga,
Quié remedios quisiere ande tras ellos.
Date date al trabajo, el cuerpo obliga,
Sabe que reina Amor en ocio blando,
Luengo y duro trabajo lo castiga.
Toma el açada vaa despedaçando,

Turi.

La tierr

La tierra no mollida, enxiere y planta,
Vê la ſiebe, y pared y vallo alçando,
De ſuelate la noche, el lobo eſpanta,
Aticia los canes, como ſi lo vieſſes
Ya la oueja afferrar por la garganta.
Deſpues canſado vella que no ceſſes,
Al fuego trabajando en tu cabaña,
Que mejor de trabajo es que murieſſes.
Nunca falta al paſtor que bien ſe amaña
En que ſe paſſe la noche ſombria,
Y el trabajo tal vez cantando engaña.
Refreſque ſiempre la melanconia,
Los deſſabridos deſprecios, y brios,
Que Amor paſſando va de dia en dia.
No te combido con breuajes frios,
Hechizos ſuzios, magicos cantares,
Vanos remedios, antes deſuarios.
Yeruas dallende de los nueſtros mares,
Cogidas ala Luna, en las entrañas
Buenas a quitar vidas, no peſares.
Cuentan las viejas en las ſus patrañas,
De cierta encantadera, que boluia
Los que arribauan ende, en alimañas.
Era vna Isla en la mar, alli gruñia
El puerco, vuiaua el perro, el oſſo tanto
Temido, el Leon brauo ende rugia.

Turi. O buen amigo, tu no vees que en quanto
Nòs departimos, ſube vna auezilla,
No ſe ni ſi es cantar, no ſe ſi es llanto,
Subio, que malaues aturo a oylla,
Ni vella, ſon de quando en quãdo à pena,
Digo en buena verdad, que vue manzilla.

Parecia espiritillo que anda en pena
Por essos ayres, Nuño si la oyeras.

Nuño Dizen por esso tal, Hija sey buena.

Turi. Ora, Nuño, ora di cuenta de veras
Que de veras te escucho, y estoime atẽto,

Nuño Cuentame mas daquellas hechizeras.

Seria esso tener mano enel viento,
Si no hablo mal, empero si lo has gana,
Otro te contare, dexo aquel cuento.

Turi. Perdona amigo a la cuita villana
Que comigo arremete, y sobresalta,
Esta alma mia, mal cuerda, y mal sana.
Y fazeme caer cad'hora en falta
Mas cuenta Nuño que atento estare,
Aunque enel pecho el coraçon me falta.

Nuño De Ribero has sabido bien quien fue,
Quanto pudo en tañer, quãdo en cantar,
Del, y Gil otro tal, te contarè.
Y quando otro tal digo, has de pensar
En algun gran pastor de nuestros hatos,
Que con el ser oydo pudo a par,
Acuerdome a la sombra d'vnos latos
De sauzes altos, verdes, y graciosos,
Se ajuntauan pastores muchos ratos.
Como vees que acontece a los ociosos,
Hablar desto, y de aquello, y mas zagales,
Que son parleros, y son porfiosos.
En fin fialos conciertos fueron tales,
Cad'uno destos cante su cancion,
Vno bienes d'Amor, otro los males.
Es de saber, Ribero en la prision,
D'Amor, sus quexas nos representasse

Las sus grandezas Gil, al mismo son.
Turi. Ay mi buen compañero, no traspasse
Tamanha ocasion al mi desseo,
Darm'has la vida, que anda al passe, passe.
Comigo hermano hasta agora peleo,
Agora peleare soncas contigo,
Que muchos dias ha que lo desseo.
Nuño Ala ribera d'vngracioso rio
Quantos aquella vez eran presentes,
Ribero todo demudado y frio.
Cantò temblando los versos siguientes.

CANTA RIBERO LOS males de Amor.

Mandaesme ora que cante,
Triste que cantare?
Y mas d'Amores que enemigos son?
Mandadme que leuante
Suspiros, que esto sé,
Conformandome al tiempo y a la razon,
Pues atinando al son,
Quexoso de mis daños,
Dire mil desconciertos
O que seran mas ciertos
D'Amor, y como quier, por cierto estraños.

Que

Que me han este mal sano
Pecho, todo metido a saco mano.

Esto que Amor llamaes,
(Del qual me aueis forçado
Entre vos a dezir,) mas razon fuera
(Si alas obras miraes)
Del ser antes nombrado
Enemigo cruel, son que yo me muera.
Sabeis de que manera
Por bosques solitarios,
Nos lleua dando gritos,
Suspiros infinitos,
De q̃ son nuestros pechos tributarios,
Si aquella es la su cura,
Por sus remedios, vereis que es locura.

Despues mirad sus fuegos,
Sus mudanças tan prestas,
Sus gestos, sobre saltos, y meneos,
En verdad que son juegos,
Que corren sobre apuestas,
Lleuados de los locos sus desseos.
Viejos demonios feos,
Teñidos, mal teñidos,

Los gestos trasportados,
Los pechos ora inchados,
Ora del todo en vista consumidos,
Muerdese vno arrauiado,
Otro statua de piedra, anda pasmado.

Viene otro murmurando
Consigo, y no se entiende,
Todos se burlan del, y el no los vee,
Vanlo al dedo indilgando,
No espereis que se emiende,
Siempre esto assi será, siempre assi fue:
Como me ayuntaré
En tan poco d'espacio,
Tantas diuersidades
De las sus liuiandades
Que aun pẽsar no se puedẽ sin cansacio:
Dire solo esto poco,
Qu' a tãtos de mil locos, mãda vn locõ.

Tambien yo mal peccado
Ende voy de consuno,
Que ni lo que hago se, ni lo que digo.
Hemos mal barajado,
Yo comigo importuno
Como enemigo con otro enemigo,

Quando

Quando ſe ſiembra el trigo,
Quando anda por las eras,
Paſſa vno, y paſſa otro año,
No ſientes el engaño,
Son quando ya del todo deſeſperas.
Sin ya triſte en ti ſer
Ir adelante mas, ni de boluer.

Que valles no corri?
Que boſques no buſquè?
Que peñas? q̃ eſcõdrijos d'animales?
Por me furtar amy?
Qual deſtos cerros fue,
Que no ſepa mis quexas deſiguales?
De que rios caudales
No rebolui riberas?
Ora arriba, ora ayuſo,
Qual monte no reſpuſo
A mis finales bozes laſtimeras?
Tan claro que yo boluia
Ojos atras, por veer quien reſpondia?

Engaño poderoſo,
Meter yo meſmo en ſeno
Vn fuego que ende alçò llama tan braua?
Amor tan gracioſo,

Amor tan blando y bueno,
Como tanto de mal diſsimulaua?
Que cad'hora me laua
De lagrimas el geſto,
De tal color teñido
Que es trabajo perdido
Eſperallo lauar ſoncas tan preſto,
Onde eſperança pone
Corriendo alla me lleua, ella traſpone.

En infierno, ay quien cuenta
Por vn monte alto arriba
Q'vn cãto a cueſtas ſube vn cõdenadõ
Iamas por jamas ſe aſsienta,
Quando que alo alto arriba
Reſuala, y buelue el peſo atras priado:
Preſtamente el cuytado
Torna a la ſu demanda,
Eislo ſube del hondo
Con ſu canto redondo,
Qu'otra y otra vez cae, y enbald'anda
Igual embaimiento
Lleua, y trae el Amãte en tal tormẽto.

Que vos dire d'Amor que no ſepais?
Enemigo cruel,
Que los mas ſuyos, mas ſe q̃xando del.

Anſi canto Ribero, y vimos claro
Mientras cantaua, que lo interrumpian
Muchos ſolloços del ſu pecho amaro.
Lagrimas de los ojos le cahian
Vnas tras otras por la cara ayuſo,
Con harta compaſsion de los que oyan.
Turi. Yo vide algunos verſos que el compuſo
Quaſi todos lloroſos, tuuo vena
Blandiſsima, y aun mas blanda conel vſo.
Mas Gil por la tu fè (ſi no te pena)
Que vino de la ſu parte arguyendo
No le auia a faltar gracia, ni lena.
Nuño. Primero vuo que hazer, vnos diziendo
Que el ſu mal proprio cantara Ribero,
No los d'Amor, los otros defendiendo.
Que anſi dezian quien ſe paga el fuero
Sabe ſus males de toda manera,
Del cabdal, de las geras, y dinero.
Con todo Gil, bien vimos que quiſiera
Deſcabullirſe al reto porfiado,
Por buena voluntad no falleſciera.
En fin tomo el Rabel como forçado,
Y afinando lo eſtuuo cuerda à cuerda,
El arquillo bolaua, y anſi afinado
Acudia apuntando con la eſquierda.

Canta Gil los loores de Amor.

No veis como al cantar
D'Amor el Sol ſe aclara?
Las auezinhas abuelo ſe erguieron?

No veis regozijar
Los pexes al agoa clara?
Luego aca, luego alla se arremetierõ?
Mas ah que me fuyeron
El aliento y la lengua,
Dubdando ala empresa altà
A tal tiempo, tal falta,
A quiẽ boluerme deuo en tãta mẽgua:
Son al fresco moçuelo
D'Amor, q̃ siẽto andar cercano abuelo.

Amor que en vn momento
Visita este ayre puro,
Del nõbre solo, quien no se enternece?
Comun consentimiento
Le dio deidad de juro,
Y niñez, que jamas no se enuegece
Todo desaparece,
Y todo aprissa fuye,
Pera no boluer mas,
Ya fuera todo atras
Son, que Amor (su merced) lo restituye
De nueuo refaziendo
(Quiẽ lo puede negar?) siẽpre aplaziẽdo.

Emprimauera vsana
Mirad que se enamora,

La misma tierra, ved como se arrea
D'oro, y plata, y grana,
Viene Pomona y Flora,
Que la cubren, vestiendo a su librea:
Verá quien quier que vea
Toda cosa criada
D' Amor fauorecida,
De nueuo ir dando vida
En rios, en la tierra, y en mar salada:
Saltar pexes tan altos,
Que mas parecen buelos, que no saltos.

Las aues y las fieras,
Que nacen tan armadas,
Luego en poder d'Amor se paran blãdas,
Mas antes lisongeras,
Las fuerças oluidadas,
Ronceando se van en sus demandas:
Senhor que todo mandas,
Nuestros pechos visita,
Tu buena merced sea,
Entra por nuestra Aldea,
Inchela toda d'Amor, y odios quita,
Que por muy buena suerte
Todo eres vida Amor, desamor muerte.

Entre flores ſuaues
Si eſtàs contra tu grado,
No te podran tener, ni aun en cadenas,
Ay quanto que ſon graues,
Las fieſtas al forçado,
Quãto biẽ ende vẽ, buelue ſe en penas.
Malas coſas y buenas
Haze Amor, y deshazẽ,
D'abſoluto poder,
Quereislo clar o veer?
No llamamos plazer, ſon lo q̃ aplaze,
Quanta noche eſclarece,
Y quantos dias que Amor eſcurece?

Ciertos emboluedores
Falſos, y femẽtidos,
Entran hurtados, (ſiẽdo Amor auſente)
Al arrayal d'Amores,
Ende deſconoſcidos,
Toman a engaño al ſimple, al innocẽte
Cauſa que tanta gente
Vaya con boz lloroſa
De mandando piedad,
Tornad en vos, tornad,
Que aũ trabajos d'Amor, ſõ dulce coſa,

Catad que essos moçuelos
Que por Amor passais, son malos celos.

Amor nunca alabado
Por mucho que sea assaz,
Si a lo que se le deue se mirò,
Quien al mal prolongado
O fuesse en guerra, o em paz,
Puso dulce esperança, si Amor no?
Quien el palacio enchio
De ricos atauios?
Aquellas opiniones
De galas y inuenciones,
Que serian sin el? son desuarios?
El puso ende las damas
Arde el palacio todo en biuas llamas.

Y a nos quien nos sostiene
Entre tantos sudores,
Desta vida cansada aca de fuera?
Saluo este Amor, que viene
Con los sus lamedores,
A esforçar vno a vno que no muera?
Templad d'una manera
En sus iguales modos
Estos nuestros rabees,

Tocad vno despues,
Sin q̃ otros no toqueis, respõden todos,
Amor que no podrá,
Si tanta fuerça a los conciertos das?

Es trabajo sin fin que me aueis dado
Que a labança mayor
No quier Dios de nos mas, q̃ solo Amor.

Ansi nos canto Gil, y a nos boluido
Dixo, esto fue complir vuestro mandado,
No cantar, no tañer, que no lo ha sido.
Turibi. O mi buen compañero, ah que me has dado
La vida con las tus buenas canciones,
Menudamente de todo acordado.
Nuño. Si ansi Turibio te plugon sus sones,
Oyendolos a ellos, que fizieras:
No pude mas, conuiene me perdones.
Mas tu quiçàs no vees las cantaderas
Que alla parecen? que frescas Zagalas
Vestidas como aguisa d'estrangeras.
Dos Mengas, dos Eluiras, dos Pascoalas,
Semejan entre mil como escogidas,
En cuerpos, gestos, gracias, y en las galas.
A fiestas deuen d'ir tan guarnecidas,
Y tan acompañadas, abalemos
Turibi. Ah Nuño, como? y a fiestas me combidas.
Nuño. Otros a tantos de Zagales vemos
Ala porfia contrales teniendo,
No lo sufre razon que tal dexemos.
Passar Carillo, viendo, y no lo viendo.

Zagalas. Razon ay que tal ſufra? vna donzella
Criada a mil regalos, enel ſeno
De ſu madre, ella çaharenha y bella,
Que venga vno de fuera, vn como ageno
Y que la lleue mientras ſe querella?
El geſto todo de lagrimas lleno,
Que ſe puede penſar coſa mas fea?
Entrada de enemigos el Aldea?
Sà, Saa, por ayre, tierra y mar reſſuena
En comun alegria, y buena eſtrena.

Zagales.

Padres, madres, hermanos ſon vencidos
En los proprios amores verdaderos
Deſtos eſclauos que llamais maridos,
Haſta la muerte ſanos compañeros:
Pero los ſuegros (como embeuecidos
Del plazer grande) piden nueuos fueros,
Dad que gelos deueis nietos a pares,
De que donayres cuenten a millares.
Sá, Sà, por ayre, tierra y mar reſſuena
En comun alegria, y buena eſtrena.

Zagalas.

Ay Zagalejas nueſtras tan preciadas,
Y vos que lo penſais, porende altiuas
Andais (al parecer) glorificadas,
Que no ſemejais quaſi a coſas biuas:
Perdeislo todo como ſois caſadas,
Paſſaisuos de ſeñoras a catiuas,
Quien lo puede negar? y en tanto daño
Apeſar de razon, vence el engaño.
Sà, Sà, por ayre tierra y mar reſſuena
En comun alegria y buena eſtrena.

Zagales

Zagales.

No se puede negar que todo fuye,
Quanto mas las liuianas volu ntades,
Este tiempo gloton todo destruye,
Las duras peñas, quanto mas beldades,
Tan delicadas, quien lo restituye
Todo, si Amor, no por sus bondades?
El solo nos defiende a la fortuna
A las bueltas del Sol, y dela Luna.
Sá, Sà, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagalas.

Essa restitucion de que acenais,
(Que son los hijos,) ay las sus fatigas,
Ah los trabajos grandes que callais,
Disimulando cuitas tan antigas:
Que vosotros sabeis que las causais,
Dias crueles, noches enemigas,
Desigual parçeria, juzgue Amor,
La parte flaca mas, passa peor.
Sà, Saa, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Passais desgradecidas como en juego
Tantos suspiros de los seruidores,
Oyame el turbio Duero, oya el Mondego,
Cad'uno con la su fuente de Amores,

No sabeis como va derecha al fuego,
Arbol sin frutto aunque lleue flores?
Y dize el que la riega, y que la escaua,
Que quiero mas aqui dest' Arbol braua?
Sà, Sà, por ayre tierra y mar ressuena
En comun alegria y buena estrena.

Zagalas.

O dulce libertad como te vas
Assi cubierta de nombres pintados!
Que nunca buelues ni apareces mas?
Corre el engaño todos los estados,
Si pudiessen boluer tiempos atras
Como no pueden, ni consienten hados,
Auerian lugar buenos consejos,
Seriamos a nos buenos espejos.
Sà, Sà, por ayre, tierra y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Zagales.

Zagales.

Relampaguean fuegos que nos ciegan,
Veis quanta gente? veis quanta señal?
Y todas d'alegria que saltan y se allegan
A nos, que no séra soncas por mal,
Estas lo que mas dessean, niegan,
Los sus esposos, no les creais tal,
No os engañen fingidos sus enojos,
No las lagrimas falsas de sus ojos.
Sà, Sá, por ayre, tierra, y mar ressuena
En comun alegria, y buena estrena.

Glosas, Cantigas, & Chistes, ao Modo Italiano. De Francisco de Saa de Miranda.

Glossa (como se na quelle tempo costumaua) a esta cantiga de Dom Iorge Manrique.

No se porque me fatigo,
Pues com razon me venci?
No siendo nadie comigo,
Y vos, y yo contra mi.

Yo por aueros querido,
Y vos a my desamado,
Cõ vuestra fuerça y migrado
Auemos a my vencido.
Y pues fui mi enemigo,
En me dar como me di,
Quien osara ser amigo
Del enemigo de si?

Mas despues en my tornado,
No se porque me fatigo,

Haz lo que suele el pesar,
Desatinandome ansi,
Mas boluiẽdo a en vos pensar,
No se de que me quexar,
Pues con razon me venci.

En aquella mi agonia,
Ya no me quexo: mas digo,
Quando fue la prision mia,
Quien ayudarme podria
No siendo nadie comigo?

Glossa ao costume daquelles tempos.

Del tormento fatigado
No se que consejo sigo
Voi de cuidado en cuidado,

Y aun esto no abastò,
Que harto mal era por si,
Que a my me faltasse yo?
No fui comigo alli, nò?
Y vos y yo contra mi.

Que diran a tal concierto
Sin mas dilacion cumplido?
Entramos me auemos muerto
Vos porque no see, mas cierto
Yo por aueros querido.

Lo mas como lo sabrè?
Que en aquel pũto ordenado,
Que a vos los ojos alcè,
A mi desamado me'he,
Y vos a mi desamado.

Enel mal quando acontece,
Es consuelo el ser forçado,
Tambien esto aqui fallece,
Que juntamente parece
Cõ vuestra fuerça, y mi grado.

Fuerça, en q̃ no consentistes,
Mas vuestro poder sabido,
Em q̃ venceis quanto vistes,
El, y los mis ojos tristes,
Auemos a mi vencido.

Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaran vn abrigo,
En tantos desassosiegos?
Pues acendi los mis fuegos
Y pues fui mi enemigo?

Es la razon natural,
Cada vno an si por si,
Que a los otros sere tal,
Quãdo ami mismo hize mal,
En me dar como me di.

Todos van al su prouecho,
Yo q̃ a mis males me obligo,
Ando comigo en despecho,
De tão duro y cruel pecho,
Quien osará ser amigo?

Mas que digo yo? osarà
(Y no mucho antes ansi
Qual peligro deterna)
Aquel que fuyendo và
Del enemigo de si?

CANTIGA SVA.

Señora oid la mi suerte
Y de vuestra crueldad
Por no pediros piedad
Antes la pido ala muerte.

El mi coraçon caido,
En tanta cuita y desmayo,
Pues q̃ nunca os ha mouido,
Ante la muerte lo trayo,
Mas no se como concierte,
Tan grande desigualdad,
Que me hazeis pedir piedad,
Contra la muerte ala muerte.

CANTIGA SVA.

Quãto mal me era ordenado,
Las cosas con que naci
Algunas me han desechado,

Alcanco

Alcance otras contra my.

De la mi alma no sẽ
Que es della, y mi coraçon,
Ala fuerça no ay razon,
Cad'uno tras vos se fue.
Vida, memoria, y cuidado,
Sentidos que a vos ergui,
Estos nunca me han dexado
Por seren mas contra my.

CANTIGA SVA.

Que he isto onde me lançou
Esta tempestade ma?
Qu'he de my se não sou la?
E ca comigo não vou?

Inda que me eu ca não via
Tudo vos confessarei,
Onde a vos & a my deixei
Cuidaua que me acharia,
Agora quem donde estou
Nouas de my me trara?
Pois dizeis que não sou la
Não sei sem my onde vou.

ESPARSA SVA.

Porque podera abafar
Ouuindo, o que nace mudo
Com desejos de falar,
Antes se lhe nega tudo.
Ora auendo de nacer
D'ouuir de vos tal desejo,
Porque ouui se vos não vejo
Nem vos espero de ver?

CANTIGA SVA.

Puede se esta llamar vida?
Ala qual se entra llorando
Que se passa suspirando
La muerte es la su salida?

Por lo qual yo sin ventura
Con gran cuita he desseado
Que vuiera sido lleuado
Del parto a la sepultura,
Tal esperança perdida
Yo no se loco tras que ando
Voime assi deuaneando
Entre la muerte y la vida.

ESPARSA SVA.

Tornouseme tudo em vento
Apos tormento, & tormento,
Que eu passei cuidãdo em al,
Em fim veo cedo o mal
E tarde o conhecimento.
Eu assi desenganado,
Vejo vir males mayores
O tempo a que sou chegado?
Que posso doer às dores,
E dar cuidado ao cuidado.

CAN-

CANTIGA SVA.

Mal de que me eu contentei,
Contas rematadas ja,
Agora deſcanſarei
Eſta dor me matarà
Senão, eu me matarey.

Nas couſas que não ha meo
He eſcuſado canſar mais,
Ir de receo em receo
E de ſinais em ſinais.
Em vão ca, & la canſei,
Tudo me he tomado ja,
Agora deſcanſarei,
Ou me eſte mal matarà,
Senão, eu me matarei.

CANTIGA SVA.

Comigo me deſauim,
Sou poſto em todo perigo
Não poſſo viuer comigo
Nem poſſo fugir de mī.

Com dor da gente fugia
Antes que eſta aſsi creceſſe
Agora ja fugiria
De mim, ſe de mim podeſſe.
Que meo eſpero ou que fim?
Do vão trabalho que ſigo
Pois q̄ trago amim comigo
Tamanho imigo de mim?

CANTIGA SVA.

Criado ſempre no meo
De dores, fez ſe a dor tal,
Que pode chegar o mal
Onde não pode o receo.

Que ſe eu podera algũa hora
Em tanto tempo cuidar
De ver tamanho peſar
Poderão ſofrer agora,
Mas que farei ſe a ſer veo
Crecendo a dor a ſer tal
Que pos auante o final,
Donde o poſera o receo?

VILANCETE SEV.

Eſperanças mal tomadas
Agora vos deixarei
Tão mal como vos tomei.

Que vida ha de ſer a minha
Por tẽpos, nem por mudãças
Que poſſaõ vir? que nã tinha
Mais bem q̄ eſtas eſperãças?
Agora às desconfianças
E ſoſpeitas que farei?
Com que lhas defenderei?

Conſelhos mal atinados
O tempo ao menos vos cãſe,
Partão cuidados & vão ſe,
E porem, ò que cuidados?

Mas

Mas deixẽme erros passados
Em q̃ eu por meu mal entrei,
E por meu mal sairei.

CANTIGA SVA.

Sortes & venturas saõ
No mal que me assi fazeis
Se tendes causa ou não,
Senhora vos o sabeis.

Por isso quanto padeço
E o mais que de vos espero
Queroo se o mereço,
E se não tambem o quero.
Que agora mal o cuideis
Annos & tempos farão
Que o que sem razão fazeis
Inda julgueis por razão.

VILANCETE SEV.

Que mal auindos cuidados
Me tomarão antre si!
Nunca taes cuidados vi.

A minha alma não repousa
Nem de noite, nem de dia,
Dentro nella contraria
Toda cousa, a toda cousa,
O cuidado, que mais ousa,
E que mais confia em si,
Ora he assi, & ora assi.

Que me quer este receo
Inda sobre meus agrauos?
Temme tomados os cabos
Não tendo meus males meo.
Ia não confio nem creo,
Ia confiei, & ja cri,
Mal assi, & mal assi.

Inda se isto ser podesse
Que por tempo se faria,
Que hũa hora me nã temesse,
Isto me descansaria.
Mas não vejo porque via
Se possa fazer, que assi
Não moura como viui.

CANTIGA SVA.

Razão & tempo seria
De ver sua vaidade
Aquella cega vontade
Que tão cegamente guia.

Que podera hũ grande imigo
Fazer mais? certo he q̃ não,
Por mimos do coraçõ
Inda tudo o peor sigo.
Voume assi de dia em dia,
Olhos de longe à verdade
Entre tanto esta vontade
Assi cega guia, guia.

CANTIGA SVA.

El agrauio que recibo
De quien yo menos deuiera
Dexadme

Cf. Camões Soneto 130 (Ed. Ad.) estou cego e guio.

Dexadme llorar ſiquiera
Ya que para mas no biuo.

Aliuio ſea, o ſalida
Aldolor, eſto que os cueſta?
Que no paſſe al otra vida,
Con tanta querella deſta?
Mientras de mal tan eſquiuo
Mas mal no quiere q̃ muera
Dexadme llorar ſi quiera
Terne ſolo eſto de biuo.

ESPARSA SVA.

Do paſſado arrependido
Seguro doutro erro tal,
Seja o perdido, perdido,
E do mal, omenos mal.
Façaſe o que vos mandaes
Não nos ouça mais ninguem
Que do mal voſſo & dobem
Não ſei qual quiſeſſe mais.

A eſte villancete velho.

Todos vienen de la villa
No viene Domenga.

Francisco de Sá.

Quanta Zagala tornò
Ahotas que yo las vi bien,
Vna falta, y es por quien
(Quanto a mi) nadie boluio.
Que me hare coitado yo
Con que la vida de fenda?
Haſta que me vida venga.

A eſtoutro villancete tambem velho.

Por malos emboluedores
Pierdo triſte mis amores.

Franciſco de Sà

Ahum ſò deſcanſo q̃ eu tinha
E hũa ſò eſperança,
Donde veo tão aſinha
Aſsi, tamanha mudança?
Que ſi fez da confiança
Com q̃ nos tormentos mores
Eu paſſaua as minhas dores?

Se auia o ſer de ſer tal,
Melhor fora antes não ſer,
Ouueſe me enueja ao mal
Que outrẽ não pode ſofrer.
E eu veyo vir a correr
Sobre mim meus matadores
E fugir os valedores.

Males q̃ eu tanto eſtimaua
Quẽ ſe nos meteo no meo?
Em tẽpo q̃ eu mais andaua
Sem ſoſpeita & ſem receo?
O engano & o enleo

Que

Que engeitão os seruidores,
E querem antes senhores.

CANTIGA SVA.

Nada do que ves he assi
Tras os olhos não te abales,
Tudo he mudemme daqui
Matemme nessoutros vales.

Posto que al te assi pareça
Deste sonho & mostra vaã,
Por defora resplandece,
Dentro não ha cousa saã.
Corri montes, corri vales,
Cuidado cego apos ti,
Deixame morrer ja assi
Nã me mãdes ver maismales.

Vilancete por outro que diz
Serrana onde jouueste, feito meo dormindo.

Francisco de Saa.

Coração onde jouueste
Que tão má noite me destes?

Toda a noite peleijei
Eu que ja mais não podia
Busqueiuos, não vos achei
Sem vos, eu sò que faria?

Destesme dores de dia
Pollo que assi me fizestes,
Denoite dores me destes.

CANTIGA SVA.

Foime grande agrauo feito
Sermia hora mal de crer
Quẽ mo fez podeo fazer
Ou a torto, ou a direito.

Estaua ordenada hũa hora
Veo, nãoouue hi tardança,
E leuou hũa esperança
Que se não fora, eu não fora.

Que remedio ao q̃ he ja feito?
Quem o fez tinha o poder,
Eu que posso hi al fazer,
Senão gemer em meu peito?

VILANCETE SEV.

Se meu tormento me desse
Vagar para cuidar nelle
Não me queixaria delle.

Foyme dado hum so momẽto
Des então pude atinar
Que não fora elle tormento
Se me dera este vagar:
Não mo quiserão mais dar

E ha

E ha que podera com elle
Ser vida,& morte sem elle.

ESPARSA SVA.

Todas as cousas tem cabo
Seja paz, ou seja guerra,
Olhai quebrada da terra
O meu sãgue,& o meu agrauo
Cad'hora em tudo ha mudãça,
Vira apos esta outra tal
Fazer justiça & vingança
Negra da minha esperaça
Que me doe mais q̃ meu mal.

VILANCETE SEV.

Os meus castellos de vento
Que em tal cuita me posestes
Como me vos desfizestes;

Armei castellos erguidos
Esteue a fortuna queda
E disse, Gostos perdidos
Como his à dar tã grã queda?
Mas ò fraco entendimento
Em que parte vos posestes
Que entã me nã socorrestes?

Caistesme tão asinha
Cairão as esperanças,
Isto não forão mudanças
Mas forão a morte minha
Castellos sem fundamento
Quanto que me prometestes?
Quanto que me falecestes?

CANTIGA SVA.

Cego deste meu desejo,
Mal dos males,mor dos mores
Quem não daria estas dores
Por quantos prazeres vejo?

Meu mal tudo tem por si,
Tão cegamente deseja,
Que inda não vejo, nem vi,
Cousa que me faça enueja.

Teue este mal os seus meos
Com que aprouue a sua dor
Mas trago inda os olhos cheos
Qu'hei de ver cedo outro mor

ESPARSA SVA.

Não vejo o rosto aninguem
Cuidaes que sãõ, & não saõ
Homés que não vão nem vẽ,
Parece que auante vão,
Antre o doente, & o saõ
Mente cadora a espia
Na meta do meo dia
Andaes entre lobo & cão.

VILAN-

VILANCETE SEV.

Deixaime asminhas triſtezas
Que ja gora outra alegria
Mayor perigo ſeria.

Aos males acoſtumados
O meſmo coſtume he cura
Bẽs tão vãmente eſperados,
Quem os ſofre? & quẽ atura
Senão deſapaixonados?
Crieime con meus cuidados
Ia agora não ſaberia
Andar noutra companhia.

CANTIGA SVA.

O coração que vos ve
Aos olhos que vos não vem,
Não mos culpe, que não tem
Algũa razão porque.

Cad'hora eſtes olhos canſo
Por eſtes montes arriba,
Que á viſta curta & catiua,
Tolhem todo ſeu deſcanſo.
Deixẽnos cegar, que tem
Chorando razão porque,
Buſcouuos a alma, & là he
Os triſtes chorão daquem.

CANTIGA SVA

Toda eſperança he perdida,
Tudo veo a falecer,
E o que fica da vida,
Ficou para m'euperder.

Aquella eſperança minha
Aſsi falſa, & vaã como era.
Cos olhos que eu nella tinha
A todo mal me atreuera:
Hora ella he toda perdida
Mas não m'hão de fazer crer
Que não ha mais neſta vida
Se não nacer & morrer.

Cantiga feita nos grandes cã-
pos de Roma.

Franciſco de Saa.

Por eſtes campos ſem fim
Onde a viſta aſsi ſe eſtende
Que verei triſte de mim
Pois veruos ſe me defende?

Todos eſtes campos cheos
São de ſaudade & peſar
Que vem pera me matar
Debaixo de Ceos alheos,
Em terra eſtranha, & em ar
Mal ſem meo, & mal ſem fim
Dor que ninguem nã entẽde
Atè quam longe ſe eſtende
O voſſo poder em mim.

ESPARSA SVA.

Que la mi vida se assuele!
Sin razon q̃ anſi lo quiera!
Yo me pene, yo me muera!
Que na die nome conſuele!
Y porque aſsi me a contece
Ninguno me lo demande
Toda razon desfalece.

CANTIGA SVA.

Hũa morte hei de morrer,
Que faz mais aſsi, que aſsi?
Iſto não poſſo ſofrer
Aueremſe de perder
Os olhos com que vos vi.

Os olhos porq̃ paſſarão
Os voſſos ao coração,
Onde para ſempre eſtão,
Sòs eſtes que me ficarão
Fora a minha ſaluação.
Mas ſe inda os hei de perder
Afora quanto perdi,
Acabarei de morrer
Acabarei de ſaber
Para quanto mal naci.

ESPARSA SVA.

Como não quereis que ſeja
Meu perigo em todo eſtremo,
Se minha alma aſsi deſeja
Tudo o de q̃ me mais temo?
E para mor meu tormento
Aſsi cego aſsi enlheado,
De tudo o al fui roubado,
Ficoume o conhecimento.

A eſta Cantiga velha.

La que yo tẽgo no es priſion.
Vos ſois priſion verdadera,
Eſta tiene lo de fuera,
Vos teneis mi coraçon.

Por dom Fernando de Lima

De la gente que aqui viene
Entre my de riſa muero,
Y del ciego carcelero
Que pienſa q̃ aqui me tiene:
Solamente la priſion,
Y hierros ven como quiera
No veen cad'uno q̃ ende era
Donde era ſu coraçon.

Toda viſta por mas clara
Que ſea, ha por torcida
Sea, remo, o ſea vara,
Si eſtá enel aguoa metida.
No os engañe mi priſion
Aunq̃ el cuerpo aqui ſemuera
Buſcadme alli por de fuera,

Por donde anda el coraçon.

CANTIGA SVA.

Pois meu mal com quãto he,
Inda a crueldade he mòr,
Ao menos faça esta dor
Ante vos fè, de tal fè,

Vistes passar tantos annos,
Durou sempre este cuidado
Que nunca se vio mudado,
Não estranheis desenganos
Em homem tão enganado.
Sem causa, assi sem porque
Traz hũ mal, outro mal mòr
Mas de mim seja o que for,
Lembre que foi polla fè.

VILANCETE SEV.

O meu mal pudeo sofrer
Co este que todo he vosso
Que vos não doa, não posso.

Vos passailo alegremente,
Mal ajão os maos sinaes,
Que então saõ elles mortaes,
Quãdo homẽ seu mal nã sẽte.
Vos não sentis ò presente
Quanto vos custa este vosso,
Assi quero, & assi posso.

Mas se hi ha peso & medida,
Nem de todo tudo he vento,
Tambem o meu sentimento
Deue ser final de vida.
O esperança comprida.
Que eu somente pello vosso
Tanto esperala não posso.

CANTIGA SVA.

Tudo passa como hum vento,
Hũ mal sẽpre me he presẽte,
Que o coração innocente
Cad'ora poem a tormento.

Aas voltas coas sospeitas
Contas fiz, contas defiz,
Estas despois que as fiz
Forão pera sempre feitas.
Iaz alto seu fundamento,
Neste brauo fogo ardente
Por quem culpado se sente,
Moura o sẽ culpa a torméto.

ESPARSA SVA.

Quãdo nos meus erros cuido
No meu claro & lõgo engano,
Leuemente passo o dano,
A par de tanto descuido.
Passando a força de braços,
Por hũs, por outros empeços,

Quam

Quam mal que neſtes eſpaços
Dizem as fins cos começos!

VILANCETE SEV.

Eſtes meus olhos que aſsi
Liſongeão a vontade
Se me falarão verdade?
Hey medo que ma não falem
Não me fio, no que vejo,
Que saõ couſas do deſejo,
Cõtra quem olhos não valem.
Não saõ pera mais que aſsi
Andar ao ſom da vontade,
Chorar aa neceſsidade.

Na ſepultura de Pedraza, que no Cancioneyro geral de Caſtella ſe chama Conſtãcio.

Alma q̃ em tão breues dias
Tal nõbre, y tal fama has dado
Al cuerpo aqui ſepultado
Que a otra parte regias,
Aqui la carne peſada
Ya tierra, eſpera por ti
Alma bienauenturada
En eſto no te va nada
Los hombres pienſan que ſi.

Sanan coſas de preſencia,
Mas amy enfermo d'auſencia
Matanme coſas preſentes.
Pues eſtoi do no deuiera,
Y lexos de do deſſeo,
No llegàra a do me veo,
O nunca de allà partiera.

Cantiga de Ioão Cru.

Como no ſe deſeſpera
Quien ſe vè como me veo?
Tan lexos de dò deſſeo
Tan cerca dò no quiſiera.

Ajuda de Franciſco de Saa.

Triſte q̃ ha de ſer de mĩ
Como biuo ſola vna'hora
Canſado y corrido anſi,
De lo que me veo aqui
Y lo que he viſto alguna hora.

Ajuda do dito Pedraza.

Los males de los auſentes
Mi eſperança liſongera
Con quien tanto ha q̃ peleo
Que me quereis? que no veo,
Porque la vida ya quiera.

A Sepultura de hũa Dama.

de Francisco de Saa.

De quam pouca terra satisfeita jaz
A que toda ella a não merecia!
Aquella que triste, ou leda, como hia
Assi punha tudo ou em guerra ou em paz.
Leuounola a morte cruel que desfaz
As mayores cousas com mayor presteza
Ah morte! Ah mundo! A tua riqueza
De quam pouca terra satisfeita jaz!

CANTIGA SVA.

Olhai a camanha estreita
Senhora he minha alma vinda
Na vida tanta sospeita,
Na morte saudade infinda.

Quem me dara nouas penas
Inda q̃ me tudo tolha,
Com que voe? & q̃ me acolha
Do meo de tantas penas?
A saida agra & estreita
Causaõ tanta ida & vinda,
Da vida lança a sospeita,
Da morte saudade infinda.

CANTIGA SVA,

Ledo em meus males sẽ cura,
E nos descansos cansado,
Querendo, & sendo forçado,
Ora cuidarme assegura,
Ora me mata cuidado.

Assi me tem repartido
Estremos que não entendo,
De toda parte corrido,
De todas desocorrido,
De nenhũa me defendo.
A vida està mal segura,
Eu tenho outro mor cuidado,
Que mal tão bem estimado
Que nesta desauentura
Me faz bem nau enturado!

Dialogo que mandarão os Fidalgos as Damas.

Hũa cousa cuidaua eu
Causa doutras muitas cousas
Razão tinha de a cuidar,
Dame sem-razão cuidado,

Inde

Ind'ei de pedir a outrem
Das ſuas culpas perdão.

Reſpondeo a Senhora Dona Lianor Maſcarenhas.

Hũa couſa cuidaua eu
Que nã ſou para eſtas couſas,
Razão fora não cuidar
Em tão ſem razão cuidados
Pois hei de ſofrer a outrem
Culpas que não tem perdão.

Replicou Bernaldim Ribeyro

A mim me hei de tornar eu
Para vingar muitas couſas,
Que não ſaõ para cuidar,
Forão para dar cuidado.
Seja minha a culpa doutrem,
Que aſsi val mais q̃ o perdão.

Otro Dialogo que lhes tornamos a mandar.

Vi ſinaes, ho mal he grande,
Vios no ceo, vi na terra,
Ouueſe d'achar caminho
Para ſe tudo perder,
Deſejos de maſiados
Não ſaõ deſejos de vida.

Tornou ella a reſponder.

Outro mal ha muito grande
Neſta vida, & neſta terra,
Em que não vejo caminho
Para me nella perder,
Meus deſejos & cuidados
Não ſaõ poſtos neſta vida.

Franciſco de Saa de Miranda.

Cauarei, & o meu mal grande
Em gritos direi à terra,
D'alma hei dò, q̃ he ẽ caminho
Claro para ſe perder,
Quẽ ja acabaſſe os cuydados
Quando ſe acabaſſe a vida.

A eſta cãtiga que cantão pollas ruas em Dialogo.

Naquella ſerra
Me ir quero á morar,
Quem me quiſer bem,
Quem me bem quiſer
Là me ira buſcar.

Neſtes pouoados
Tudo ſaõ requeſtas
Deixaime os cuidados
Que eu vos deixo as feſtas,
Daquellas floreſtas

Verei longe o mar
Porm'ei a cudar.

Reſponde a parceira.

Sombras & aguoas frias
Quando o ſol mais arde
Deſpois ſobre a tarde
Por cà bradarias
Vès que preſſa os dias
Leuão ſem canſar
Nunca hão de tornar.

A Primeira.

Não julgue ninguem
Nunca outrem por ſi.
Mais de hum bem que eu vi,
A vida não tem.
Não deixa eſte bem
Onde ſe elle achar
Mais que deſejar

A Parceira.

Deixa as vaidades
Que da mão à boca
O ſabor ſe troca,
Trocãoſe as vontades,
Eſſas vaãs ſaudades
Armadas no ar
Que podem durar?

Naquella eſpeſſura
Me hei de ir eſconder,
Venha o que vier,
Acharme ha ſegura.
Se tal bem não dura
Ao ſeu paſſar,
Tudo ha de acabar.

A eſte Villancete velho.

Poſiera los mis amores
En vn tan alto lugar
Que no los puedo oluidar.

Al mi mal tan mal creido
Sin fin, comienço, ni medio,
El remedio era el oluido,
Yo oluideme el remedio.
Por vos, no duelen dolores,
Por vos, no peſa el peſar,
Como os podre oluidar?

Por vos, el contentamiento
(Quien nunca tal coſa oyo?)
Entre la muerte y tormento
Lugar para ſi fallò,
Y en medio de mis dolores,
Que andan para me matar,
Aplazer ſe puede eſtar.

A eſte

A este vilancete de Garci Sánchez de Badajoz.

Secaronme los pesares
Los ojos, y el coraçon
Que no puedo llorar, nõ.
Francisco de Saa.

Quedar qual esta alma queda
No se como pueda ser,
Si otros lloran con plazer
Que ella de triste no pueda?
Quando vna persona leda
Puede llorar, como nõ
Puede vn triste coraçon?

A quella cantiga velha.

En toda la Tramontana
Nunca vi cosa mejor
Que era la esposa d'Anton
Vaquerizo de Morana.

Naquelle longo desterro
Que eu por vontade segui,
Quer fosse razão, quer erro
Quis o coração assi.
Vi hũa visaõ vfana,
As vezes cuido que não,
Fosse verdade ou visaõ,
Hia em trajo de serrana.
Não era o coração quedo
Indo, & tornando a meude,
Ora ò prazer, ora ò medo
Tiueme o melhor que pude
Quantos bẽs ma sorte dana!
Brada quem ò vè em vão,
Tal como era, era de Antão
Hum vaqueiro de Morana.

Olhos que taes olhos vistes,
Viuei bemauenturados,
E porem ouuidos tristes
Para tanto mal guardados,
Que he isto que assi engana,
E assi despreza a razão?
Suspiraua por Antão
Quem nã tẽ nada de humana?

A este vilancete alheo.

En las tierras de do vine
Vy quanto se puede veer,
Alla me quiero boluer.

Francisco de Saa.

Pero mientras deuanco
Pensando a quanto alla vy,
Forçado y tenido aqui,
Lleuado alla del desseo,
Mientras debato y peleo,
Si me piensan de tener
El alma aura de boluer.

A este villancete velho.

Saudade minha
Quando vos veria?

Por terra ja assi,
Tudo, em tal mudança,
Que faz inda aqui
Nenhũa esperança?
A minha lembrança
A minha perfia,
Que mais a perfia?

Que faz hum desejo
Tão desenganado?
Que faz o sobejo
Deste meu cuidado?
Comigo apartado
Quando a noitecia,
Quando a manhecia.

Saudade & sospeitas
A torto & a direito
Não sereis desfeytas
Quando eu for desfeito?
Inda o frio peito
Inda a lingoa fria,
Por vos bradaria.

A este vilancete de Manoel de Leyua.

Pois os meus olhos saõ vossos
Que faço eu,
Em dar a seu dono o seu?

Quantos conselhos se dão
Aos olhos com que vos vi,
Hum diz assi, outro assi,
Razões que não vem, nẽ vão,
Voume a pos o coração
Que vos já deu
Quanto soìa ter de seu.

Tudo he em vosso poder,
De liure que eu aqui vim
Não deixastes nada em mim
Nem olhos que al possaõ ver.
E como podia ser
Veruos eu
E ter mais nada de meu?

A este vilancete velho.

Sola me dexastes
En aquel yermo
Villano, malo, gallego.

A do te fuiste
Voy, y no se adonde,
El valle responde,
Tu no respondiste,
Moça sola y triste,
Que llorando ciego
Passastelo en juego

Por

Por yermos agenos
Lloro, y grito en vano
Gallego y villano,
Que esperaua menos?
Ojos dagua llenos,
El pecho de fuego,
Quando auran sosiego?

A este vilancete alheo.

Que vos farei meu cuidado
Onde vos trarei metido
Que não sejais entendido?

Descobrieisme cad'hora
Cuidei q̃ era á minha mingoa
Mas em quanto vedo a lingoa
Sahis pellos olhos fora.
E não cuidaes que me fora
Sendo meu mal entendido
Melhor nunca ser nacido.

A estoutro tambem alheo.

Desenganei hum cuidado
De parte do coração,
C'hũa desesperação.

Tenho a conta feita & chea,
O que ha de ser, seja logo,
Pollo ferro, & pollo fogo
Que não he a morte tão fea.

Viui á vontade alhea,
Moura à minha, & quãdo não
Apesar do coração.

CANTIGA SVA,

Se me este cuidado atura
Que me persegue, & q̃ eu sigo
A vida está em perigo,
E a alma pella ventura.

Bem sei tudo o q̃ ha de ser,
Mas he de tanto pesar,
Que hei medo de o dizer,
E medo de o cuidar.
Não vejo cousa segura,
Seguro he sò o perigo,
E o que agora náo digo
Deixai fazer á ventura.

A este villancete que se cãta.

En mi coraçon vos tengo
Por las gentes no os veo.

O Conde Luis da Silueyra.

Voy como loco sin tiento,
Con los ojos a buscaros,
Y de no poder miraros
Dios sabe lo que yo siento
Veos enel pensamiento,
Enel alma, enel desseo,
Con los ojos no os veo.

de Fran-

de Francisco de Saa.

Por lo qual buelto a mĩ seno
Por quanto bien del confio,
El mĩ coraçon ageno
Boluio de nueuo a ser mio.
D'otra parte yo sandio
Engañado del desseo
Con los ojos deuaneo.

A esta Cantiga alhea.

Ay que el alma se me sale
Lo porque siento perdella
Es porque estais vos enella
Que la vida poco vale.

Loco de mĩ que pensana
Podella aqui detener
Comigo, vna alma q̃ estaua
Vsana en vuestro poder,
Que quereis q̃ a esto iguale!
Siendo vos senhora della?
Esta es toda mĩ querella,
Que lo mas todo, que vale?

Aquella cantiga velha.

Doña bella, mal maridada. &c.

Ansi que aquella hermosura
Nunca vista sin espanto,
La gracia y desemboltura
Todo se es tornadà en llanto!
Fortuna tan mal mirada,
Que embidia tiene de si,
Donzella dichosa ansi,
Y Dueña tan desdichada.

No se que diga, o aquien
Culpemos en mal tamanho.
No se auynta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada
(Dixe yo luego que os vi)
No nacistes vos ansi
para ser bien empleada.

A este vilancete alheo.

Este mal
Otro tiempo lo senti,
Mas no me dolia ansi.

Este es el fuego por cierto
(Si del todo no soy loco)
Que me quemo poco a poco.
Crecio andando encubierto,
No fue muerto
Como deuiera, yo si,
Que no se parte de mĩ.

Por de mas es que me vele,
Que me tema, y q̃ me guarde,
Que el

Que el Sol q̃ mas tarde, ſuele
Salir mas rezio, y mas arde:
Aunque tarde,
Abriendo los ojos vi,
Que otro mal no duele anſi.

CANTIGA SVA.

Fuye el tiẽpo, eſtà el mal q̃do,
Penſe morirme, y no muero,
Deſenganarme no quiero,
Quando ya quiero, no puedo.

Todo ſe me va en antojos,
Eneſta priſion eſcura,
Cuitados de los mis ojos
Que pagan tanta locura.

De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo, y no quiero,
De lo que quiero y no puedo.

A eſte vilancete alheo.

Quem cuidar & quem diſſer
Que de matar ſois ſeruida,
Não ſabe que couſa he vida.

Não he dano o que não dana
Tee morte de voſſa mão
Não he morte, he nome vão
Que á primeira face engana.
Onde não ha couſa humana
Tudo ſpirito, & tudo vida,
Maljarà a morte eſcondida.

Ficaſe porem julgando
Antre hũa & a outra ſórte,
Se daes vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?
A fè que vai embicando
Não ve dos olhos tal vida
So mente porque duuida.

A eſte villancete de Dom Simão da Silueira.

Tu preſencia deſſeada
Zagala deſconoſcida
Di, porque la has eſcondida?

Franciſco de Saa de Meneſes.

El cielo niega el rocio
El ganado ſe nos pierde,
El campo ya no es verde,
Ni corre tan claro el rio,
Secoſe el valle ſombrio
Con la tu triſte partida
Zagala deſconocida.

Franciſco de Saa de Miranda.

Has la tu tierra aſſolada,
Que eras toda ſu riqueza,

Nacida

Naſcida enella & criada,
Podiſte hazer tal crueza?
Que en tal miſeria y pobreza,
Dexaſte con tu partida
Y a mim cuitado en tal vida?

Oydos que enſordeciſtes,
A ſuſpiros, y a los ruegos
Que veran los ojos triſtes
Aqui dexados tan ciegos?
Vaſcos y deſaſſoſsiegos
Son en lugar de la vida
Tras los tus ojos fuida.

Yeruas por las ſombras frias
Y las flores que has piſado,
Quanto te via, y tu vias
Todo queda auelenado
Vn triſte, vn ciego, vn cuitado
Vn loco en la tu partida
Paſmando pierde la vida.

A eſte villancete de Antonio de Azeuedo.

Polo bem mal que quiſeſtes
E eu nunca tenha prazer
Se vos mal poſſo querer.

Franciſco de Saa.

For'ella razão igual.
Mas vede as leis que amor tẽ,
Que ẽ vez de vos querer mal,
Aſsi vos quero mòr bem.
E paſſo tanto inda alem
Do que eſte mal ſoe fazer
Que me venho a aborrecer.

Villancete de Iuão del Enzina.

Quien te hizo Iuan paſtor
Sin gaſajo, y ſin plazer
Que tu alegre ſolias ſer.

Franciſco de Saa de Meneſes.

Eſſe plazer que me viſte
Todo fue vano y de viento,
Moſtraua contentamiento
Por me dexaren ſer triſte,
Mas pues que lo entendiſte
No te lo quiero eſconder,
Yo nunca tuue plazer.

Franciſco de Saa de miranda.

Vn yerro, y mas en zagal,
No es coſa que mucho eſpãte,
Mas ſeguir ſiempre adelante
Que es mal? ſi eſte no es mal?
Peſame de te veer tal

Huye

Huye el gazajo a correr,
Nunca passa el desplazer.

CANTIGA SVA.

De quem me deuo queixar!
De vos que podera ser,
Não vos sabe a alma culpar,
Fica somente o sofrer,
Se mais fica, he suspirar.

Os meus suspiros tè agora
Quasi erão contentamentos,
Tambem de prazer se chora,
Entrarão males de fora
Nũ hũ, nẽ dous, mais seiscẽtos.
Não lhes abastou entrar,
Mas inda sempre crecer,
Onde ha d'ir isto aparar?
Não fica senão sofrer
Ao mudo do suspirar.

Ora os suspiros que saõ
Saluo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração
Nossos ouuidos não vão.
Deixão tudo ao entendimẽto.
Que m'eu quisesse queixar
Quem me poderia crer?
Deixai, & venha o pezar,
Que pode o pouco empecer?
Que pode o muito durar?

CANTIGA SVA.

Alma tão sem assossego
Que né deste ar me nã farto,
Dõde cum queixume chego,
Com cẽ mil delles me parto.

Nas cousas em que algũa hora
Esperei de ter repouso,
Triste de mim que ja gora
Somente cuidar não ouso.
A que fraquezas que chego?
Em quantas partes me parto
Por este coração cego
Nunca de seus males farto.

Os meus perigos medonhos
Em q̃ a alma cad'ora empeça
Os ventos, a neuoa, os sonhos
Que não tem pees, nẽ cabeça.
O que coa linguoa nego
Por muitos sinaes reparto,
Em poder daquelle cego
De cujo poder não parto,

Mal as noites, mal os dias,
Com medos, & com sospeitas,
Fazendo contas baldias,
Que asinha serão desfeitas.
Com muito desassossego
Com q̃ chego & com q̃ parto
Con ver tanto, & ser tão cego

Todos

Todos do que encubro farto.

A este Villancete velho.
Francisco de Saa de Mirãda.

Dime tu senhora di,
Si me fuere desta tierra
Si te acordaras de mĩ.
Los mis pensamientos saltos,
Que a desora erguidos caen
Por tierra: siempre me traen
En dubdas y sobresaltos,
Passados montes tan altos
Que sera? lo que es aqui
No sabran parte de mĩ.

Con quanto ya desatino
En esto no deuaneo,
Alla males del camino
No los que por aqui veo.
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleuarà de aqui
Que no dan nada por mĩ.

Qu'estranha merced me fuera
En la triste ausencia mia
Solo el creer que se sabia
Quando ojos aca vuiera
Yà fuesse en burla si quiera
Los lugares dó te vi
Te hiziessen mencion de mĩ.

Bueluo alo en q̃ auia errado,
Por mis locuras me voi
Que ni sabes quien me soy
Entre quantos te han mirado.
Saluo si es por mas cuitado
Sin memoria otra de mĩ
Mas ya fuesse, y fuesse ansi.

A este Villancete de Pero d'Andrade Caminha em louuor da Senhora Dona Margarida da Silueira que intitulou Receo de louuor.

VILANCETE SEV.

Que posso de vos dizer
Pois que não posso chegar
Co desejo a vos louuar?

Francisco de Saa de Miranda.

Esta vaidade minha
Que tão ousada começa
Está sem pees nem cabeça
Nem deu começo ao q̃ vinha
A vaã que sò se mantinha
Como Camaleão do ar
Não se atreue a desejar.

Forças

Forças que vos enganaes
Cuidando a tão altos voos
Ia neſtes começos taes
Himos acabando nos
Senhora aquem vos la pòs
Tan alta, ha graças que dar
E a vos de nos perdoar.

Quem ſera de veruos dino?
Vi vos, foi a alma paſmada,
Fui aſsi como hum menino
Que vè, q̃ ſe eſpanta, & brada,
Não ſabe mais dizer nada,
Podeſe a ver vos chegar,
O mais he tudo paſmar.

A eſte Villancete q̃ ſe cãnta.

Taño os yo mi pandero,
Taño os yo, y pienſo en al.

Mietra el mal arde, y deſtruye
Buſco con q̃ el tiempo engañe,
Adeſora el alma fuye,
Que no ſe quaſi quien tañe,
Dexa aqui que me acõpanhe
La mi tanta cuita, y tal
Y aun va penſando a mas mal.

D'amor por cierto villano
Fieme como ſandia,
Puſome el pandero en mano
Fueſeme con la alma mia.
Eneſta tanta agonia,
De mĩ cuita deſigual,
Ni muere, ni mata el mal.

Sextina à maneira Italiana.

Não poſſo tornar os olhos,
Donde os não leua a razão.
Quem porà lei à vontade
Confirmada do coſtume?
Vontade que as ſuas leis,
Manda defender por força?

Iſto que al he ſenão força
Que me fazẽ os meus olhos?
Quebrantadores das leis,
Brada apos mĩ a razão:
Mas que val cõtra o coſtume
Que ſenhorea a vontade?

Conſelhos vãos à vontade
Que ſò pode, & ſò tem força,
Ajudada do coſtume,
Vos não podeis eſtes olhos
Alçar hum pouco á razão
Que faz & deſfaz as leis.

Amor taes ſaõ tuas leis
Tal dureza a da vontade
Agrão mingua da razão,

Queira

Queira, ou não queira he porforça
Qu'se me vã estes olhos
Onde se vão por costume.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis,
Ay escrauos dos meus olhos
Mandados da vaã vontade,
Aque destes tanta força
Em desprezo da razão.

He morta, ou dorme a razão
Não sente ja por costume,
Que farei à mayor força?
Ajão piedade as leis
De quem entregue à võtade
Vai preso a pos os seus olhos.

Olhos apos a vontade,
As leis apos o costume
Apos a força a razão.

A hum cantar alheo.

Quem viesse aquel dia
Quando, quando, quando,
Saliesse mi vida
De tanto bando.

Los tristes ojos
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mis enojos,
Vn plazer no vistes.

Vistes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna hora buena.

Si ala suerte mia
Pluguiesse, pluguiesse,
Que viesse ora el dia
Con que mas no viesse.

VILANCETE SEV.

Acostumeime aos meus males
Eu assi acostumado, & elles
Andão por me apartar delles.

Ah que cruel tirania,
Não sei que nome lhe ponha,
Não me doe de hũa peçonha
De que ja gora viuia:
Quãdo os meus males sentia
Quando me queixaua delles
Là me auiesse coelles.

Despois q̃ se hia mais brand
Fazendo o mal por costume,
Virãome andar sẽ queixum
Matãome remedios dando.
Tudo se vay reuezando,
Males que tremia ante elle
Mouro de saudade delles.

SONE

SONETO.

De Franciſco de Saa de Miranda â Madanella.

A voſſa verdadeira penitente
Quam bem guardaſtes ſeus pontos deuidos,
Os Apoſtolos erão ja partidos,
Ella não parte, vedeo que ali ſente:
E aſsi mereceo ver primeiramente
Deos em terra em habitos fingidos,
Tudo Amor vence, altiſsimos ſentidos
A quem tal ortelão ſe faz preſente.
Gregorio a poem por hũa, outros Doutores
Fazẽas tres, apos Gregorio vão
Deſpois os mais, com todos os pintores.
Aquelles direi eu ſenhor que ſaõ
(Aquelles outra vez que ſaõ) Amores
Dos taes ſuſpiros, hum ſò nunca em vão.

Trouas que Em Alcala de Henares leuarão o preço que foy hum Crucifixo de ouro. Sobre a Conceição de Noſſa Senhora.

PRrincipio, medio, ni cabo
Hallo Virgen ſingular
Para poderos loar,
Porque ſi mucho os alabo,
Mas es lo que he de ignorar.
Y pueſto que ſe ayuntaſſen
Todos quantos crio Dios,
Y ſiẽpre en vos ſe ocupaſſen,
Vn punto dubdo alcançaſſen
De lo mucho que ay en vos.

Fuente de nueſtro conſuelo,
Dechado de perfecion,
Por diuina permiſsion
Fuiſtes vos aca enel ſuelo
Preſeruada en concepcion.
Y tuuiſtes entre nos
Tan alta palma y victoria,
Que concebiſtes a Dios,
Y antes concebio el a vos
Mentalmẽte en ſu memoria.

De dò nos conſta ſentir
Que no ſolo no pecaſtes,
Pero ni peccar penſaſtes,
Porque en vueſtro concebir
De toda gracia abundaſtes.
Y en vueſtro vientre jocundo
Vemos que pudo caber
Por miſterio muy profundo
Aquello que todo el mundo
No lo pudo comprehender.

Hizo os Dios tã limpia y pura
Por acuerdo de los tres,
Y en vos tal merecer es,
Que l'Angelica natura
Teneis debaxo los pies.

Y en tan ſupremo lugar
Os quiſo Dios ſoſtener,
Que no podiſtes pecar
Porque do auia d'encarnar
Sin pecado auia de ſer.

Ved que miſterio excel
Vueſtra concepcion ob
Que por vos ſe reparò
El daño de la ſerpiente
Que a nueſtro padre engaño.
Y quiſo y permitio Dios
Por ſu decreto diuino,
Por vos tuuiſſemos nos
De congruo lo que vos
Mereciſtes de condino.

Quando Dios os dio la ſilla
Que eſta ſegunda enel cielo
Limpia os hizo, y ſin recelo
Concebida ſin manzilla
Por la mejor deſte ſuelo.
Porque quando os fabricò
Enel vientre maternal
Al punto os predeſtinò
Desde alli os eximiò
Del pecado original.

Forão mandadas eſtas trouas atras, de Caſtella ao Se
nhor Dom Duarte, Fezlhe Franciſco de Saa
outras tantas na meſma ſorte de Troua

A Y razon que tal cõsienta?
Diéſamiẽto altiuo vſano,
Que ſe atreua vnpecho huma
A poner en tal afrenta (no
Su lengua, ni la ſu mano?
Madre bendita ſi a vos
No acudimos, no ay remedio
Onde deſmayamos nos
Comiençan obras de Dios
Sinfin, comiençó, ni medio.

Si al Sol los ojos alçamos,
Como algun'hora acontece
La viſta luego en flaquece
De fuerte, ſi aporfiamos
Que a toda parte anochece.
Si ante los mayores fuegos
No van los menos a cuento
Que no nadas, y que juegos
Son a vos los ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

Eſo no te ſobreſaltas
No turbas, y alteras todo?
Del immenſo amor ſin modo
Quien fizo coſas tan altas
Cobrirſe de nueſtro lodo?
Virgen y madre ſin par
Alçad lo que abaxo yo
En vos ſe vino a encerrar
Dios que no cabe en lugar
Vueſtro pecho lo crio.

Madre y Virgen juntamente
(Quien nũca tal coſa oyera?)
El que en principio ya era
Del golpe de la ſerpiente
Preſeruada os vuo entera?
Eſto como puede ſer
Que contradize la edad
Quien todo lo puede hacer
Como Dios, tuuo poder
Como hijo voluntad.

Fuente donde gracia mana
Siempre clara, limpia y agena
Del turbio, digan, que ſuena
Quando por coſa tan llana
Os llaman de gracia llena,
Virgen diuino ſacrario,
No tuuo poder alguno
Cõtra vos nueſtro aduerſario
Que no pudo el vn contrario
Con otro eſtar de conſuno.

Boluia al camino, errado
De en ti hablar Señora indino
Madre del verbo diuino
De tal claridad turbado
Como atinare ſin tino?
Limpio eſpejo de la fè
Eſcurecido ja mas
Ah Senhora, ah que dire?
Ah, que ſoy niño, y no ſè
Que haga, o que diga mas.

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
INSTITUTO
DE
CAROLINA
MICHAËLIS DE
VASCONCELOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Faculdade de Letras
1315608393

DR. SÁ DE MIRANDA

OBRAS

CF
B
2
1